

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
ÁGUILA HELOIZA ALMEIDA DE PAULA**

CARTAS: UM GESTO GENEROSO DE COMPARTILHAR

Juiz de Fora
2020

ÁGUIDA HELOIZA ALMEIDA DE PAULA

CARTAS: UM GESTO GENEROSO DE COMPARTILHAR

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, pelo Centro Universitário Academia - UniAcademia, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura de Minas: o regional e o universal.

Orientadora: Prof.^a Dra.
Moema Rodrigues Brandão Mendes

Juiz de Fora

2020

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca – UniAcademia

P324

Paula, Águida Heloiza Almeida de.

Cartas: um gesto generoso de compartilhar / Águida Heloiza Almeida de Paula, orientadora Prof.^a Dr.^a Moema Rodrigues Brandão Mendes. -- 2020.

175 f. : il.

Orientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes.

Dissertação (Mestrado em Letras: Literatura Brasileira) – Centro Universitário UniAcademia, 2020.

1. Cosette de Alencar. 2. Laís Corrêa de Araújo. 3. Arquivos Pessoais. 4. Epistolografia. 5. Edição de fontes. I. Mendes, Moema Rodrigues Brandão, orient. II. Título.

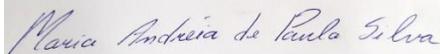
CDD: B869.1

PAULA, Águida Heloiza Almeida de.
Cartas: um gesto generoso de compartilhar. Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, do Centro Universitário Academia – UniAcademia, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura de Minas: o regional e o universal, realizada no 2º semestre de 2020.

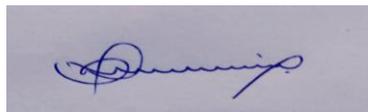
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes
Centro Universitário Academia - UniAcademia



Prof.^a Dra. Maria Andréia de Paula Silva
Centro Universitário Academia – UniAcademia



Prof. Dr. Anderson Luiz da Silva
Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR/ Campus Barbacena/MG)

Aprovada em: 02/12/2020.

Dedico este trabalho com muito amor, aos meus pais Ananias e Maria das Graças (sempre presente), grandes formadores e incentivadores de tudo o que sou hoje. Ao meu esposo Geraldo Magela pelo apoio, amizade, paciência e grande incentivo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pai de infinita bondade pelo dom da vida e por me carregar cuidadosamente em seu colo nos momentos mais difíceis da minha caminhada.

A Nossa Senhora das Graças, por tantas graças derramadas em minha vida.

Aos meus pais, Ananias e Maria que sempre lutaram junto comigo para que este projeto se tornasse realidade. Por acreditarem, incentivarem e me mostrarem o caminho do bem.

Ao Geraldo, meu esposo, meu amigo, companheiro de vida pessoal e acadêmica, com quem divido há anos as alegrias e as tristezas. A ele que acredita em mim, no meu potencial, na minha força de vontade e que me oferece as condições que eu preciso para seguir meus projetos de vida.

A parcela da minha família que acredita no meu potencial e torce pelo meu sucesso, meu irmão Robson, minha tia Dina, minha sobrinha e afilhada Évelyn e minha grande amiga e comadre Derlane. Obrigada pelo incentivo e pela presença forte de vocês em minha vida.

Aos Professores do Mestrado em Letras do UniAcademia pelo constante aprendizado, e em especial a minha orientadora Prof.^a Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes, uma mulher encantadora, firme e ao mesmo tempo tão doce, de tamanha generosidade na pesquisa e extremamente competente. Obrigada pela transformação realizada em mim como pesquisadora e como pessoa, por me fazer amar, estudar literatura, pelas aulas maravilhosas que me faziam refletir tanto, por me apresentar textos maravilhosos, por me escutar em momentos difíceis enfim, pelo carinho, amizade e constante incentivo. Nossa relação não termina por aqui. Tenho-a como uma pessoa muito querida.

A Prof.^a Dra. Maria Andréia de Paula Silva, uma das primeiras professoras que tive o prazer de conhecer e conviver durante o mestrado. Neste tempo de estudos tive a oportunidade de cursar as duas disciplinas oferecidas por ela, pessoa responsável, de tamanha competência e que, com toda certeza, teve grande participação no meu crescimento pessoal e acadêmico.

Ao Prof. Dr. Anderson Luiz da Silva, um grande estudioso da correspondência, pessoa que tive o prazer de conhecer ao longo do Mestrado e que muito contribuiu com apontamentos e considerações relevantes para a minha pesquisa.

Aos membros da banca, pela disponibilidade e colaboração com minhas reflexões sobre este estudo.

À Bibliotecária Adrieli Sandra de Oliveira Jacinto, funcionária do Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais, pela atenção dispensada, pelo atendimento presencial e pela troca de *e-mails*, onde foi possível sanar tantas dúvidas.

A todos os funcionários do Museu de Arte Murilo Mendes, na pessoa da Lucílha Magalhães, pelo atendimento sempre tão pontual e atencioso.

Aos amigos que o Mestrado em Letras me deu de presente, em especial à Josmara Perobelli e Alessandra Mara, pessoas com quem divido os anseios, as aflições, os medos, ansiedades e as alegrias.

Aos meus amigos, pelas orações e pensamentos positivos o que contribuiu para que eu pudesse alcançar meus objetivos.

Por fim, a todos os meus familiares e colegas que souberam compreender a minha ausência nesse período de estudo constante.

“[...] arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte” (ARTIÉRES, 1988, p. 32).

RESUMO

PAULA, Águida Heloiza Almeida de. **Cartas**: um gesto generoso de compartilhar. 175 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro Universitário Academia - UniAcademia, Juiz de Fora, 2020.

Esta reflexão investiga a troca de correspondência entre a escritora e jornalista, Cosette de Alencar, nascida em Juiz de Fora/MG (1918-1973), cujo lote epistolográfico é constituído por 12 documentos, totalizando 26 *fólios*, e Laís Corrêa de Araújo, poeta e ensaísta, natural de Campo Belo/MG (1927-2006), com 11 documentos, perfazendo 31 *fólios*, durante o ano de 1970. Este carteadado envolve estudos sobre Arquivos pessoais, Crítica genética e Teorias críticas da literatura que se fizerem necessárias para a identificação e análise dos componentes culturais registrados nas missivas. A proposta é elaborar uma edição de fontes, construindo notas elucidativas a partir do conteúdo desta correspondência, esclarecendo dados relevantes sobre a vida literária da época relacionados às signatárias e a terceiros por elas citados. Parte da pesquisa foi desenvolvida no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), cujos documentos estão depositados no Acervo da Família Alencar no Fundo da titular e outros dados foram coletados no Acervo de Escritores Mineiros (AEM), administrado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, cujos documentos constituem o Acervo da Família Ávila no Fundo da titular.

Palavras-chave: Cosette de Alencar. Laís Corrêa de Araújo. Arquivos Pessoais. Epistolografia. Edição de fontes.

ABSTRACT

PAULA, Águida Heloiza Almeida de. **Letters**: a generous gesture of sharing. 175 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro Universitário Academia - UniAcademia, Juiz de Fora, 2020.

This reflection investigates the exchange of correspondence between the writer and journalist, Cosette de Alencar, born in Juiz de Fora / MG (1918-1973), whose epistolical plot consists of 12 documents, totaling 26 folios, and Laís Corrêa de Araújo, poet and essayist, born in Campo Belo / MG (1927-2006), with 11 documents, totaling 31 folios, during 1970. This card involves studies on personal archives, genetic criticism and critical theories of literature that are necessary for the identification and analysis of the cultural components registered in the missives. The proposal is to prepare an edition of sources, constructing explanatory notes from the content of this correspondence, clarifying relevant data on the literary life of the time related to the signatories and third cited by them. Part of the research was developed at the Murilo Mendes Museum of Art (MAMM), administered by the Federal University of Juiz de Fora (UFJF), whose documents are deposited in the Alencar Family Collection in the Fund of the holder and other data were collected in the Collection of Minas Gerais Writers (AEM), administered by the Federal University of Minas Gerais (UFMG), in Belo Horizonte, whose documents constitute the Ávila Family Collection in the holder's Fund.

Keywords: Cosette de Alencar. Laís Corrêa de Araújo. Personal archives. Epistolography. Editing fonts.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEM	Acervo de Escritores Mineiros
CA	Cosette de Alencar
CADES	Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário
CDA	Carlos Drummond de Andrade
CEDECOM/UFMG	Centro de Comunicação/Universidade Federal de Minas Gerais
CES/JF	Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CoV	Coronavírus
DM	Diário Mercantil
COVID	Corona Vírus Disease
ESPII	Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional
FUNALFA	Fundação Cultura Alfredo Ferreira Lage
GA	Gilberto de Alencar
ICOM	The International Council of Museums
INL	Instituto Nacional do Livro
INPS	Instituto Nacional de Previdência Social
JF	Juiz de Fora
J. de Fora	Juiz de Fora
LCA	Laís Corrêa de Araújo
MAMM	Museu de Arte Murilo Mendes
MAPRO	Fundação Museu Mariano Procópio
MG	Minas Gerais PANDEMI
OMS	Organização Mundial da Saúde
PPG	Programa de Pós-Graduação
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
SARS	Severe Acurate Respiratory Syndrome
SL	Suplemento Literário de Minas Gerais
UniAcademia	Centro Universitário Academia
V.	Você
Walmap	Prêmio Waldomiro Magalhães Pinto

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	ARQUIVO É O LUGAR: LEMBRANÇAS DEPOSITADAS.....	18
2.1	PAPÉIS, RELÍQUIAS DO PASSADO.....	22
2.2	INSTITUIÇÕES QUE GUARDAM OS ARQUIVOS.....	26
3	O ARQUIVO COMO LABORATÓRIO DE MEMÓRIAS.....	31
3.1	COSETTE DE ALENCAR: CONVERSAS E CONSELHOS LITERÁRIOS.....	34
3.2	LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO: CARTAS SIMPLES E SINCERAS.....	39
4	CARTAS MUITAS CARTAS.....	44
4.1	O PREPARO DA EDIÇÃO: TEORIAS E CRITÉRIOS.....	49
4.2	MINHA AMIGA EPISTOLAR.....	52
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	142
	REFERÊNCIAS.....	146
	ANEXO A – RECIBO DO VALOR PAGO A COSETTE DE ALENCAR, REFERENTE AO PRÊMIO “DR. ANTÔNIO PROCÓPIO DE ANDRADE TEIXEIRA	159
	ANEXO B – DOCUMENTO QUE COSETTE RECEBEU DA UFJF REFERENTE AO PRÊMIO “DR. ANTÔNIO PROCÓPIO DE ANDRADE TEIXEIRA”	160
	ANEXO C – CARTA ENVIADA DE EDUARDO FRIEIRO PARA COSETTE DE ALENCAR.....	161
	ANEXO D – CARTA ENVIADA POR MARTINS DE OLIVEIRA PARA COSETTE DE ALENCAR.....	162
	ANEXO E – TELEX RECEBIDO POR COSETTE DE ALENCAR DO PREFEITO ITAMAR FRANCO.....	163
	ANEXO F – CARTA ENVIADA POR MARIA ALICE BARROSO PARA COSETTE DE ALENCAR.....	164
	ANEXO G – CARTA ENVIADA POR ZILÁH PARA COSETTE DE ALENCAR.....	165
	ANEXO H – E-MAIL ENVIADO À FUNCIONÁRIA DO AEM.....	166

ANEXO I – COMENTÁRIO FEITO POR JOSÉ AFRÂNIO SOBRE O LIVRO TERRA NO SANGUE.....	167
ANEXO J – ANÚNCIO PUBLICADO POR COSETTE DE ALENCAR SOBRE A SEGUNDA EDIÇÃO DO LIVRO TERRA NO SANGUE DE MAURÍCIO DO VALLE AGUIAR PELA MARTINS FONTES	168
ANEXO K – NOTÍCIA DA MORTE DE MÁRIO CASSASANTA.....	169
ANEXO L – PARECER NÚMERO 61, ENVIDO PELO ODAIR DE OLIVEIRA PARA COSETTE DE ALENCAR SOBRE O LIVRO GIROFLÊ, GIROFLÁ.....	170
ANEXO M – TELEGRAMA RECEBIDO DO MURILO RUBIÃO INFORMANDO A COSETTE SOBRE A CLASSIFICAÇÃO DO SEU LIVRO.....	171
ANEXO N – AGRADECIMENTO DE ELYSIO CONDÉ, ENVIADO A COSETTE DE ALENCAR.....	172
ANEXO O – FOTO DE LAÍS CORRÊA E AFFONSO ÁVILA NO LANÇAMENTO DE SEU LIVRO.....	173

1 INTRODUÇÃO

A disseminação do computador acabou com a carta e, na hora em que a matou, descobriram que era objeto precioso. [...] Estamos vivendo um *boom* editorial da epistolografia? A carta morreu, vamos publicar as que existem (GALVÃO, 2008, p. 15).

Em uma época em que não havia comunicações vias *e-mail*, *internet*, redes sociais e telefone como na atualidade; as cartas, bilhetes, cartões postais, convites e telegramas promoviam a sociabilidade e intercambiavam a troca de informações, pensamentos, preocupações, sensações, sentimentos e confidências entre as pessoas próximas e distantes (SANTOS, 1998), estabelecendo uma partilha de experiências e um significativo diálogo epistolar entre elas.

Amizades eram estabelecidas, confidências eram trocadas entre os missivistas, críticas eram elaboradas, indicações de livros eram feitas, obras e recortes de jornais eram permutados, favores eram pedidos e decisões eram tomadas entre os envolvidos, ratificando o importante papel da Crítica Genética no meio literário e acadêmico sob o viés da Epistolografia.

O título pensado para este trabalho **Cartas**: um gesto generoso de compartilhar dialoga e retoma a reflexão registrada por Demétrio dos Santos (1998), ao afirmar que a carta permite a aproximação de pessoas separadas por várias situações, possibilitando a comunicação entre as mesmas, ou seja, a troca de cartas permite o compartilhamento de ideias, ações e situações como um gesto de generosidade até mesmo quando a notícia não é das melhores.

Do lote pesquisado (1970), conseguimos apreender que a amizade e comprometimento entre Cosette de Alencar e Laís Corrêa de Araújo, fizeram com que elas mantivessem um ativo diálogo epistolar e, a partir dele, se inteirassem de diversos assuntos do meio literário, do acadêmico e da esfera pessoal.

A remetente, Cosette de Alencar, foi colaboradora de colunas em jornais da cidade de Juiz de Fora, e autora de duas obras. **Giroflê, giroflá** publicada no ano de 1971 e outra, **O diário de Ana**, que não chegou a ser publicada no formato livro e, sim, como folhetim no jornal **Diário Mercantil** nesta mesma cidade.

A destinatária, Laís Araújo, casada com o poeta Affonso Ávila, exercia as funções de esposa, dona de casa e mãe de cinco filhos, além de escritora. Laís teve seus livros publicados e foi crítica literária colaborando em jornais e revistas

nacionais sendo o mais significativo o **Suplemento Literário** do jornal **Minas Gerais**. Foi coordenadora de uma Biblioteca e participou de eventos relacionados ao meio literário, chamando a atenção para si pelo fato de estes eventos serem predominantemente masculinos.

A proposta desta pesquisa é elaborar uma edição de fontes ou edição anotada do carteadado empreendido entre as escritoras, criando notas de pesquisa que possam esclarecer lacunas de interesse da vida literária e facilitar a compreensão de futuros estudiosos, admiradores e simples leitores desta correspondência. Para isso foram empreendidas várias visitas ao Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), cujos documentos estão depositados no Acervo da Família Alencar no Fundo da titular. Outros dados foram coletados no Acervo de Escritores Mineiros (AEM), administrado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, cujos documentos constituem o Acervo da Família Ávila no Fundo da titular.

No desenvolvimento deste trabalho, procuramos expor que estas instituições têm como missão a preservação e conservação de acervos de escritores e intelectuais, contribuindo para a constituição da memória literária. Estes locais são responsáveis por receber, proceder ao tratamento técnico adequado, guardar e disponibilizar o material para pesquisa pública de modo que a integridade do doador seja mantida e sua memória preservada. A preservação documental é fator primordial e, diante desta afirmação, podemos entender que o mais correto a se fazer é preservar para não termos que restaurar no futuro, pois, quando visitamos os bastidores da criação é possível esclarecer lacunas antes inexplicáveis para os estudos literários.

O estudioso Philippe Artières (1998) nos propõe pensar como os indivíduos-titulares arquivam suas vidas, como são organizados seus arquivos, seus documentos, e o que se guarda e o que se joga fora, ao se fazer uma triagem, em toda produção.

Ainda de acordo com Artières (1998, p. 31), “arquivar a própria vida não é privilégio de homens ilustres (de escritores, reis ou de governantes). Todo indivíduo, em algum momento da sua existência, por uma razão qualquer, se entrega a esse exercício”, ou seja, por diversos caminhos de nossas vidas, exercemos o nosso

arquivamento pessoal, seja quando guardamos um *ticket* de supermercado, quando colocamos em uma gaveta uma passagem utilizada em uma viagem que nos sensibilizou, quando guardamos um telegrama, um bilhete, um cartão postal, uma receita médica, um caderno de receitas ou quando acumulamos em caixas nossos contracheques antigos.

Prossegue Souza apud Moraes (2002) afirmando que arquivo é o conjunto de documentos oficialmente produzidos e recebidos por um governo, organização ou firma, no decorrer de suas atividades, arquivados e conservados por si e seus sucessores para efeitos futuros. Diante dessas afirmações, percebemos que não existe uma pesquisa que não tenha consultado um arquivo em qualquer etapa do seu estudo.

Após estas reflexões, é importante informar que corpus desta investigação é constituído por 23 correspondências, totalizando 57 *fólios*: 9 cartas e 2 bilhetes foram enviados por Laís Corrêa de Araújo (sendo 3 datiloscritos e 8 autógrafos) e por Cosette de Alencar foram remetidas 11 cartas datiloscritas e 1 manuscrita híbrida (datiloscrita/autógrafa). O conjunto documental data de 05 de janeiro de 1970 a 24 de dezembro do mesmo ano quando Laís Araújo envia sua última carta. A partir da leitura detalhada das missivas, sustentou-se na verificação do seguinte problema: o carteadado entre as escritoras mineiras pode nos esclarecer como se comportava o mercado editorial à época, (1970), haja vista a preocupação de ambas as signatárias com publicações mútuas e de terceiros em suportes jornais e livros, citados nas respectivas missivas? Estas mulheres apresentam em suas cartas informações relevantes para que se apreenda melhor o momento histórico, literário e político do período citado com relevante comprometimento de preservação da memória? Conseqüentemente, a este trabalho importa resgatar, conservar, redescobrir e revalorizar a memória de escritoras que foram esquecidas, como Cosette de Alencar e Laís Corrêa de Araújo, dando-lhes oportunidade de serem lidas no futuro.

Em um contexto mais abrangente, esta pesquisa é extensão do trabalho iniciado pela Mestra Maria Elizabete Fernandes Affonso, investigação desenvolvida como Dissertação de Mestrado, intitulada **Vida e literatura**: Laís Corrêa de Araújo escreve a Cosette de Alencar, cuja defesa ocorreu neste mesmo Programa no ano de 2017, para a qual foi trabalhado o lote datado de 1967/1968. Ressalta-se que

para esta pesquisa não foram localizadas as cartas que Cosette de Alencar enviou à Laís Correa de Araújo.

Dando sequência, estendemos a contextualização informativa para a Dissertação do Mestre Wagner Lopes da Silva, intitulada **Por que a Laís está aqui?** a intelectual em cena pública, neste mesmo Programa, cuja defesa aconteceu em 23 de junho de 2020. Este *dossiê* epistolográfico é constituído pelas missivas ativas – enviadas por Cosette de Alencar e passivas – respondidas por Laís Corrêa de Araújo no ano de 1969.

Todas as cartas, foram transcritas respeitando a originalidade, integralidade do texto, e a escrita da época, para, então, iniciar a descrição de seu conteúdo, sequenciado pela descrição física do manuscrito. Os dados da pesquisa foram coletados por meio de levantamento bibliográfico, exploratório e documental, tendo sido consultadas fontes primárias (correspondências, manuscritos, datiloscritos, jornais e revistas) e fontes secundárias (livros, dicionários, artigos científicos, dissertações, teses e biografias) que tenham ligação com o tema proposto.

Conhecer a correspondência mantida entre as referidas escritoras, e identificar o caminho percorrido pelas intelectuais em sua trajetória crítico - jornalística em periódicos mineiros é de singular importância para os estudos da historiografia literária.

Para isso, a estrutura desta Dissertação assim se esquematizou: após a **INTRODUÇÃO**, segue-se a seção **2**, intitulada **ARQUIVO É O LUGAR: LEMBRANÇAS DEPOSITADAS**, onde apresentaremos um breve histórico do que é arquivo e ampliaremos os pressupostos que envolvem estudos teóricos da Crítica Genética e Arquivos pessoais, dando maior ênfase para o estudo da correspondência, uma vez que o *corpus* estudado na presente pesquisa são as cartas; na sequência as subseções 2.1 PAPÉIS, RELÍQUIAS DO PASSADO, ratificaremos a importância da preservação desses documentos para pesquisas futuras, mostrando a necessidade de se seguir certos procedimentos que visem ao acondicionamento correto desses documentos para que, então, seja evitada a sua deterioração; na subseção 2.2 INSTITUIÇÕES QUE GUARDAM OS ARQUIVOS, faremos um breve histórico do MAMM e do AEM, instituições onde estão depositados os acervos estudados, locais onde as pesquisas foram realizadas.

Na terceira seção denominada **O ARQUIVO COMO LABORATÓRIO DE MEMÓRIAS**, analisaremos a importância de revisitarmos o passado para reescrevermos o futuro, pois muitas vezes estão adormecidas informações valiosas que precisam ser resgatadas por contribuírem para a compreensão do processo cultural, social, intelectual e literário de um determinado período, não deixando de trazer a correspondência como fonte importante para recuperação de informações que só encontramos nessas fontes primárias; na sequência as subseções 3.1 **COSETTE DE ALENCAR: CONVERSAS E CONSELHOS LITERÁRIOS** estarão presentes informações biográficas, a trajetória literária e da vida pessoal da referida signatária, bem como os conselhos que ela dava e recebia da amiga e confidente; na subseção 3.2 **LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO: CARTAS SIMPLES E SINCERAS**, apresentaremos a mulher de múltiplas facetas, esposa, mãe, mulher que trabalha fora, cuida do lar e não abandona as letras, falando dessa múltipla jornada em casa, no trabalho e na vida literária e acadêmica, enfim de coisas do cotidiano da escritora.

Na quarta e última seção **CARTAS, MUITAS CARTAS** apresentaremos o referencial teórico que embasa o trabalho, a partir de uma revisão bibliográfica acerca da Crítica genética, dos Arquivos pessoais e da própria Epistolografia; na seção 4.1 **O PREPARO DA EDIÇÃO: TEORIAS E CRITÉRIOS** onde são registrados os critérios utilizados para o estabelecimento do texto epistolográfico e na subseção 4.2 **MINHA AMIGA EPISTOLAR**: apresentaremos o foco específico do trabalho, em que se encontra a transcrição das epístolas analisadas e a inserção das respectivas notas explicativas. Na sequência seguem-se as **CONSIDERAÇÕES FINAIS**, as **REFERÊNCIAS** e os **ANEXOS** pertinentes às pesquisas executadas.

Como informação final, esta Dissertação de Mestrado Acadêmico que está inserida na linha de pesquisa, Literatura de Minas: o regional e o universal é sediada pelo Programa de Mestrado em Letras, do UniAcademia com a área de concentração em Literatura Brasileira, constitui uma ação do Projeto, Arquivos literários: memória, resgate e preservação, (CNPq), liderado pela Prof.^a Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes orientadora desta dissertação.

A análise da correspondência na presente investigação nos permite compreender, que a amizade construída entre as duas escritoras, assim como o enriquecimento de informações da vida literária de ambas, foi fortalecida ao longo do

carteado, o que atesta a relevância do conteúdo das missivas estudadas e nos faz refletir sobre a importância do gênero epistolar para o avanço dos estudos literários.

2 ARQUIVO É O LUGAR

Desde a mais alta antiguidade o homem sentiu necessidade de conservar a sua própria “memória”, primeiro sob a forma oral, depois sob a forma de grafite e de desenhos, e, finalmente, graças a um sistema codificado, isto é, com símbolos gráficos correspondentes a sílabas ou a letras. A memória assim registrada e conservada constituiu e constitui ainda a base de toda e qualquer atividade humana: a existência de um grupo social seria impossível sem o registro da memória, ou seja, sem Arquivos (LODOLINI, 1989, p. 34 apud BRITTO; MOKARZEL; CORRADI, 2017, p. 160)

Com o advento da *internet*, devido à facilidade e à agilidade que ela proporciona para localização das pesquisas, quase não se vê estudantes e profissionais das diversas áreas do conhecimento se dirigirem a bibliotecas e arquivos para buscar fontes de informações relevantes para suas pesquisas.

Com isso faz-se necessário contextualizarmos a origem e o conceito de arquivo, de acordo com Marilena Paes, (2002, p.19), “[...] Alguns afirmam ter surgido na antiga Grécia, com a denominação *arché*, atribuída ao palácio dos magistrados. Daí evoluiu para *archeion*, local de guarda e depósito dos documentos”. Ao que acrescenta Ramiz Galvão (1909, p. 187) “o considera procedente de *archivum*, palavra de origem latina, que no sentido antigo identifica o lugar de guarda de documentos e outros títulos”.

O termo arquivo pode também ser usado para designar um conjunto de documentos não importando a sua espécie, bem como um nome dado a um móvel usado em escritórios e empresas para a guarda desses documentos e também como um local onde o acervo documental deverá ser depositado a fim de se tornar um arquivo público.

De acordo com Paes (2002, p. 20), “a principal finalidade dos arquivos é servir à administração, constituindo-se, com o decorrer do tempo, em base do conhecimento da história”, continua Paes (2002, p. 20) ao falar da função do arquivo “a função básica do arquivo é tornar disponível as informações contidas no acervo documental sob sua guarda”. Sob a perspectiva geral acrescenta Britto; Mokarzel; Corradi (2017, p.159) “[...] arquivo se constituem como espaços de preservação de informações e símbolos com alguma relevância histórica”.

Todos nós registramos passagens de nossas vidas, e costumamos arquivá-las, seja quando guardamos nossos documentos importantes, ou quando guardamos os documentos de alguém que partiu e nos deixa saudades, quando resolvemos

colocar dentro de um livro aquele botão de rosa que foi recebido durante a festa de 15 anos, ou a lembrança recebida no dia da primeira comunhão, as fotografias, os recortes de jornais, diplomas, os primeiros certificados de cursos realizados na adolescência, nossas agendas e diários entre muitos outros objetos que representam a memória de um tempo vivido. Muitas são as formas de arquivamento desses objetos, mas independentemente do método, todos os objetos acionam a memória de quem os guardou bem como, a memória de pessoas que por algum motivo estiveram presentes neles.

Para Eliane Vasconcelos e Marcelo Santos (2015),

De maneira geral, as pessoas guardam documentos que testemunham momentos de sua vida, suas relações pessoais ou profissionais, seus interesses. São cartas, fotografias, documentos de trabalho, registros de viagens, diários, diplomas, comprovantes e recibos. Tais documentos, quando tomados em conjunto, podem revelar não apenas a trajetória de vida, mas também gestos, hábitos e valores de quem os guardou, constituindo o seu arquivo pessoal (VASCONCELLOS; SANTOS, 2015, p. 214).

Diante do exposto, podemos constatar que todos nós formamos nossos arquivos pessoais ao longo de nossas vidas, e estes arquivos, quando localizados em nossas casas, próximos de nós, são considerados arquivos privados.

Nesta pesquisa daremos ênfase aos arquivos literários, que são arquivos produzidos por literatos ao longo de sua vida. Esses arquivos podem variar em diversos suportes, não sendo necessário ser apenas no suporte papel. Não se trata, portanto, de um arquivo qualquer, ou de um arquivo linearmente construído, mas de um arquivo híbrido, como os que se encontram depositados em museus ou instituições literárias, incluindo as correspondências, os livros, os bilhetes, os cartões postais, os recortes de jornais como também os objetos colecionados pelo escritores como quadros, máquinas de escrever, mobiliário, canetas entre outros.

De acordo com Marques (2015), os arquivos literários dos escritores constituem,

[...] mediações importantes para o desenvolvimento de pesquisas com as fontes primárias e documentais da literatura, contribuindo para o surgimento de novas abordagens críticas – a exemplo da crítica genética [...]. Assim, a incursão pelos arquivos literários constitui etapa indispensável da pesquisa literária hoje, sobretudo se se pretende buscar algum nível de “originalidade” ou de força crítica, capaz de deslocar o que está dado e consagrado. Já se mostram mais claros hoje os limites de uma pesquisa literária restrita ao

plano meramente bibliográfico, sem os suplementos dos arquivos dos escritores (MARQUES, 2015, p. 30 - 31, grifo do autor).

O pesquisador ao ter acesso a essas fontes primárias consegue solucionar lacunas que antes jamais poderiam ser solucionadas, pois tem acesso a documentos que muitas vezes trazem pensamentos, e anotações que o autor não pensava em publicar e que por vezes tratam da gênese da obra, e assim pode vir a mudar toda a história da criação. Como é o caso das correspondências cambiadas entre Cosette de Alencar e Laís Corrêa de Araújo, por meio das quais elas tratam de diversos assuntos relacionados ao meio literário e até mesmo de vida pessoal de cada uma. E por meio de uma dessas conversas trocadas nas cartas é que foi possível sanar a dúvida quanto à data de nascimento correta da escritora Laís Corrêa de Araújo.

Esses arquivos literários podem estar entre o público e o privado. Quando o arquivo é privado, o acervo do escritor se localiza na sua casa ou em um ambiente próximo a ele. No caso do falecimento do autor, o acervo fica sob a guarda dos herdeiros ou de algum parente próximo, permitindo assim que somente eles tenham acesso aos documentos.

Já os arquivos literários quando se tornam públicos, o acervo passa a ser custodiado por instituições de campo público, ou estatal, quanto do âmbito privado, ou de caráter misto, a exemplo das universidades, dos institutos e fundações culturais de bancos ou empresas onde é possível realizar o seu acondicionamento, tratamento e disponibilização aos pesquisadores. Para que esses documentos se tornem públicos é necessário que o autor manifeste seu desejo de doação ou, quando depois de sua morte, a família manifeste desejo de doar o acervo a uma instituição pública.

Marques (2015) investiga como o deslocamento do acervo do escritor, do espaço privado para o público, resulta em sua metamorfose em arquivo literário. Os acervos literários, organizados nas residências e escritórios do autor, ou seja, enquanto ele ainda é um arquivo privado segue padrões de organização e classificação criados pelo próprio escritor, quando ele é desterritorializado, ou seja, retirado do ambiente privado e transferido para uma instituição pública, com o objetivo de ser tratado, conservado e disponibilizado aos pesquisadores, ele ganha

um novo arranjo, uma nova organização, novas classificações, diferentes das feitas pelo escritor, conforme evidencia a citação abaixo:

Desse modo, ao migrarem os arquivos pessoais dos escritores e das escritoras – com suas bibliotecas, fundos documentais e coleções – de suas casas e escritórios para as instituições de guarda, operam-se complexos processos de desterritorialização e reterritorialização que afetam substancialmente esses arquivos em termos espaciais, organizacionais, simbólicos e conceituais (MARQUES, 2015, p. 32).

O tratamento que esse arquivo sofre por parte de saberes especializados – arquivologia, biblioteconomia e museologia o afetam.

Nesta pesquisa analisamos o processo de mudança do acervo da escritora Laís Corrêa de Araújo para o Acervo de Escritores Mineiros em Belo Horizonte, onde a bibliotecária Adriele Sandra nos respondeu, via *e-mail*, as seguintes informações:

Águida Heloiza: A vontade de doar o acervo da família Ávila, partiu de quem?

Adriele Sandra: “Após o falecimento de Affonso Ávila, em 2012, a família do escritor, representada pela professora Myriam Ávila, também Professora da Faculdade de Letras da UFMG, entrou em contato com o AEM e manifestou interesse em doar o acervo”.

Águida Heloiza: Em que ano foi feita essa captação?

Adriele Sandra: “O processo de recolhimento foi feito em 2014”.

Águida Heloiza: Em que consiste o acervo da Laís? É apenas de correspondências ou tem recortes de jornais, mobiliário, fotografias livros, etc.? Qual o número total de cartas trocadas entre ela e a Cosette?

Adriele Sandra: “Livros, documentos pessoais, correspondências, textos manuscritos, recortes de jornais, documentos de eventos dos quais participou, documentos relativos à atuação como secretária da esposa do Governador Bias Fortes, títulos, diplomas, medalhas e convites. Foram trocadas um total de 63 correspondências”.

Quanto ao acervo da escritora Cosette de Alencar, o processo de captação do acervo ocorreu em 2007, quando foi realizado um convênio entre a UFJF e a família de Gilberto de Alencar e Cosette de Alencar, por intermédio de sua sobrinha Marta de Alencar Souza, por um período de 12 meses, visando a transferência temporária dos acervos dos escritores para a UFJF, com o objetivo de inventariar, classificar,

catalogar e avaliar os acervos. Terminado esse período foi necessária a renovação por mais 12 meses, devido à necessidade de higienização do referido acervo. Hoje, o acervo se encontra catalogado e disponível aos pesquisadores.

É preciso repensar a importância e o valor cultural que os arquivos guardam. Hoje chega-se à conclusão de que toda pesquisa, seja ela de qual área for em uma de suas etapas precisará ter acesso a um arquivo.

A seriedade com que os profissionais da informação tratam os acervos contidos nos arquivos é essencial para o bom funcionamento do mesmo e para a preservação dos manuscritos e fontes primárias contidas neles, pois trata-se de documentos que guardam toda a história de uma povo e que são capazes de mudar a história da criação. Apresentaremos na subseção abaixo, informações sobre essas importantes fontes primárias que são os manuscritos, considerada aqui como relíquias do passado, bem como a importância da sua preservação.

2.1 PAPÉIS, RELÍQUIAS DO PASSADO

“O patrimônio sobre o papel do século XIX está agonizando; o patrimônio do século XX se esvai em uma tranquila indiferença porque outras técnicas de registro de informação ocultam a função sempre essencial do papel” (CASTRO, 2010, p. 31)

“[...] o papel é o suporte de grande parte da nossa informação histórica. E se este suporte não merecer um trato adequado, desaparece a informação que nele foi depositada em tempos passados”. (CASTRO, 2010, p. 42)

Nesta subseção ratificaremos a importância da preservação documental, para as pesquisas futuras, mostrando a necessidade de se seguir certos procedimentos que visem o acondicionamento correto desses documentos, para que, então, seja evitada a sua deterioração e mais tarde a intervenção por meio da restauração. Daremos maior atenção às correspondências, objeto maior de investigação desta pesquisa. Para isso, acredita-se ser necessário fazer um breve histórico da origem do papel, o mais célebre material empregado na escrita até hoje, sobre isso Mendes (2018) afirma:

[...] bem antes da Antiguidade Clássica, época em que não existia a escrita, as memórias eram armazenadas por pessoas que se denominavam guardiães. Esse processo ocorria por meio de mitos e ritos, cemitérios, templos e praças até a criação do papel como o temos na atualidade – ele é originário da China em início do século II. O desenvolvimento do papiro deu-se em 2200 a.C. e a palavra latina *papiros* deu origem ao vocábulo “papel”. Nesse processo evolutivo, surgiu o pergaminho essencialmente feito da pele de carneiro, o que tornava os manuscritos grandes e, para cada conjunto de folhas, era necessária a morte de vários animais, fato passível de crítica. Foi criado, então, o papel que era constituído a partir de tecidos velhos e pedaços de rede de pesca, misturados ao córtex de vegetais cujas cascas eram cozidas até o ponto de compor uma camada fina de fibras. Em uma caixa de madeira, as fibras eram misturadas à água até virarem uma pasta. As fibras unidas em tiras serviam como superfície resistente para a escrita hieroglífica cujos rolos chegavam a 20 metros de comprimento (CALDEIRA, 2002 apud MENDES, 2018, p. 103).

Diante da passagem acima, podemos compreender como foi a percurso da escrita até chegarmos ao suporte papel, produto este tão essencial para que a humanidade registre sua história e suas memórias.

E é neste suporte que foram escritas as correspondências e os bilhetes estudados nessa pesquisa, sendo alguns deles manuscritos autógrafos com indicações na marginália, outros datiloscritos com assinatura à tinta, algumas rasuras e indicações na marginália. As missivas encontram-se com pequenas marcas de dobras e possuem manchas amareladas devido ao tempo, mas seu estado geral de conservação é bom. Durante a pesquisa, notou-se que a escritora Laís Corrêa de Araújo arquivava também os envelopes das cartas recebidas de Cosette.

Com a evolução da escrita o homem passou a produzir e a registrar mais informações sobre diversas áreas. Estas informações passaram a ser produzidas numa velocidade muito grande, sendo necessária a sua separação, organização, acondicionamento e preservação para as futuras gerações. E é com relação a esse cuidado com as informações produzidas, que nos preocupamos com a preservação dos documentos contidos no suporte papel.

Ao que acrescenta Silva (2011, p. 245) entende-se por preservação “toda ação que se destina a salvaguardar ou recuperar as condições físicas e proporcionar permanência e durabilidade aos materiais dos suportes que contêm a informação”. Ainda sobre preservação, Castro (2010, p. 32) acrescenta, “[...] assim, pensar a preservação documental na sua historicidade significa ampliar, sobremaneira, o território de análise da construção cultural preservacionista brasileira”.

Quando nos referimos ao termo preservação documental, não se deve pensar somente no formato papel, pois lidamos com documentos em diversos formatos, ainda mais quando se pensa em acervos de museus. Existem documentos microfilmados, citamos como exemplo, jornais que foram digitalizados e disponibilizados nesse formato e em formatos digitais. Atualmente existem pesquisas que discutem como será a preservação desses tipos de documentos em suportes digitais a longo prazo. Porém, nesta subseção daremos ênfase aos documentos no formato papel, pois é nesse formato que encontram-se registrados as missivas.

Os documentos estudados nesta pesquisa são originados de acervos das duas escritoras ou de terceiros citados por elas nas missivas e são apresentados na forma de manuscritos, livros com rasuras do próprio autor, correspondências, bilhetes, diários, recortes de jornais, telegramas entre outros.

Os arquivos, as bibliotecas, centros de documentação e as instituições responsáveis pela guarda e divulgação desses documentos, visam manter os cuidados necessários quanto ao manuseio e a disponibilização para consulta desses acervos.

Os profissionais responsáveis pela guarda e tratamento deste material, tem formação específica na área, e em sua grande maioria são arquivistas, museólogos, bibliotecários e restauradores que trabalham de forma interdisciplinar, sempre em busca de conhecimento, aperfeiçoamento e informação científica que visem à preservação e conservação destes documentos. Esses profissionais buscam desenvolver políticas de preservação e elaboram estratégias preventivas que visam antever a perda, o risco ou a possibilidade do desgaste/degradação do material que contém o registro da informação. Porém, em alguns casos, em que o documento que já se encontra em estado de degradação, caso em que já não é mais possível o arquivista ou bibliotecário intervir, torna-se necessário o tratamento do material por um restaurador. Esse profissional dentro do seu campo de atuação estuda física, biologia, química, engenharia dos materiais, por exemplo, para se conseguir pensar na melhor técnica para que ao se restaurar a obra, a mesma permaneça o mais próximo da estrutura original.

Em visita técnica, mediada pela Professora Moema Mendes, como parte da disciplina **Arquivos brasileiros e memória**, realizada no laboratório de restauração

do Museu de Artes Murilo Mendes no ano de 2019, nos foi apresentado pelo restaurador de artes plásticas/papel, Aloisio Arnaldo Nunes de Castro, as etapas que compõem o processo de restauração de fotografias, livros e bilhetes no suporte papel, bem como os tipos de papéis utilizados na restauração, seu acondicionamento correto e as ferramentas utilizadas durante o processo.

Quando esses documentos migram do arquivo particular do escritor para uma instituição pública, muitas vezes os documentos apresentam borrões de tinta de caneta, buraquinhos de traça, fungos, pelo de animais, poeira acumulada, marcas de dobras, grampo de grampeadores, marcas de *clips*, papéis em processo de deterioração e alguns documentos chegam rasgados. Nesse primeiro momento é hora de selecionar os que podem ser processados e disponibilizados, dos que precisam ser restaurados.

Cientes dos riscos constantes a que esses documentos estão expostos, os centros de documentação seguem alguns protocolos para prevenção. Quando o pesquisador chega até a essas instituições, para realizar sua pesquisa, se faz necessário o uso de luvas descartáveis e máscaras de proteção, e nem sempre o pesquisador tem o primeiro acesso ao documento original. Num primeiro momento lhe é apresentada uma cópia do documento, para depois, se necessário, o pesquisador ter acesso ao documento original. Tomando esses cuidados, o profissional da informação, garante uma maior qualidade e durabilidade do documento original por um longo prazo.

De acordo com Castro (2010, p. 33), “[...] vários autores indicam a data de 30 de setembro de 1889 como o nascimento da restauração de livros e documentos [...]”. Daí em diante muitas foram as preocupações e os estudos sobre a preservação do Patrimônio Cultural, estando presente este assunto em congressos e conferências. Mas é “na Era Vargas, com promulgação da Constituição Federal de 1934, [que] é criada a proteção legal do patrimônio artístico brasileiro” (CASTRO, 2010, p. 34). E a partir do “final da década de 1970, verificam-se as iniciativas de elaboração de projetos com vistas a implantar os “laboratórios de conservação e restauração especializados em papéis [...]”. (CASTRO, 2010, p. 40)

Tanto a restauração quanto a conservação precisam ser entendidas como ações corretivas que interferem na estrutura dos documentos, visando a melhorar seu estado físico e fazendo com que ele se aproxime ao máximo da versão original.

Diante do exposto, entende-se que se faz necessárias ações preventivas nos documentos, assim como a elaboração e divulgação de campanhas educativas para o público pesquisador, seja através de *baners*, *folders* ou de campanhas postadas em redes sociais, visando assim a prolongar o máximo que intervenções tenham que ser feitas no documento, mantendo assim sua estrutura original.

Na próxima subseção, apresentaremos as instituições cujos acervos estão sob custódia.

2.2 INSTITUIÇÕES QUE GUARDAM OS ARQUIVOS

“Os museus, portanto, estão sempre construindo novas narrativas a partir dos objetos que selecionam, sejam estes oriundos do passado ou do presente” (SANTOS, 2002, p. 117).

Os museus são espaços em que, ao perder a noção do tempo, o homem entrega a sua sensibilidade e a sua capacidade de apreender ao processo de conexão com o que lhe é apresentado. É o momento em que o texto literário [as cartas] abre outras e novas possibilidades de apreensão e de transformação (REIS, 2017, p. 86, grifo nosso).

A correspondência cambiada entre Laís Corrêa de Araújo e Cosette de Alencar, assim como seus originais autógrafos, está custodiada no Museu de Arte Murilo Mendes (UFJF) e no Acervo de Escritores Mineiros (UFMG), e é sobre estas instituições que estudaremos nesta subseção da pesquisa.

É importante se entender que os tipos de acervos constantes em uma biblioteca, em arquivos e em museus não são os mesmos, assim como a sua estrutura, os objetos que constam em seus acervos e os profissionais de atuação. As três instituições trabalham de maneira interdisciplinar e são responsáveis por armazenar, conservar, preservar, tratar e disseminar a informação, cada uma a seu modo e cada uma com seu público específico. Mas, aqui daremos ênfase aos museus literários, instituições nos quais encontram-se armazenados os documentos estudados nesta pesquisa.

Os museus se diferenciam das bibliotecas pelo método de processamento do acervo, pela disposição do material existente, pelo perfil dos usuários/visitantes e pelo modo como podem ser acessados os itens neles catalogados.

Quando o autor, ou sua família assim resolve depositar o acervo do escritor em uma instituição pública, ele pretende tornar disponível aos pesquisadores o que produziu ao longo de sua vida para futuros estudos, fazendo com que o autor seja eternamente lembrado. Esses arquivos pessoais constituem importante material para o conhecimento do autor, de seus correspondentes, e de seu processo de criação. Por meio desses documentos é possível traçar um perfil do autor.

A consequência de tal ato é confirmada quando entendemos o perfil de museu, segundo definição do *The International Council of Museums - ICOM* (REIS, 2012, p. 13) “deve estar a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, tendo como funções adquirir, conservar, estudar, comunicar e expor testemunhos materiais do homem e de seu meio ambiente”.

E acrescenta Reis (2017) na passagem publicada no seu texto, sobre a importância de depositar os documentos literários dos escritores nos museus de literatura,

[...] Levar a literatura para o museu porém não significa armazenar e expor objetos emblemáticos ou pessoais dos escritores. Pode também ser isso, mas é mais do que tudo estudar as produções literárias, associá-las às biografias e oferecer à sociedade leituras qualificadas das obras e dos contextos literários componentes dos acervos museais. Abordar possibilidades teóricas e revelar para um público leigo, nos museus, aspectos da literatura que vão desde biografias à crítica literária. Tornar essas abordagens acessíveis de modo a que possibilitem a reflexão e portanto a produção de conhecimento (REIS, 2017, p. 79 - 80).

Disponibilizar essas informações em museus voltados para literatura é assegurar um espaço para pesquisas, reflexões e para a produção do conhecimento.

Após estas reflexões, retornaremos propositalmente para apresentarmos o Museu de Arte Murilo Mendes, e o seu setor de biblioteca e informação, que teve sua origem em 1977, por ocasião da doação da biblioteca particular do poeta Murilo Mendes a Universidade Federal de Juiz de Fora. Em princípio funcionou até 1994 no campus da UFJF no bairro Martelos, junto com a Biblioteca Central. Posteriormente foi anexado o acervo de artes plásticas do poeta, o que levou à criação do Centro de estudos Murilo Mendes, que na época, funcionava na Avenida Barão do Rio Branco na mesma cidade em 1994. Em 2005, foi elevado à categoria de museu e com a mudança de endereço, passou a funcionar na Rua Benjamin Constant, 790, no bairro Santa Helena local em que permanece até os dias atuais. A partir dessas

novas instalações, o setor de biblioteca e informação passou a ocupar um amplo espaço que permitiu o aumento e melhor arranjo do acervo, bem como a criação de um ambiente destinado exclusivamente à pesquisa, onde o pesquisador ao chegar realiza um cadastro, recebe uma chave para guardar os seus pertences e assim poder ter acesso ao local, no qual conta com a atenção de funcionários para auxílio na realização da pesquisa.

Formado por uma coleção de acervos especiais, o setor é composto pela biblioteca particular do poeta com aproximadamente 3000 exemplares que refletem a sua área de interesse, que são literatura, história, religião, artes plásticas, música e filosofia. Considerada uma coleção rara, os livros guardam anotações a lápis realizadas pelo poeta, como também possui obras autografadas, obras de referências, periódicos, correspondências, bilhetes e cartões postais. A partir da biblioteca do Murilo Mendes foram incluídos mais 6 novos acervos. As bibliotecas de intelectuais renomados no cenário cultural de Juiz de Fora e região como Arthur Arcuri, Cleonice Rainho, Gilberto e Cosette de Alencar, João Guimarães Vieira, a biblioteca **Poliedro** e o mais recente acervo, o da escritora Maria de Lourdes Abreu. Totalizando um conjunto de aproximadamente 20.000 itens com temática artística e literária que servem de alicerce para as pesquisas realizadas na instituição. O acervo arquivístico da biblioteca iniciou suas atividades a partir da doação das correspondências entre o poeta Murilo Mendes e seus familiares e intelectuais, além de documentos pessoais, como fotografias e manuscritos. O objetivo da biblioteca e do setor de informações é organizar, processar tecnicamente, acondicionar em ambiente correto, preservar e disseminar as obras dos referidos acervos, assim como oferecer um atendimento especializado aos pesquisadores. As correspondências de Cosette de Alencar, assim como os de seus signatários, são organizadas em caixas, separadas em ordem alfabética, e cronológica, todas envoltas em papéis que lhes garante uma maior longevidade e qualidade. A maioria dos exemplares disponíveis no museu já se encontra disponível para consulta pública e integram o sistema de bibliotecas da UFJF. As coleções estão abertas ao público interessado e pesquisadores, podendo ser consultadas no local, com agendamento prévio, e por se tratar de acervos raros e especiais, não é permitido o empréstimo domiciliar das obras. Durante a Pandemia de CoronaVirus, o Museu tem promovido atividades *online*, como oficinas, indicações de filmes e livros que têm

relação com o meio literário, realiza exposições virtuais, entrevistas *online* e oficinas em plataformas virtuais, mantendo sempre atualizadas as redes sociais.

Não menos importante, apresentamos o Acervo de Escritores Mineiros administrado pela Universidade Federal de Minas Gerais. Sobre o AEM afirmam Medeiros e Rodrigues (2019),

O Acervo dos Escritores Mineiros (AEM) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) completa, neste ano de 2019, trinta anos de existência e se configura, no espaço da universidade brasileira, como um dos principais centros de memória e pesquisa arquivística nas mais diferentes áreas: literatura, teatro, história, museologia, artes, arquivologia, biografias etc. Espaço transdisciplinar por natureza, o AEM completa três décadas com milhares de livros e diferentes documentos: manuscritos, fotografias, recortes, cartas, originais de obras literárias e outras importantes fontes que muito enriquecem os estudos e investigações ali realizados (MEDEIROS; RODRIGUES, 2019, p. 13).

Criado em 1989, a partir da doação do fundo documental da escritora Henriqueta Lisboa, fica localizado no 3º andar do prédio da Biblioteca Central da UFMG, no *campus* Pampulha. Atualmente, consta com 17 acervos e 16 coleções especiais. Tem a missão de preservar e disponibilizar os acervos bibliográficos, arquivísticos e museológicos de escritores, artistas e intelectuais de destaque na história literária e cultural de Minas Gerais e do Brasil. Sua finalidade é colher, tratar, conservar e divulgar acervos de escritores, bem como de promover investigações e publicações no campo dos Estudos Literários e áreas afins.

É no Acervo de Escritores Mineiros que estão depositados os documentos da família Ávila, e sobre esta informação afirma Medeiros e Rodrigues (2019),

Em 2014, foi doado ao AEM o acervo da família Ávila, composto por documentos do escritor Affonso Ávila, de sua esposa Laís Corrêa de Araújo e de sua cunhada Zilah Corrêa de Araújo, advogada e escritora, que adotava o pseudônimo de Bárbara Araújo. O arquivo contém aproximadamente 12 metros lineares de documentos do gênero textual, iconográfico e audiovisual. Compõe, também, o acervo a biblioteca dos escritores, composta por livros, folhetos e periódicos, com aproximadamente 4.500 itens (MEDEIROS; RODRIGUES, 2019, p. 22).

Fazem parte dos documentos de Laís Corrêa de Araújo, documentos civis; correspondências; textos manuscritos; recortes de artigos, recortes de artigos de crítica literária; documentos relativos à atuação como secretária da esposa do Governador Bias Fortes, como auxiliar técnico-cultural da Biblioteca Estadual “Luiz

de Bessa” e superintendente das Bibliotecas Públicas do Estado; documentação de prêmios, títulos, diplomas, medalhas; convites.

O museu apresenta em suas salas, concebidas a partir de perspectiva museográfica e cenográfica que recria o ambiente de trabalho dos escritores, permitindo ao pesquisador revisitar o escritório e se imaginar dentro do local de criação das obras, dentro dos bastidores da criação.

Assim como no MAMM, o acesso ao AEM não é muito diferente. O pesquisador deve entrar em contato para agendar a visita. Ao chegar ao prédio, ele se identifica, faz um cadastro com seus dados e recebe uma chave para guardar seus pertences, só assim poderá ter acesso ao museu. Ao chegar, ele recebe um par de luvas e uma máscara, é atendido pelos funcionários que o orientam quanto à pesquisa. Durante a Pandemia de CoronaVirus, tendo feito contato por e-mail, o acesso não foi permitido, sendo o contato apenas via e-mail. O AEM vem movimentando as redes sociais no que diz respeito a indicações de livros, lives *online*, com assuntos relevantes ao meio literário e informações sobre escritores.

Diante das reflexões apresentadas, é possível entender que essas instituições são espaços permanentes de exposições e pesquisas que abrigam acervos e coleções raras tão importantes para o meio literário. É um espaço de pesquisa de produção do conhecimento e de ativação de emoções.

Na próxima seção, estabeleceremos um diálogo entre arquivo, memória e identidade, no qual defenderemos o quanto é possível ativarmos nossas memórias revisitando os arquivos que produzimos ou que conhecemos.

3 O ARQUIVO COMO LABORATÓRIO DE MEMÓRIAS

Os Arquivos são templos modernos – templos de memória. Como instituições, tanto como coleções, os Arquivos servem como monumentos às pessoas e instituições julgadas merecedoras de serem lembradas. Igualmente, as que são rejeitadas, por serem julgadas não merecedoras, têm seu acesso negado a esses templos de memória e estão fadadas, assim, ao esquecimento de nossas histórias e nossa consciência social. (COOK, 1998, p. 148).

Vivenciamos certas experiências, as quais nos tocam tão profundamente que não conseguimos esquecer. Cito como exemplo, uma visita ao Museu Imperial em Petrópolis, RJ. A riqueza do seu acervo combinada com a beleza das peças catalogadas, todas dentro daquele espaço, cercado por aquela infraestrutura que o museu oferece e o clima agradável da cidade me faz lembrar de cada detalhe. Uma a uma das pessoas que visitaram o museu naquele mesmo dia guardará aquele momento de forma particular, pois a memória é seletiva e ela registra experiências vividas num mesmo lugar de maneira individual baseada em nossas vivências.

Anteriormente os arquivos, e quando falamos em arquivos incluímos os museus e instituições que detêm a guarda dos documentos também chamados de lugares de memória, serviam para preservar tais informações e pouco se pensava no seu acesso e na sua importância enquanto local de construção da cidadania e identidade e como local de construção da memória e resgate da história.

Com relação ao surgimento do arquivo como laboratório da história, apresenta Britto; Mokarzel; Corradi (2017, p. 160), “os arquivos estão presentes na história da humanidade desde que o homem se fixou em uma localidade e necessitou de um Estado que centralizasse as decisões a serem tomadas”, desde então passou-se a produzir documentos em vários suportes, dentre eles tablete de argila, pedra, osso, folha de árvore, grão de arroz, papiro, pergaminho ou papel, todos esses instrumentos eram utilizados pelo homem na execução de suas atividades para registrar tais informações. Devido à preocupação de preservar essas informações e assim produzirem memórias para posteriormente criar uma identidade afirmam os autores,

[...] a relação entre identidade e memória sempre se manteve como indissociável influenciando uma a outra. Independente de qual concepção de identidade que se tenha ou de quem a está estudando, desta forma, os

documentos de Arquivo proporcionam legitimação do discurso identitário (BRITTO; MOKARZEL; CORRADI, 2017 p. 159).

A memória é objeto de estudo para várias pesquisas em diferentes campos do saber, e nesta seção analisaremos o arquivo como manifestação da memória.

Ratificaremos a importância do arquivo, como sendo um lugar de memória e conseqüentemente a importância que essas memórias têm na formação da identidade. Constatando a importância do arquivo Britto; Mokarzel; Corradi (2017) assim escrevem:

O movimento nacionalista do período pós-napoleônico (1799 – 1815) foi crucial para que o Arquivo começasse a ser apropriado pela sociedade para fins de constituição de sua identidade. Os países invadidos pelos franceses sentiram a necessidade de se firmarem enquanto Estado Nação e encontraram no Arquivo o seu laboratório para a construção da sua própria história e identidade (BRITTO; MOKARZEL; CORRADI, 2017 p. 159).

Ilustramos a passagem acima, citando como exemplo os arquivos das escritoras mineiras aqui estudadas. Seus acervos estão sob a guarda de duas instituições públicas e seus documentos contemplam e guardam suas memórias, memórias estas, que nessa pesquisa são acessadas através das correspondências trocadas entre elas, juntamente com os demais documentos constantes em seus acervos, que serviram de fonte documental para a criação da identidade de ambas. E que cabe ao arquivo a responsabilidade de manter vivas essas memórias, através do tratamento correto que essas correspondências receberam ao se tornarem públicas.

Quando os arquivos das escritoras se tornaram públicos, toda uma seleção foi feita por parte da família, decisões foram tomadas quanto aos documentos que seriam deixados e que documentos deveriam ser retirados, com relação a esse processo Britto; Mokarzel; Corradi (2017, p. 164), assim escrevem:

A conservação ou não de acervos arquivísticos, e a forma como esse processo se dá, faz parte de interesses políticos de poder e que afetam a perpetuação de informações de cunho memorialístico. Quais acervos preservar? Por que preservar esse acervo e outro não? De que forma serão conservados os documentos? Como será disponibilizado na sociedade esse acervo? São perguntas que demonstram a influência que recebe, em menor ou maior grau, a construção de discursos identitários e, portanto da memória em torno dos Arquivos.

O escritor ou a família ao fazer o arranjo do que pode ser doado, faz uma seleção criteriosa de documentos que enaltecem o escritor, evitando assim, deixar documentos que prejudiquem a sua imagem.

É importante saber que não só os documentos contidos nos arquivos são fontes capazes de se criar memória e formar a identidade. É possível fazer isso através de outras fontes, cito como exemplo as fontes orais, que podem ser histórias contadas pelos nossos avós ou pessoas mais velhas e que por muitas vezes apresentam uma riqueza tão grande como encontramos nos documentos escritos. Porém, registramos a preocupação com essas memórias, porque se as mesmas não forem registradas, estas podem cair no esquecimento, e quando registradas e catalogadas, passam a ser reunidas em um espaço adequado, permitindo assim que sejam sempre lembradas.

A memória e a identidade são fenômenos indissociáveis, elas caminham juntas, assim como no caso dos arquivos digitais e os arquivos no suporte papel. Como em diversas áreas do conhecimento, o arquivo também foi influenciado pelas novas tecnologias. Com a rápida produção de informações no meio digital e com um número substancial de fontes produzidas, tem início a preocupação por parte dos profissionais da informação quanto à sua guarda e preservação.

Quando lidamos com arquivos no meio digital, arquivos produzidos no ciberespaço, é necessário que pensemos em um meio de preservá-los, pois sabemos que as plataformas estão em constante mudanças e atualizações e por algumas vezes ao serem atualizadas, perdem-se dados, fazendo com que aquele arquivo seja perdido ou se torne inacessível.

Se por um lado as novas tecnologias trazem o conforto de poder acessar um documento de casa ou de outro local, sem ter que ir até a instituição que tem a guarda dos documentos, o que amplia a pesquisa nos acervos, por outro lado ela gera preocupações quanto a escolha do *software* a ser utilizado, quanto ao valor da compra e da manutenção mensal do *software* e quanto ao formato que esses documentos passarão a ter após a sua digitalização e é claro com a segurança de que esses documentos serão armazenados para que ocorra a sua guarda e preservação.

Durante esse tempo de pandemia, pude lidar com essa situação bem de perto, precisei ter acesso aos jornais no ano de 1970 para consultar a produção da

escritora Cosette de Alencar e os mesmos ainda tinham sido digitalizados por falta de verbas. E devido à pandemia de Coronavírus o arquivo fixo encontra-se fechado, impossibilitando assim um maior aprofundamento na pesquisa.

Por meio desses questionamentos, se faz necessário perceber que o arquivo físico, assim como arquivo digital se complementam e que devam caminhar lado a lado, pois um não tomará o lugar do outro.

E é graças ao Arquivo, assunto principal deste capítulo que foi possível a localização de tantas memórias, assim como a criação da identidade de Cosette de Alencar e Laís Corrêa de Araújo, conforme poderemos ver nas próximas subseções.

3.1 COSETTE DE ALENCAR: CONVERSAS E CONSELHOS LITERÁRIOS

Há de ser como uma asa
Que o chão não pode prender:
– Sentirão que este meu canto
Tem de ser como uma asa
Que liberta há de viver... (ALENCAR, 1955, p. 1).

Nesta subseção, apresentaremos informações e passagens importantes da vida de Cosette de Alencar. A escritora nasceu em 18 de janeiro de 1918, em Juiz de Fora, MG, era filha de Gilberto de Alencar, o renomado escritor e membro da Academia Mineira de Letras e de Sofia Áurea do Espírito Santo. Cosette tinha mais quatro irmãos: Heitor, Emília, Maria da Conceição e Fernando. A cronista faleceu em 10 de julho de 1973, e seu corpo, a pedido dos Poderes Executivo e Legislativo locais, foi velado na Câmara Municipal de Juiz de Fora.

De acordo com conhecidos, amigos e familiares, era introvertida, comedida e perspicaz, dona de um estilo refinado e sagaz. Foi autodidata em língua francesa, e o fato de seu pai ter em seu acervo vários livros escritos em francês contribuiu para que ela aprimorasse cada vez mais na língua francesa, o que colaborou para a sua atuação como tradutora na Editora Itatiaia, vindo a trabalhar com Oscar Mendes (1902-1983), Gilberto de Alencar, Heitor Martins, Otávio de Faria(1908-1980) e Vivaldi Moreira(1912-2001) (BARBOSA, 2012, p. 24).

Sobre a vida acadêmica e profissional da escritora, afirma Toledo e Thomé (2017):

Iniciou seus estudos no Grupo Delfim Moreira, em seguida cursou magistério e lecionou na Escola Normal de Juiz de Fora, atual Instituto Estadual de Educação. Passou do magistério à administração pública, sendo nomeada em 1964, pelo governador Magalhães Pinto, ao cargo de Assistente da Comissão de Planejamento na Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, no qual veio a se aposentar no ano de 1969. Paralelamente a esses cargos, Cosette também colaborava com publicações para o jornal "Diário Mercantil", ao qual veio a se vincular profissionalmente em junho de 1961, quando este já havia sido incorporado aos "Diários Associados", de Assis Chateaubriand. Além de Juiz de Fora, a literata também chegou a colaborar para jornais do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São João Del Rey (TOLEDO; THOMÉ, 2017, p. 3-4).

A escritora herdou dos Alencar o dom de escrever e uma veia literária como patrimônio. Cosette tinha uma ligação muito forte com o pai, ela o acompanhava em viagens e eventos literários e sempre teve contato com livros desde a sua infância. O convívio com intelectuais como Lindolfo Gomes (1875-1953), Belmiro Braga (1872-1937), entre outros, bem como a grande admiração que nutria pelo pai, contribuíram para sua formação como escritora e formadora de opinião que foi (BARBOSA, 2012, p. 24).

Sobre a importante contribuição de Cosette de Alencar para o meio literário, a pesquisadora Rita de Cássia Vianna Rosa (2013), informa que ela escreveu na década de 1930 para **O Pharol** e **Jornal do Comércio**; entre 1938 e 1939, na **Gazeta Comercial** com a publicação mensal das crônicas **Trapos e retalhos**, e no **Diário Mercantil** de 1939 até 1973, ano de sua morte. No **Diário Mercantil (DM)**, publicou crônicas em diversas colunas: **Bilhete** de 1939 a 1941, **Semana** de 1942 a 1945, **Correio da província** de 1945 a 1946, **Coisa da cidade** em 1946, **Conversa de domingo** em 1947, **Duas palavras** de 1947 a 1948, **Conversa com Joaquim** de 1950 a 1951, **Letras aos amigos ausentes** em 1951, **Instantâneo** em 1951, **Rodapé dominical**, de 1953 a 1973; **Canto de página**, de 1960 a 1973; **Grifo**, de 1961 a 1962; **Suelto**, de 1961 a 1966; **Cravo e canela**, de 1963 a 1967, e **Livros e letras**, de 1968 a 1973. Neste mesmo periódico, publicou **O Diário de Ana**, em forma de folhetim, a partir do dia 29 de abril de 1962, após este ano, a publicação é interrompida, retornando em 11 de setembro de 1966 circulando até 29 de outubro de 1967. Além disso, publicou poemas, entrevistas e edições especiais no **DM**, o que ratifica sua efetiva e importante participação nesse periódico. Cabe ressaltar, nesta pesquisa, que sua obra prima, foi o romance **Giroflê, giroflá**, publicado no ano de 1971, e que chegou a ser considerado pela crítica um dos melhores romances da época.

A respeito da recepção crítica do livro, escreve o escritor Odair de Oliveira, membro da Comissão de Seleção de Originais da Imprensa oficial,

É um livro excelente, contém uma síntese do drama da classe média, das mazelas da sociedade, dos vícios da política partidária e dos desajustamentos da administração pública, mostrando também a tendência para a acomodação, [...] que, principalmente em Minas, limita as perspectivas e aspirações de um homem comum. A autora revela-se uma analista de primeira ordem dos mistérios da psicologia humana e dos problemas sociais que distinguem a realidade nacional, enquanto desenvolve sua história que tem como personagem principal um burocrata desencantado consigo mesmo, com a vida e com o meio em que se movimenta. [...] livro afinado com tempo e o ambiente mineiros [...] Leitura agradável, temática interessante e matéria de meditação para o leitor [...] com maturidade e segurança sem renegar a tradição da ficção confessional e sem alienar-se na fantasia gratuita do romance convencional (OLIVEIRA, O., 1971, p. 3).

Ao que Lúcia Machado de Almeida (1971, p. 3), acrescenta:

De Cosette de Alencar, a Imprensa Oficial de Minas Gerais acaba de publicar **GIROFLÊ, GIROFLÁ**, romance vivo e muito bem escrito, “acontecido” entre gente da classe média, no qual a autora revela tais dons de psicóloga e de observadora que nos faz pensar num autêntico “radar” a captar e a transmitir (ALMEIDA, 1971, p. 3, grifo nosso).

A partir das informações acima apresentadas, podemos afirmar que a escritora teve forte influência e reconhecimento com os escritores da época. Em 1972, seu livro conquistou o Prêmio “Dr. Antônio Procópio de Andrade Teixeira” atribuído à categoria “Letras” nos termos da Resolução nº 13/72, de 05 de maio de 1972, do Egrégio Conselho Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora. Os documentos comprobatórios encontram-se disponíveis nos Anexos A e B. Em 1973, seu romance conquistou o Prêmio “Nelson de Faria” considerado um dos prêmios mais importantes da Academia Brasileira de Letras (CALIXTO, 2014, p. 22). A escritora sentia um carinho enorme por Juiz de Fora, cidade em que nasceu, viveu e morreu, e tornou-se importante figura no campo literário. Presença constante nas colunas do jornal local tinha sua opinião respeitada pelos colegas e escritores mineiros

Cosette carregava um sobrenome que vinha sendo dedicado notoriamente às letras brasileiras, e logo após a morte de seu pai, ela ficou responsável por todo o seu acervo, tendo assim a oportunidade de trocar correspondências com vários amigos de seu pai e demais escritores. O ato de trocar as epístolas com as pessoas

fazia com que ela se sentisse mais próxima do convívio com os literatos, pois através das missivas era possível a troca de considerações e opiniões sobre poemas, romances, críticas, além de envio e recepção de recortes de jornais e livros.

Dentre esses signatários, daremos ênfase à correspondência trocada entre ela e a poeta e crítica literária Laís Corrêa de Araújo. Nessas missivas podemos observar o quanto elas desenvolveram uma amizade sólida ao longo dos anos e como conversavam sobre diversos assuntos do meio literário e também sobre a suas vidas. Dentre esses assuntos, em carta nº 10 datada de 15/06/1970 redigida por Cosette de Alencar e enviada a Laís Corrêa, a escritora utiliza a correspondência para desabafar com a amiga e confidente:

[...] fiquei sabendo, por carta do Frieiro, que os inefáveis irmãos Moreira, sem consulta à família, sem consentimento dos herdeiros, sem a maior consideração aos filhos de Gilberto de Alencar, tiraram uma nova edição das MEMÓRIAS, romance do papai cuja saída é sempre garantida. E isto, depois de editarem nada menos de quatro edições póstumas de livros de Gilberto de Alencar, sem prestação de conta alguma, no macio desonesto que tão má fama vem dando aos donos da ITATIAIA. Aproveitei a estadia do Edson aqui para interpelá-lo e fi-lo duramente: êle saiu pela tangente, naquele cinismo evasivo que é truque comercial deles. Um vexame. Nem ao menos nos mandaram o livro, caladamente distribuído às livrarias, um verdadeiro assalto à propriedade alheia. Um roubo, para dizer tudo às claras. Aliás, os Moreira há muito que me vêm decepcionando. Apreciava o Vivaldo, que acreditava escritor desinteressado e realmente idealista. Hoje, tenho sobre isto minhas dúvidas (ALENCAR, C. de. [Correspondência]. Belo Horizonte, 15 jun. 1970).

Mediante passagem acima, podemos constatar a confiança que a jornalista e escritora Cosette de Alencar depositava na amiga, ao descrever a sua tristeza e descontentamento diante da atitude dos donos da editora.

Além da confiança e amizade entre elas, em carta nº 01, datada de 05/01/1970 redigida por Cosette de Alencar, enviada a Laís Corrêa, a jornalista e escritora aconselha a amiga:

E agora que o ano mudou, mudou igualmente sua situação de funcionária? Faço votos para que volte ao SL, onde seu lugar ficou vago e onde, efetivamente, é seu lugar mesmo. Se preciso fôr um gesto seu, faça-o sem constrangimento: a vida é isso, contornar faz parte do esquema. O que importa é a gente poder realizar segundo o seu gôsto e vocação (ALENCAR, C. de. [Correspondência]. Belo Horizonte, 01 jan. 1970).

Matildes Demétrio dos Santos (1998), em seus estudos sobre correspondência, informa que a carta é reconhecida historicamente como forma de

comunicação. Com essa passagem escrita em carta, podemos confirmar a citação e título da subseção, pois Cosette de Alencar usa a missiva como veículo de comunicação para aconselhar a amiga a retomar o seu lugar de funcionária no SL.

Verificamos ao analisar o lote de cartas apresentado, que Cosette de Alencar já se encontrava em fase de adoecimento e extremo cansaço mental, e em carta nº 5 datada de 02/04/1970 enviada de Cosette de Alencar para Laís Araújo, ela relata:

Se os banhos não me curaram a alergia, em todo caso descansaram-me um pouco, constando-me que até desemagreci um tantinho. E uma folga no jornal era indispensável para reconquista de um equilíbrio mental que eu percebia estar em colapso: foram quinze dias sem leitura alguma, sem recurso às folhas noticiosas, de rádio e televisão desligados. Fiquei inteiramente por fora de tudo, e isto me fez bem (ALENCAR, C. de. [Correspondência]. Belo Horizonte, 02 abr. 1970).

Por meio das palavras escritas por Cosette, ela nos deixa claro que o descanso era essencial para ela naquele momento e nesta mesma carta, ela escreve à amiga dando-lhe satisfação, e explicando o porquê de ainda não ter enviado o seu livro para avaliação da editora:

Quanto a mim, ainda não pude reunir as cópias do **GIROFLÊ, GIROFLÁ** para a Imprensa Oficial. Mas recebi o livro da Zilah, escrevi logo uma nota sobre êle que, não sei porquê, ficou retida: com as minhas férias, esqueci-me de a encaminhar à oficina e só agora estou corrigindo este lapso. Vai demorar aparecer, que deixei prontas muitas colunas e, por ordem, a publicação desta matéria levará tempo (ALENCAR, C. de. [Correspondência]. Belo Horizonte, 02 abr. 1970, grifo nosso).

Mesmo nessa fase de total cansaço e exaustão, e de algumas tentativas para publicar o seu livro, Cosette não deixa de exercer o seu papel de crítica literária na emissão de comentários a serem publicados na coluna jornal para a qual ela colaborava.

Em quase todas as cartas cambiadas no ano de 1970, percebemos que as duas escritoras trocavam informações sobre a possibilidade de publicação do livro **Giroflê, giroflá**. Livro que Cosette iniciou sua produção, quando tinha, ainda pouco mais de 20 anos, porém o deixou de lado por achar que não tinha maturidade suficiente para escrevê-lo. Mais tarde, com o apoio de alguns amigos retomou a escrita em 1966, finalizando-a em 1967 (CALIXTO, 2014, p. 22).

Nestas missivas, compreendemos o grande apoio e incentivo que a poeta Laís Corrêa de Araújo ofereceu a Cosette de Alencar para que seu livro fosse

publicado, conforme podemos confirmar em trecho escrito na carta nº 8 datada de 24/04/1970, onde Cosette de Alencar escreve a Laís Araújo falando:

Quero, por isto mesmo, agradecer seu interesse pelo meu romance: creia que foi por sua causa que o remeti, quarta-feira última, à IMPRENSA OFICIAL. No fundo, no fundo, nenhuma ilusão tenho sobre o livro, parece-me demasiado ambiciosa a pretensão de vê-lo em letra de forma. Quem terá interesse em lê-lo, quando tamanha é a indiferença por obras reconhecidamente valiosas? Melhor tocar para frente sem pensar nisso. Com a debandada provocada pela necessidade da desincompatibilização, como ficará tudo isto, a Imprensa Oficial, o SL? Receio que tudo afunde. Será pena. Vamos esperar para ver o bicho que irá dar (ALENCAR, C. de. [Correspondência]. Belo Horizonte, 24 abr. 1970).

Assim Cosette agradece o incentivo da amiga para que ela remetesse seu livro à Imprensa Oficial, e relata a sua insegurança com relação à sua posterior publicação.

No estudo empreendido, podemos, assim, afirmar que a escritora teve grande destaque na literatura e também como jornalista. Deixou em seu acervo uma importante produção intelectual, a qual hoje se transforma em objetos preciosos de estudo para tantos pesquisadores.

Na próxima subseção apresentaremos a sua correspondente, a escritora companheira de profissão, amiga e confidente Laís Corrêa de Araújo.

3.2 LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO: CARTAS SIMPLES E SINCERAS

Todo o bem de raiz
(não deixo outras lavras)
eis o que é herança
palavras (ARAÚJO, 1965, p. 43)

Terça-feira, dia 19 de dezembro de 2006, poderia ser mais um dia comum, de produção acadêmica e científica na história da Universidade Federal de Minas Gerais, mais especificamente na Faculdade de Letras, assim como um dia normal para a família Ávila, mas o que foi noticiado pela agência de notícias do *site* da UFMG, iria alterar a história de uma família, de amigos, de profissionais e amantes da literatura como um todo. Laís Corrêa de Araújo, mãe de Myriam Corrêa de Araújo Ávila, professora da Faculdade de Letras da UFMG, falece aos 79 anos na cidade de Belo Horizonte. A poeta e escritora estava internada há cinco meses no hospital Life

Center, com problemas renais (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2006, recurso eletrônico).

No mesmo dia em que foi publicada a triste notícia, o Professor da Faculdade de Letras, Wander Melo Miranda, publicou no mesmo *site* um comentário a respeito da escritora:

Considero Laís uma das poetisas mais importantes do país, mas destaco também sua militância literária na imprensa, onde contribuiu de maneira decisiva para a formação e a atualização do público leitor de Minas Gerais, disse o professor da Faculdade de Letras e diretor da Editora UFMG. Segundo ele, com Inventário, a Editora UFMG teve a honra de publicar a antologia da obra de Laís Corrêa de Araújo, que sem dúvida será lembrada especialmente pela excelência de sua poesia (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2006, recurso eletrônico).

Ciente de todas as atividades produzidas e promovidas pela escritora, e reconhecendo o seu importante papel no meio literário, acrescenta o diretor da Faculdade de Letras da UFMG, Jacyntho Lins Brandão:

[...] diz considerar Laís Corrêa de Araújo “uma das personalidades literárias mais importantes da segunda metade do século 20 em nosso país”. Depois de mencionar sua atividade como poeta e ensaísta, ele completou: "Entre os trabalhos que realizou, destaco sua passagem pela Biblioteca Pública do Estado, como diretora. Em recente pesquisa que fiz, percebi que a mão de Laís estava lá, em vários lugares" (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2006, recurso eletrônico, grifo do autor).

Em consonância com o que pensam os dois professores afirma Régis Bonvicino (1995),

Chama a atenção em Pé de Página sua marcante voz feminina, que se dá não como circunstância politicamente correta, mas qualidade explorada pelo poeta [...] Esta capacidade de síntese, sem cair em vulgaridade ou facilidade, é um dos traços da poesia de Laís. [...] Laís é dessas vozes, pela modernidade e densidade, que devem ser ouvidas (BONVICINO, 1995, recurso eletrônico).

A partir dessas considerações, podemos compreender que a notícia postada no *site*, tratava-se de informar não só a morte da mãe da Professora Myriam, mas também a morte de uma mulher, escritora, considerada pela crítica uma das principais figuras femininas da poesia brasileira contemporânea. E que nos deixa sua importante contribuição como esposa, mãe e mulher das letras, sendo reconhecida por vários profissionais do meio acadêmico e literário.

Laís Corrêa de Araújo nasceu na cidade de Campo Belo – MG, e ainda quando criança mudou-se com a família para São João Del Rey, cidade para onde seu pai foi transferido pela empresa onde trabalhava. Era filha do filólogo Lafaiete Campos de Araújo e da professora Josefina Rios Corrêa de Araújo, ela era a caçula de um total de cinco irmãos. Logo que chegaram à nova cidade, ela perdeu a mãe e depois de 6 anos seu pai. Os filhos mudaram-se para Belo Horizonte, onde passaram por dificuldades financeiras, o que não impediu que todos os irmãos fizessem um curso superior. De todos os irmãos, Laís e Ziláh Corrêa se dedicaram à literatura (AFFONSO, 2017, p. 14).

A escritora casa-se aos 25 anos com o poeta Affonso Ávila, pessoa que sempre a apoiava e incentivava na vida literária com quem teve seus cinco filhos, Paulo, Myriam, Carlos, Cristina e Mônica.

Quanto à participação em periódicos, Laís Corrêa de Araújo foi colaboradora da revista **O Cruzeiro** do Rio de Janeiro, nos jornais **Diário de Minas**, e **Suplemento Feminino** de **O Estado de São Paulo**, e segundo Maciel (2002), Laís sempre foi ousada nas atividades intelectuais, buscando conhecer e percorrer novos caminhos no campo da crítica, da ficção e da tradução.

Ela retratou-se como uma das raras vozes femininas a se fazer ouvir na vanguarda poética brasileira dos anos 1950 e 1960 que participou ativamente no contexto cultural mineiro desse período e dos anos subsequentes. Sempre atenta aos principais acontecimentos estéticos do país e do mundo, ela foi a única participante feminina da semana Nacional de Poesia de Vanguarda. Este evento foi realizado em agosto de 1963 quando integrantes do movimento da Poesia Concreta e da revista mineira **Tendência** reuniram-se em Belo Horizonte para pensar, articular e fazer circular uma frente ampla de poesia de vanguarda (SILVA, 2020, p. 18).

Além de poeta e escritora conseguimos compreender como Laís era ativa no meio literário, conforme ilustra uma passagem descrita na carta nº 4, datada de 11/05/1970, na qual Laís Corrêa escreve a Cosette de Alencar mencionando os compromissos que a literatura a envolvia,

[...] Acabo de voltar de Divinópolis, onde fui fazer a abertura de um Curso de Literatura. Em 1º de junho, tenho de ir a Pirapora, para o III Festival de Poesia. Em junho ainda, devemos ir a Brasília, para participar de estudos sobre ação cultural naquela cidade. Em julho, temos de ir a Cataguases, participar do Festival de Música e de Poema/Processo. Em agosto, temos de ir a São Paulo, para a 1ª Bienal do Escritor Latino-Americano... além de

tudo isto, participo do julgamento do concurso de contos do SESC, tenho duas outras palestras combinadas... ainda ontem, o Martins de Oliveira me convidou para dar uma aula sobre poesia, na Academia, no Curso de Literatura Brasileira, e fui forçada a recusar...[...] (ARAÚJO, L. C. de. [Correspondência]. Juiz de Fora, 11 maio 1970).

De acordo com a passagem acima, ratificamos o comentário feito pelo diretor da Faculdade de Letras Jacyntho Lins Brandão. Laís foi uma mulher ativa, sempre envolvida em movimentos literários, profissional que sempre recebia convites para participar de congressos, palestras, reuniões e concursos do meio literário. Alguns ela reconhecia que tinha condições de ir, já outros, devido aos afazeres e pelo fato de ter que trabalhar fora para ajudar no orçamento doméstico, bem como as preocupações com a casa, obrigavam-na a não aceitar.

Mesmo diante da rotina excessiva da poeta, a pesquisadora Maria Elizabete Fernandes Affonso, (2002, p. 17) relata em sua pesquisa, que Laís “empreendeu uma viagem aos Estados Unidos em companhia da escritora Lygia Fagundes Telles(1923-), representando o Brasil no **Seminário Internacional Feminino de Literatura**”.

Neste trecho, podemos inferir que mesmo a poeta sendo uma mulher casada, que trabalhava fora e dentro de casa, ela sabia o que queria, e que estava disposta a lutar pelos seus ideais.

Em missiva enviada a Cosette de Alencar, a correspondente chegava a desabafar com a confidente sobre a rotina cansativa que ela tinha com a casa e com a criação e educação dos filhos. Também agradecia os elogios e conselhos que Cosette lhe enviava, conforme podemos ratificar em carta nº 9 enviada de Laís para Cosette datada do dia 21/10/1970 com os seguintes dizeres,

Você me anima bastante! Diz-me coisas em que eu devo pensar, quando passo por estas fases de dificuldades e conseqüente depressão: Realmente, em tudo sobra algo de bom – e nossa luta, por ser a dois (mais os 5 filhos!) tem um sentido maior e é algo oficial. Significa união, compreensão, vontade de fazer, vida. Sei disso – e é assim que resisto, que resistimos, contando sempre com as boas palavras dos amigos como você. Lentamente (falta-me o essencial, o tempo) vou trabalhando o livro sobre Murilo Mendes. Creio que vou levar mais 2 anos nisso! Só posso escrever pela manhã, uma hora no máximo (eu arrumo casa, compro carne, etc, etc) e nem sempre, nessa hora, a cabeça funciona... À tarde, o serviço na Biblioteca me toma toda – e lá me exigem sempre redação, o que me desgasta. À noite, tenho que ajudar nos exercícios dos filhos, consertar roupas, fazer essas miudezas, e, às vezes, ler... não importa; é bom ficar bem ocupada, para não masturbar as tristezas e decepções! Quero muito ir a J. de Fora, mas não acho feito, preciso ter obrigações de ir. E terei, logo

que entre na parte bibliográfica sobre o Murilo Mendes (ARAÚJO, L. C. de. [Correspondência]. Juiz de Fora, 21 out. 1970, grifos da autora).

Assim como Laís Corrêa incentivava a amiga e confidente na publicação de seu livro, o mesmo era feito por Cosette de Alencar, que ouvindo todos os problemas e reclamações da amiga, conseguia colaborar com algumas palavras de ânimo para a confidente.

Laís Corrêa publicou o seu livro de ensaios sobre Murilo Mendes em 1972 e Maciel (2002) relata que:

Em 1972 é lançado pela Editora Vozes em Ouro Preto, no Festival de Inverno da UFMG, o ensaio de Laís intitulado Murilo Mendes, pela coleção Poetas Modernos do Brasil, estudo da obra do grande poeta brasileiro residente na Itália. Em 1988 lança o livro de poemas Decurso de Prazo, edição da Gráfica de Ouro Preto do poeta-tipógrafo Guilherme Mansur. Mesma gráfica em 1991 publica o Caderno de Traduções de Laís, com textos traduzidos de poesia e ficção de André Breton, Paul Éluard, T.S. Eliot, Robert Frost, Javier Villefane e outros autores. Em 2000 participa em Juiz de Fora ao lado de Maria da Saudade Cortesão Mendes e outras personalidades, da institucionalização do Centro de Estudos Murilo Mendes, pela Universidade Federal daquela cidade, de cujo Conselho Diretor é eleita membro. Em 2001 lança no Centro de Estudos Murilo Mendes Ensaio crítico/antologia/correspondência, publicado na coleção Signos da Editora Perspectiva (MACIEL, 2002, p. 61-70).

Em seu livro, constatamos que a troca de correspondências entre Laís Corrêa e Murilo Mendes/Maria da Saudade foi intensa e de grande importância para a escrita do ensaio, corroborando assim para entendermos a importância da correspondência para informar, explicar e orientar a escritora com as revelações biográficas ou pessoais que ela precisava naquele momento.

Essas considerações nos permitem compreender que a troca da correspondência e a amizade entre Cosette de Alencar e Laís Corrêa de Araújo foi relevante para as missivistas, duas mulheres com objetivos e pontos semelhantes no universo literário. Assim como nos faz refletir sobre a importância da correspondência para os estudos literários e para a preservação da memória dos escritores e de terceiros citados por elas, o que apresentaremos na próxima seção.

4 CARTAS, MUITAS CARTAS

Como foi que neste mundo alguém chegou à ideia de que pessoas podem se comunicar umas com as outras através de cartas? Podemos pensar sobre uma pessoa distante, e podemos agarrar uma pessoa que está próxima – tudo o mais vai além da força humana. Escrever cartas, entretanto, significa desnudar-se diante de fantasmas, algo pelo qual eles aguardam avidamente (KAFKA, Franz apud BUTLER, Judith, 2014, recurso eletrônico).

Pois cada carta é o seu próprio rascunho. Ao contrário do objeto polido, aplainado, que é um pedaço de prosa romanesca, a carta conserva o aspecto bruto de um primeiro jato. “Como ela lhe parecerá estranha! – escreve o missivista – É que eu deixo minha pena voar livremente e meu coração dita-me sem ordem nem razão as emoções que o afligem...” (ARROU-VIGNOD apud DIAZ, 2007, p.119, grifo do autor).

Com o surgimento da *Internet*, pôde-se observar que a escrita e o envio de cartas não fazem mais parte do nosso cotidiano, cedendo lugar para as redes sociais e para os *e-mails*. Essas mensagens, chegam até nossos computadores, *tablets* e/ou *smartphones* de forma rápida, pois não precisam ser postadas nos correios e ter um prazo específico para ser entregue ao destinatário, basta apenas um clique e estamos diante da mensagem enviada ou recebida.

Em um mundo onde tudo é tão rápido e instantâneo, dedicar tempo e emoção para escrever uma carta é algo realizado por poucos, podemos dizer que são praticados pelos amantes das correspondências, pois esses conseguem captar o real sentimento ao se falar de cartas, conforme constata-se no fragmento abaixo:

É, portanto, difícil compreender a emoção sentida por um colecionador, a paixão que o leva, às vezes, a fazer aquisições pouco razoáveis, sem levar em conta o que revelam os manuscritos autógrafos [cartas] – essa forma particular de discurso que sussurra coisas em nossos ouvidos (PAGÈS, 2004, p. 107).

A partir desta reflexão, é importante pensar que receber e/ou enviar um *e-mail* ou uma mensagem através das redes sociais, não gera a mesma emoção que fazê-los via correios. Quando estamos redigindo uma carta, estamos falando de nós, de nossas vidas, das nossas emoções, estamos preocupados com a caneta que vamos utilizar e que contribuirá para uma caligrafia mais bonita, pois como afirma Pagès (2017, p. 110) “é pelo encantamento de sua escrita, antes mesmo de ser decifrada, que uma carta se oferece ao olhar, a beleza do manuscrito autógrafo, reside em sua

beleza escritural”. Nos preocupamos também com o papel que vamos escrever, com a cor do envelope uma fina barreira de papel que protege o segredo da comunicação no qual vamos alocar a carta, no tempo que ela levará até chegar ao destinatário, se vamos colocar algum objeto junto à carta, como um desenho, ou um pequeno pedaço de papel com um beijo dado de batom. Tudo é feito de maneira cuidadosa e carinhosa, a carta é redigida com o coração, pois imaginamos que essas epístolas serão recebidas com muito carinho e posteriormente guardadas em seus respectivos arquivos. Ficamos ansiosos pela resposta e quando menos esperamos ali está, na caixa de correio.

Assim, pessoas ilustres, ou não, podemos citar como exemplo os escritores, filósofos, artistas, políticos, reis com vários tipos de personalidade, que deixaram-nos suas cartas e seus diversificados acervos, os quais hoje se transformaram em objetos preciosos de estudo.

Mas, ao falarmos em cartas ou correspondências, como nos dias atuais não é algo que seja muito utilizado, desperta em nós o interesse em saber, o que vem a ser esses documentos e qual a importância de estudá-los.

As cartas, segundo Santos (1998, p. 22), “são uma espécie de guardiãs do ritmo e das batidas da vida presente e o amigo que as recebe é o árbitro que intercede, o mediador que interfere ou a testemunha que observa e atesta a veracidade das coisas contadas”.

Sob outro ponto de vista, no **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**, a correspondência é compreendida como “comunicação escrita, expedida (ativa) ou recebida (passiva), por entidades coletivas pessoais ou familiares” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 60).

Em um momento onde a carta era utilizada para fazer a comunicação entre as pessoas, um escritor ao fazer a escolha do que ficará arquivado e o que será descartado de seu acervo, contribui para a formação e preservação da memória cultural, intelectual, artística, política e pessoal daquele momento, permitindo aos futuros pesquisadores analisar a condição social e econômica dos missivistas. Sobre isso afirma Moraes:

A qualidade e a cor do papel, timbres, monogramas, marcas d'água (filigrana), assim como os instrumentos da escrita, espelham códigos sociais, entremostrando a mão – classe, escolaridade, formação – de quem escreve. Sobrescritos, selos e carimbos postais nos levam ao funcionamento das

instituições que colocam em trânsito essa forma de comunicação escrita. Na qualidade de objeto, a carta também se presta à apropriação/transfiguração artística e à exploração econômica, quando não se anula sob a forma de fetiche na mão de colecionadores avaros (MORAES, 2009, p. 116).

Manusear a correspondência, enquanto fonte de pesquisa, para os estudos literários, é relevante, haja vista que as missivas trazem registros de elementos que podem auxiliar na compreensão do processo de criação de ambas as escritoras Cosette de Alencar e Laís Corrêa de Araújo e terceiros por elas citados. A memória cultural desta época (1970), sendo resgatada contribui para a ampliação da fortuna crítica das signatárias envolvidas neste cartado.

Conforme já mencionado e aqui propositalmente resgatado, na presente pesquisa, vamos estudar o lote de cartas destas duas escritoras que foram personagens de significativa relevância no cenário de Minas Gerais e se corresponderam de 1967 até 1973 quando Cosette de Alencar veio a falecer. Essas missivas tiveram um importante papel na construção da amizade intelectual, haja vista que a produção literária era assunto recorrente, que se fortaleceu entre elas e que se intensificou a cada carta recebida e enviada.

Quanto à delimitação do *corpus* desta pesquisa, importa recortar que a primeira missiva foi enviada por Cosette de Alencar (ativa) à Laís Corrêa de Araújo (passiva). Neste ano de 1970, as missivistas se corresponderam de maneira intensa, podemos informar que quase semanalmente, com exceção do mês de fevereiro durante o qual não foi localizado registro de nenhuma carta enviada por ambas as escritoras. E o motivo está explicado na carta n.º 4¹ datada de 16/03/70 escrita por Laís Corrêa de Araújo enviada a Cosette de Alencar onde ela afirma:

Cosette,
você deve estar estranhando o meu silêncio. Explico: nos meses de fevereiro e março, mal tenho tempo para “cuspir” ... São os meses em que providencio matrícula de colégios, documentos, uniformes, material escolar, revisão médica nos filhos, etc, etc! Parece pouco, assim escrito ao papel, mas não é. Todos os dias saio para fazer isto ou aquilo, coisinhas miúdas, mas que tomam tempo e parecem infundáveis. Até hoje não terminei a minha função maternal... (ARAÚJO, L. C. de. [Correspondência]. Juiz de Fora, 16 mar. 1970).

E Cosette de Alencar responde na carta nº 5 datada de 02/04/70 a Laís Corrêa de Araújo

Vejo que você travou sua anual batalha com colégios para os filhos: sei que é uma África de luta. No seu caso, pelo que sei, há o estímulo da sua meninada ser brilhante intelectualmente, compensando de sobra os sacrifícios que você e Afonso fazem (ALENCAR, C. de. [Correspondência]. Belo Horizonte, 02 abr. 1970).

A partir deste diálogo, percebemos que a poeta e ensaísta Laís Corrêa de Araújo, era uma mulher de fibra, do lar e das letras. Além de conseguir dar conta da casa, dos 5 filhos, do esposo, do trabalho fora, ainda tinha tempo e disposição para escrever e participar de eventos no meio literário.

Com a análise do lote escolhido, podemos constatar que amizades eram estabelecidas, confidências eram trocadas entre os missivistas, críticas eram elaboradas, indicações de livros eram feitas e decisões eram tomadas como nos mostra o diálogo entre os fragmentos da carta nº 6, datada de 10/04/1970 escrita por Laís Corrêa de Araújo, enviada a Cosette de Alencar e a carta nº 8, datada de 24/04/1970, enviada por Cosette de Alencar a Laís Corrêa de Araújo com os dizeres:

Cosette,
antes de tudo, devo alertá-la de que o prazo para a inscrição dos livros a serem editados gratuitamente pela Imprensa Oficial vai até dia 30.4. Não deixe de enviar logo o livro, senão ele só poderá entrar na concorrência de 1971(junho), atrasando muito a publicação. Vocês, intelectuais são muito displicentes e comodistas! (ARAÚJO, L. C. de. [Correspondência]. Juiz de Fora, 10 abr. 1970, grifo a autora).

E, quanto ao GIROFLÊ, GIROFLÁ, tão generosamente empurrado por você, não tive dúvidas: arregacei as mangas, trepei numa escada, desencavei uma última cópia do desgraçado romance. Por sinal, cópia em mau estado, mas tempo não havendo para nova apresentação de trabalho, embulhei o cartapácio assim mesmo e o remeti [...] (ALENCAR, Cosette de. [Correspondência]. Belo Horizonte, 24 abr. 1970),

assim disse a escritora juizforana, sobre a indicação da publicação do romance alencariano exigida e motivada pela amiga e confidente, Laís Araújo. Por meio da correspondência, pessoas exprimem e fundamentam seus afetos, seus ideais e seus caminhos

Diaz concorda com esta premissa ao afirmar que (2007, p. 123), “um dos principais usos das correspondências de escritores é o de servir comumente para acompanhar os diversos estados de criação de uma obra particular”. Continuam registradas as dificuldades que Cosette de Alencar enfrentou e superou para publicar seu romance **Giroflê, giroflá** como atesta outro diálogo presente na carta nº

10, datada de 15/06/1970 escrita por Cosette de Alencar enviada a Laís Corrêa de Araújo e a carta nº 11, datada de 22/06/1970, enviada por Laís Corrêa de Araújo a Cosette de Alencar:

Laís,

Eu, que nenhuma vaidade tenho, continuo aqui esperando notícias do meu GIROFLÊ, GIROFLÁ, cujos originais remeti, por insistência sua, à IMPRENSA OFICIAL. Que foi feito dele? Você garantiu-me seu aproveitamento, lembra-se? E insistia no sentido de que eu os remetesse. Remeto-os. E agora? Nem ao menos sei se foram recebidos, não me mandaram uma só palavra a respeito. Poderia verificar isso pra mim? E, se a Imprensa não puder publicar a porcaria, queria reaver esta cópia, a última que me resta. Peço-lhe, por favor, que me ajude nisto (ALENCAR, Cosette de. [Correspondência]. Belo Horizonte, 15 jun. 1970, grifos da autora).

E Laís Araújo responde:

Cosette,

Mas estou estendendo o tal bilhete, que era mais pra dizer-lhe que seu livro foi aprovado sim, com um parecer, aliás, excelente. (não foi meu, foi do Oldair de Oliveira). O Murilo Rubião, não sei por que, não tem mandado comunicação aos autores. Vou falar nisso com êle na próxima reunião. Aprovado, deve, porém, entrar na seleção final dos 10 melhores livros, a serem publicados gratuitamente pela Imprensa. Isto será no fim do mês, depois do dia 30. Se não entrar na seleção dos 10, poderá ser publicado, mas com a ajuda do autor (isto é, pagamento de papel, mão-de-obra, só). O seu livro foi muito elogiado pelo examinador (ARAÚJO, L. C. de. [Correspondência]. Juiz de Fora, 22 jun. 1970, grifo a autora).

Assim Laís escreveu à juiz-forana, sobre a espera de posicionamento acerca da aprovação do seu livro a ser lançado pela Imprensa Oficial.

Retomando as reflexões de Demétrio (1998),

A carta é, surpreendentemente, um texto que, ao ser acionado, ilumina fatos e acontecimentos, desrecalca impressões, deixa entrever sentimentos, revela experiências e idiossincrasias com a acuidade de um aparelho de raio X (SANTOS, 1998, p. 15),

A Mestra Maria Elizabete Fernandes Afonso (2017) por ocasião da defesa de sua dissertação se depara com um desencontro de informações sobre a data de nascimento de Laís Araújo. Flores (2011) informa que a escritora mineira nasceu em 1927, no dia 03 de março; e Coelho (2002) anuncia que este nascimento ocorreu em 1929, no mesmo dia. Por sua vez, na Enciclopédia Itaú Cultural (2019), encontramos a informação que Laís Corrêa de Araújo nasceu em 1928. Não

entendemos o motivo e nem pudemos levantar hipóteses sobre a razão para essa controvérsia em relação ao registro do nascimento desta missivista.

Em correspondência enviada a Cosette de Alencar, datada de 16 de março de 1970, a carta de nº 4, é possível esclarecer a data correta de nascimento da escritora, conforme trecho transcrito no último parágrafo da terceira folha desta missiva, exemplo de uma lacuna literária, resolvida por meio da correspondência:

Dia 3 fiz 43 anos! Sem festas, é claro, mas o obrigando-me a [ilegível] e assumir a responsabilidade de tantos anos inúteis perdidos. Posso recuperá-los? [ilegível] mas ao menos tentarei superá-los com alguma coisa de útil e, se possível agradável... (ARAÚJO, [Correspondência], 16 mar. 1970, grifo nosso).

Portanto, o ano de nascimento correto da escritora é **1927**.

A presente investigação nos possibilitou compreender, que as cartas, trazem informações muito importantes que determinam novos rumos aos estudos da historiografia literária.

Assim, a edição de fontes, tende a apresentar notas esclarecedoras, que servirão como fonte de grande importância para os pesquisadores, pois essas notas ampliam o conjunto de informações apresentadas pelo texto-missivístico, além de proporcionar ao leitor inúmeros detalhes, de um intenso cenário literário e cultural da época. Para trabalhar com as cartas é necessário preparar a edição e levantar os critérios conforme poderemos ver na próxima subseção.

4.1 O PREPARO DA EDIÇÃO: TEORIA E CRITÉRIOS

As escritoras Cosette de Alencar e Laís Corrêa de Araújo foram-me apresentados pela Prof.^a Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes, minha orientadora, em um dos nossos primeiros encontros para orientação.

Conversamos sobre a vida literária das referidas escritoras sobre as quais Mendes disse que gostaria que eu tivesse contato por meio do acervo de ambas. O acervo da juizforana Cosette de Alencar está sob a Guarda do AEM, administrado pela UFMG em Belo Horizonte no fundo da titular, e o acervo da campo-belense Laís Corrêa de Araújo está o MAMM, administrado pela UFJF em Juiz de Fora, no fundo da titular, conforme já dito e novamente contextualizado.

Neste mesmo dia, Mendes me informou que já haviam dois pesquisadores trabalhando com o lote de cartas das escritoras, uma pesquisa já concluída e a outra em andamento, que provavelmente seria defendida no ano de 2020, porém, com datas diferentes das que eu teria acesso. Mas que seria muito importante para a consolidação da pesquisa, se continuássemos a trabalhar o lote subsequente.

Diante das palavras da pesquisadora Moema Mendes, que sempre me deixou à vontade na questão da familiarização e interesse pela pesquisa, ela afirmou “que meus olhos tinham que brilhar, quando falasse para ela sobre a minha impressão e opinião sobre a leitura das cartas”.

Durante o mês de outubro, num primeiro momento liguei no MAMM para agendar com a funcionária Lucílha um horário para conhecer as cartas que a Laís Corrêa enviou para Cosette de Alencar no ano de 1970. No dia e horário agendados, compareci à Biblioteca, onde tive acesso às cópias das correspondências e fui informada que não poderia fotografar e nem xerocar o material. Para que isso pudesse ser feito, seria necessário o preenchimento de um requerimento, que seria endereçado ao diretor do MAMM, o Sr. Ricardo Cristóforo, que me cederia a autorização para as fotocópias. Nesse mesmo dia, passei à tarde no MAMM, onde li todas as cartas e fiz as minhas devidas anotações. Alguns dias depois, retornei ao local e tive acesso às cópias das correspondências.

Quanto às cartas enviadas de Cosette de Alencar para Laís Araújo, estas estariam no AEM. Aguardei as minhas férias do trabalho que seriam em janeiro de 2019, liguei e agendei a visita. Na ocasião, fui atendida pela bibliotecária Adrieli Sandra, que agendou e me atendeu no dia da visita à UFMG. Chegando ao local, tive acesso ao lote das correspondências, e a bibliotecária me disse que seria possível escaneá-las por aplicativo via celular. O aplicativo utilizado foi o *camScanner*. Passei o dia lendo e pesquisando nas cartas bem como fazendo anotações.

O lote que data do ano de 1970 soma um total de 23 cartas, no qual temos correspondências manuscritas autógrafas e datiloscritas. Uma das dificuldades encontradas foi com relação à grafia das escritoras, que num primeiro momento me pareceu difícil entender e decifrar. Mas à medida que ia relendo, os olhos se acostumavam e eu compreendia melhor. Reli este material por algumas vezes nas

férias, a fim de entender melhor o contexto e analisar se era mesmo aquele acervo que queria como objeto de estudo.

Após a volta às aulas, em março de 2019, marcamos um novo encontro para orientação, assim poderia repassar as minhas impressões sobre o material pesquisado.

As leituras levaram-me a refletir sobre a possibilidade de estudar as duas escritoras mineiras, sendo Cosette de Alencar uma escritora nascida em minha cidade e Laís Corrêa de Araújo, escritora nascida em Campo Belo, MG, ao lado da cidade de Formiga, MG, onde meu esposo nasceu e minha sogra reside.

Conversando com a minha orientadora, expus o meu desejo em poder estudar o lote de cartas pesquisado. Outro aspecto relevante para a escolha do objeto de pesquisa foi o possível acesso às informações sobre as autoras e suas obras.

É interessante observar que o contato com arquivos das referidas escritoras, foi incisivo para que eu abraçasse a grande responsabilidade que estava assumindo. Com a pesquisa, poderei manusear documentos originais escritos por elas e terceiros, o que me faz entender que será instigante e fascinante a realização da pesquisa. A Prof. Moema então me pediu para que eu transcrevesse na íntegra todas as 23 cartas para um arquivo em Word. A correspondência trocada entre as missivistas foi transcrita na íntegra, acompanhada de notas explicativas ou fontes, obedecendo aos seguintes critérios:

1. foi registrado no canto superior esquerdo, para efeito de índice a numeração das cartas de 1 a 23;
2. foi informado, em fonte Arial 12 antes de cada correspondência, o número da missiva em relação ao lote completo (1/23, 2/23, em sequência, as abreviaturas do remetente, Cosette de Alencar (CA), e da Laís Corrêa de Araújo (LCA), seguido do ano do lote desta correspondência e da SIGLA das Instituições que detêm a guarda dos documentos, no caso aqui especificado o MAMM – Museu de Arte Murilo Mendes, na cidade de Juiz de Fora e o AEM – Acervo de Escritores Mineiros, na cidade de Belo Horizonte, com espaçamento simples nas entrelinhas;

3. foi elaborada a descrição física do manuscrito após as informações contidas no critério 2 e registradas em Arial 12, com espaçamento de 1,5 nas entrelinhas como o corpo do texto;
4. foi conservada a ortografia original das cartas, mesmo em desacordo com a ortografia vigente, visando preservar a escrita e a ortografia da época;
5. foi respeitada a pontuação original;
6. foi preservada a linguagem coloquial;
7. foram preservados os trechos grifados;
8. foram desdobradas em notas as abreviações;
9. foi informada em cada nota a referência de consulta a fim de respeitar a exigência de um texto acadêmico resultado de uma pesquisa *Stricto sensu*;
10. foram preservadas as rasuras e, quando silenciosas, foram registradas com a palavra ilegível, entre chaves;
11. foram transcritas ao final de cada missiva, as anotações feitas nas marginais;
12. foi padronizada a indicação das datas na correspondência;
13. foi utilizado o [sic] para identificar possíveis desvios em relação ao uso adequado do padrão culto da língua/linguagem em suas raras ocorrências;
14. foram traduzidos e registrados entre aspas, os vocábulos ou locuções em língua estrangeira seguidos da informação tradução nossa entre parênteses;
15. foram registradas em arial 12, com espaçamento 1,5 nas entrelinhas e 1 espaço simples entre as notas; as fontes elaboradas por serem resultado de pesquisa efetiva;
16. cada carta foi transcrita em folha separada;
17. foram desdobradas as abreviaturas nas notas.

4.2 MINHA AMIGA EPISTOLAR

Seria uma lástima permitir que os arquivos abertos da *internet* nos afastassem, hoje, pela facilidade de consulta, desses inúmeros arquivos que escapam à digitalização e obrigam o pesquisador a se deslocar, mas que lhe oferecem o privilégio de ter acesso a documentos raros e totalmente desconhecidos (PAGÈS, 2017, p. 122).

Apresentaremos nesta subseção o lote contendo as vinte e três cartas trocadas entre as escritoras mineiras ao longo do ano de 1970. Em cada carta foram

acrescidas notas explicativas que visam complementar para o leitor com informações que contribuirão para a interpretação de cada uma.

Na etapa final desta dissertação, fase em que se faz necessária a visitação aos locais onde as cartas estão depositadas, para manusear e pesquisar minuciosamente os alguns outros recortes de jornais, cartas, bilhetes, livros para coletar as informações finais sobre este carteadado, nos deparamos com o momento que estamos enfrentando: falamos da pandemia do Coronavírus (COVID-19) que pegou a todos de surpresa, gerando essa reviravolta no mundo, fazendo com que mudássemos nossos modos de vida, nossas atitudes, comportamentos e pensamentos.

Acerca da pandemia do Coronavírus (COVID-19) é importante traçar um histórico da doença. Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China, primeiramente ocorrendo entre frequentadores e comerciantes de um mercado atacadista de frutos do mar e animais selvagens vivos e mortos (CORONAVIRUS, 2020). Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. Uma semana depois, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram que haviam identificado um novo tipo de coronavírus, e que estariam em toda parte. Eles são a segunda principal causa de resfriado comum (após rinovírus) e, até as últimas décadas, raramente causavam doenças mais graves em humanos do que o resfriado comum. O mais recente, novo coronavírus que no início foi temporariamente nomeado 2019-nCoV e, em 11 de fevereiro de 2020, recebeu o nome de SARS-CoV-2 (O SARS-Cov-2 (*Severe Acurate Respiratory Syndrome*) é um tipo de coronavírurs (CoV) que ficou conhecido por causar a doença classificada como COVID-19, uma sigla que vem do inglês **Corona Virus Disease**, do ano de 2019 (BRASIL, 2020). Esse novo coronavírus é responsável por causar a doença COVID-19. Em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto do novo coronavírus constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Essa decisão buscou aprimorar a coordenação, a cooperação e a solidariedade global para interromper a propagação do vírus.

As evidências disponíveis atualmente apontam que o vírus causador da COVID-19 pode se espalhar por meio do contato direto, indireto (através de superfícies ou objetos contaminados) ou próximo (na faixa de um metro) com pessoas infectadas através de secreções como saliva e secreções respiratórias ou de suas gotículas respiratórias, que são expelidas quando uma pessoa tosse, espirra, fala ou canta. As pessoas que estão em contato próximo (a menos de 1 metro) com uma pessoa infectada podem pegar a COVID-19 quando essas gotículas infecciosas entrarem na sua boca, nariz ou olhos (CORONAVIRUS, 2020). Em 26 de fevereiro de 2020 foi confirmado o primeiro caso de coronavírus no Brasil. Em março de 2020 Ministério da Saúde regulamenta critérios de isolamento e quarentena a serem aplicados pelas autoridades estaduais (BRASIL, 2020). No Brasil é divulgada a primeira morte atribuível ao coronavírus no dia 17/03/2020 em um homem de 62 anos com histórico de hipertensão arterial e diabetes mellitus.

Até a presente data não existem medicamentos específicos para o tratamento da infecção pelo COVID-19 e a vacina ainda encontra-se em fase de estudos.

Entretanto, algumas medidas de suporte devem ser sempre implementadas, entre elas o isolamento social e a quarentena. O Protocolo de manejo clínico do coronavírus do Ministério da Saúde do Brasil (2020) define que a quarentena deve ser adotada pelo prazo de até 40 dias, podendo ser estendida por tempo necessário, determinada por ato administrativo formal estabelecido pelas secretarias de saúde dos estados, municípios, do Distrito Federal ou ministro de estado da saúde. Com esse avanço rápido da doença, os governos municipais e estaduais a partir de 13 de março de 2020 anunciaram que algumas medidas de segurança para evitar a propagação da doença deveriam ser tomadas. Estariam temporariamente proibidas: eventos com aglomerações de pessoas; as aulas da rede pública e privadas foram canceladas; as instituições públicas e o comércio foram fechados e que somente serviços essenciais (hospitais, bancos, supermercados e farmácias) poderiam continuar funcionando. Passou a ser obrigatório o uso de máscaras de proteção para todas as pessoas, e orienta-se o uso de álcool gel 70% nas mãos, assim como lavar as mãos com água e sabão sempre que possível.

Como consequência, a partir destas medidas, as instituições de ensino, bibliotecas, museus e arquivos, instituições importantes para a conclusão desta

pesquisa foram fechadas por tempo indeterminado, e algumas delas atendendo sob demanda como foi o caso do MAMM, que mesmo neste período de pandemia, com a autorização do diretor e adotando as medidas de segurança cabíveis, permitiu a minha entrada durante três dias, com hora marcada para a realização da pesquisa. Porém, parte das informações que eu preciso acessar está sob a guarda do Arquivo Público e do Acervo de Escritores Mineiros, instituições que entrei em contato por *e-mail*, mas não foi possível ter acesso. Por esse motivo levou-nos a adotar as seguintes medidas: **1 - Informação não localizada pela pesquisadora. A coleção de jornais disponíveis no MAMM está incompleta. Devido a Pandemia do Corona Vírus o Arquivo Público está fechado, e 2 - Informação não localizada pela pesquisadora. Devido a Pandemia do Corona Vírus o AEM está fechado.** Estabelecidos estes critérios para as informações não localizadas, abaixo encontram-se as transcrições das cartas, acrescidas das fontes elaboradas.

Carta n. 1¹

Nota de transcrição da carta 01/23
CA a LCA
Ano: 1970
MAMM

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 32cm de largura x 22cm de comprimento; não possui pautas; cor bege com manchas amarelas, folhas com marcas de dobras. Documento datiloscrito e assinatura autógrafa à tinta (azul); 2 folhas frente; acompanhado do envelope.

Laís:

as fadigas de fim do ano somaram-se, desta vez, a aborrecimentos provindos do mau funcionamento orgânico e fui obrigada, bem contra a vontade, a recorrer a médicos et caterva. Isto devorou-me o tempo, além de esgotar-me a paciência, que os esculápios, hoje, não dão um ponto na sua costura sem exigir milhões de exames e tolices. Certamente, procuram assim escudar sua imensa ignorância: a alergia que me levou a procurar estes senhores, pouco melhorou depois de me haverem submetido a numerosas chateações. A pior delas é um regime alimentar insuportável, que vou seguindo como posso, disposta a mandar tudo às favas a qualquer hora. Infelizmente, sou muito descrente da medicina e não ponho a menor fé nos processos curativos que ela determina. E tenho horror visceral a ingerir drogas, coisa que evito ciosamente: sei que é o abuso delas a causa da maior parte dos males que afligem a humanidade. Por esta razão, além da lufa-lufa característica deste desagradável período do ano, pouco tenho me sentado à máquina de escrever. Estou, de resto, muito necessitada de um pequeno repouso, sem livros nem escritos, processo de cura mais indicado que os demais para grande parte de nossos achaques. Penso que, por isso mesmo, não adiarei mais aquela esticada ao Rio, onde os negócios do apartamento da Raul Pompéia² andam à deriva sem ninguém que dêles cuide. Aproveito o ensejo, arrumo o antro, regularizo a situação junto Administradora que finge cuidar do imóvel e concretizo a ordem médica de buscar junto ao mar um alívio para a erupção cutânea com que fui, de repente, mimoseada. Não se sente tentada a descansar uns dias no Pôsto Seis? Mesmo com o calor, aquilo lá é agradável, se o programa fôr organizado racionalmente. Com minha

enraizada apatia, viajar é sempre um sacrifício: faço-o malgrado meu. Mas sempre reconheço a vantagem de sair um pouco e, nisto, admiro a facúndia do nosso Frieiro: justamente, acabo de receber uma carta dele relatando-me as andanças que, com a mulher, perpetrou para os lados de Araxá.³ Quem sabe viver é Mestre Eduardo, que dúvida! Não só lhe admiro, mas até lhe invejo a capacidade de movimento, a inquietude física, nêle tão viva quanto a espiritual. É modelo de bon vivant⁴ no bom sentido da palavra.

Também recebi uma carta do Martins de Oliveira,⁵ além de um bilhete do Edson Moreira,⁶ a respeito do desejo da Academia promover, aqui em J. de Fora, a sessão comemorativa do 60º aniversário da entidade.⁷ Escrevi uma nota a respeito,⁸ e no mesmo dia recebi um telex do Prefeito Itamar Franco colocando os recursos da Prefeitura à disposição da iniciativa.⁹ É um moço inteligente, o jovem Prefeito local. Eu, contudo, como conheço o pessoal da Academia, tenho minhas dúvidas a respeito de sua vinda no próximo dia 17. Dei conta ao Martins da boa vontade do Prefeito – e êle ficou na moita. De resto, se meus planos não falharem, devo estar no Rio no próximo dia 17. Isto não me impedirá, contudo, de dar ao intento dos acadêmicos o auxílio que me for possível. Veremos como as coisas correrão.

No mais, é a rotina. Como a Bloch me enviou um caixote com todos os romances premiados no Walmap em 67 e 69,¹⁰ estive passando os olhos por eles: sinceramente, o que mais me agradou até agora foi o livro da Maria Alice Barroso - UM NOME PARA MATAR. Mulé-macho¹¹ para escrever está aí: e talentosa, senhora de seu instrumento, uma dona extraordinária. Em que CEM ANOS DE SOLIDÃO¹² é melhor que o livro da Maria Alice? São obras gêmeas, e até com singulares pontos de aproximação. Tendo aparecido primeiro, o livro da Maria Alice não poderá ser acusado de carbono do outro. Tirando a Clarice,¹³ parece-me a Maria Alice a primeira figura feminina das nossas letras. Muito mais brasileira que a outra.

E não vejo que êste momento seja dos mais expressivos, falando de literatura, Um pouco anêmico. Fase de transição, fase experimental: a prova são os suplementos literários. Imaturos. Talvez eu esteja enganada? É, contudo, opinião de alguns cobras também.

Quando passar esta fase, vou pensar em reunir os exemplares do GIROFLÊ, GIROFLÁ¹⁴ para enviar à comissão da Imprensa Oficial: estão espalhados por aí, nem sei onde.

E agora que o ano mudou, mudou igualmente sua situação de funcionária? Faço votos para que volte ao SL,¹⁵ onde seu lugar ficou vago e onde, efetivamente, é seu lugar mesmo. Se preciso fôr um gesto seu, faça-o sem constrangimento: a vida é isso, contornar faz parte do esquema. O que importa é a gente poder realizar segundo o seu gôsto e vocação.

A página do Wagner¹⁶ está saindo. Acho que êle se esforça e merece estímulo. Fiquei satisfeita por êle.

A sua visita a Juiz de Fora ficou para quando? Nem fala mais nela! Anime-se, é um pulo. E variar de ambiente é imperativo até de higiene mental. Dizem-me que nunca visitou o irmão¹⁷ aqui. Precisa corrigir esta omissão.

Abraços.

Cosette

J. de Fora, 5.1º.70

¹ Para efeito de índice organizacional do arquivo as cartas foram numeradas de 1 a 23.

² Trata-se do apartamento que Cosette de Alencar possuía no Rio de Janeiro, conforme podemos afirmar: Em um trecho do Cantos de Página, de 1964, a cronista comentou que acabara de adquirir um apartamento em Copacabana... O imóvel ficava localizado na Rua Raul Pompeia (ALENCAR, 1964, p. 2).

³ Em carta datada de 21/12/1969 enviada a Cosette de Alencar, o escritor Eduardo Frieiro conta das viagens que ele tem feito ao lado da esposa Noêmia por algumas cidades de Minas Gerais e do Espírito Santo. O conteúdo completo da correspondência está descrito no Anexo C.

⁴ Esse termo se refere ao Mestre Eduardo Frieiro: “homem de humor jovial e fácil que ama os prazeres”. (Tradução nossa).

⁵ Cândido Martins de Oliveira nasceu em 1896 e faleceu em 1975. Foi juiz, desembargador, Secretário de Justiça de Minas Gerais. Ocupou a cadeira nº 23, na Academia Mineira de Letra (CARVALHO, 2013, p. 79). A carta enviada por Martins de Oliveira encontra-se disponível na íntegra no Anexo D.

⁶Edson Moreira (1919-1991), o poeta nasceu na Fazenda do Tanque, em São Francisco do Glória, então distrito de Carangola. Formado em Filosofia, fundou, ao lado do irmão, Pedro Paulo, a Editora e Livraria Itatiaia, que marcou época na vida cultural de Minas Gerais (CENTENÁRIO..., 2019, recurso eletrônico). O bilhete recebido pelo Edson Moreira não foi localizado no fundo da titular.

⁷Nos documentos depositados no MAMM, no fundo da titular, não foram localizadas informações sobre a comemoração dos 60 anos da Academia Mineira de Letras.

⁸De acordo com a data do telex recebido pelo prefeito, a nota escrita por ela, teria que estar próxima a esta data. Pesquisou-se nos jornais arquivados no MAMM e pode-se constatar que a coleção está incompleta. Não foi localizada esta informação.

⁹O telex recebido por Cosette de Alencar do Prefeito Itamar Franco, encontra-se disponível na íntegra no Anexo E.

¹⁰ Considerado o maior prêmio literário do país, e reconhecido no âmbito internacional, o prêmio Walmap **1967** teve os seguintes ganhadores: 1º lugar: Jorge, um brasileiro de Osvaldo França Júnior; 2º lugar: Um nome para matar de Maria Alice Barroso; 3º lugar: Judeu Nuquim – Octávio Mello Alvarenga; Houve, adicionalmente, quatro romances classificados em quarto lugar: a) Deus de Caim – Ricardo Guilherme Dicke; b) Chuva branca – Paulo Herban Maciel Jacob; c) A verdade – Paulo Celso Nogueira Rangel; d) Capela dos homens – Benito Barreto (CAMARGO, 2019, p. 43-44). Em **1969** temos os seguintes ganhadores: 1º lugar: E depois nosso exílio de Sérgio Viotti; 2º lugar: Dos ditos passados nos acercados do Cassiana de Paulo Jacó; 3º lugar: 1908 – Memórias de um saudosista de Lia Correia Dutra. Os outros livros premiados não foram localizados pela pesquisadora.

¹¹ Maria Alice Barroso (1926-2012), escritora que teve o livro **Um nome para matar**, como merecedor do 2º lugar no prêmio Walmap em 1967. O livro trata de uma história que se passa em Pará de Deus, cidade imaginária do norte fluminense, na fronteira de Minas. Pará de Deus é um universo ficcional fechado, que Maria Alice explora em detalhes (MUSSA, 2016). No Anexo F encontra-se uma das

cartas enviada de Maria Alice Barroso para Cosette de Alencar falando sobre o livro.

¹²Gabriel García Márquez (1927-2014), autor do livro **Cem anos de solidão**, obra que em 1967 recebeu o prêmio Walmap. O livro narra a história da fictícia cidade de Macondo e a ascensão e queda de seus fundadores, a família Buendía (VIEIRA, 2017).

¹³Clarice Lispector (1920-1977), estreou com o premiado romance **Perto do coração selvagem** (1943) não sem causar certo incômodo em parte da crítica da época, dada sua escrita peculiar e inovadora. Publicou crônicas no **Jornal do Brasil** de agosto de 1967 a dezembro de 1973, neste período a escritora contribuiu para a valorização do gênero e passou a desempenhar a função de cronista com regularidade (NOGUEIRA, 2007).

¹⁴Único romance publicado da escritora Cosette de Alencar, **Giroflê giroflá**, foi premiado pela Academia Mineira de Letras em 1970. O escritor Odair de Oliveira, membro da Comissão de Seleção de Originais da Imprensa oficial, que outorgou a **Giroflê, giroflá** classificação entre os dez melhores de 1969, com direito à edição gratuita, teve como parecer (parte dele):

É um livro excelente, contém uma síntese do drama da classe média, das mazelas da sociedade, dos vícios da política partidária e dos desajustamentos da administração pública, mostrando também a tendência para a acomodação, [...] que, principalmente em Minas, limita as perspectivas e aspirações de um homem comum. A autora revela-se uma analista de primeira ordem dos mistérios da psicologia humana e dos problemas sociais que distinguem a realidade nacional, enquanto desenvolve sua história que tem como personagem principal um burocrata desencantado consigo mesmo, com a vida e com o meio em que se movimenta. [...] livro afinado com tempo e o ambiente mineiros [...] Leitura agradável, temática interessante e matéria de meditação para o leitor [...] com maturidade e segurança sem renegar a tradição da ficção confessional e sem alienar-se na fantasia gratuita do romance convencional (OLIVEIRA, O., 1971, p. 3 apud CABRAL, 2015, p. 31).

¹⁵O SL (Suplemento literário), foi um dos principais meios de comunicação da época, jornal onde Laís Corrêa de Araújo atuou como poeta, ensaísta e editora. O Suplemento Literário de Minas Gerais foi criado em 3 de setembro de 1966 e

funcionava na Av. Augusto de Lima, 270, em Belo Horizonte. (SECRETARIA DO ESTADO DE CULTURA, 2017, recurso eletrônico).

- ¹⁶ Trata-se da página que foi disponibilizada pelo sobrinho de Laís Corrêa de Araújo, o Wagner Corrêa de Araújo. Ele é jornalista especializado em cultura, roteirista e diretor de programas de TV e crítico de artes cênicas. Foi diretor dos programas Manchete verdade, Caderno 2, Cadernos de Cinema, Curta Brasil (TVE/TV Brasil) e dos documentários Balé Teatro Guaíra 30 anos e O Grande Circo Místico. Atuou como crítico convidado nos Festivais Internacionais de Berlim, (Belgrado FestFilm), Brasília e Gramado. Criador do Centro de Cinema Humberto Mauro do Palácio das Artes BH. Trabalha na produção de eventos culturais da Casa da Leitura/BN/MINC (ARAÚJO, W., 2020).
- ¹⁷ Trata-se do irmão da poeta Laís Corrêa de Araújo, Plácido Corrêa de Araújo, ele nasceu em Campo Belo, no dia 15 de julho de 1918. Foi Juiz de Direito e na época morava em Juiz de Fora, MG com a família (ARAÚJO, L. C. de. [Correspondência]. Juiz de Fora, 16 set. 1967).

Carta n. 2

Nota de transcrição da carta 02/23
LCA a CA
Ano: 1970
AEM

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 22cm de largura x 32cm de comprimento; não possui pautas; cor bege com manchas amarelas e marcas de dobras. Documento datiloscrito e sem assinatura; 3 folhas frente.

BH, 13.1.70

Cosette,

é curioso: a gente se cansa de muito barulho, como se cansa também do silêncio. Passados os dias de “festas”, o fim de ano de confusão, comedorias e compras, o vazio das férias, pela ausência dos meninos, me assusta. Estamos praticamente sòzinhos de nôvo, eu e Affonso,¹⁸ com a turminha se esbaldando cada um para seu lado. A casa muito quieta, a mesa vazia, a televisão desligada, nos afligem e nos doem estranhamente. Affonso me consola dizendo que devemos nos acostumar, pois o futuro será assim, quando cada filho escolher o seu rumo na vida. Mas eu ainda me sinto com o cordão umbelical ligado a êles...

No entanto, o ano nôvo começa bem para mim, no setor de trabalho, ao menos. Não só renovaram meu contrato com a Imprensa, como o Murilo¹⁹ foi nomeado para um pôsto mais importante, deixando o Suplemento livre, ao menos diretamente. Isto significa que eu voltarei a escrever, deixando de sentir-me desonesta e parasita. Só voltaria, realmente, nessas condições, fora da órbita do Murilo, sem “baixar a crista” de meu orgulho. Agora, tudo se acerta. Não que me agrade escrever (estou bem destreinada e um tanto preguiçosa...), mas me permite uma posição mais digna, em vez da posição esquerda e estranha em que estava.²⁰ Claro que não voltarei com a Roda Gigante:²¹ tudo cansa. Mas farei outra espécie de seção, tendo combinado com amigos uma solução de “Equipe” (nome que terá): eu farei o comentário maior e os outros pequenas notas sobre livros. Isto me aliviará de ter de noticiar tantos livros ruins, podendo escolher mais à vontade aqueles sobre que escreverei. Vamos ver se dá certo.

Também creio que, dentro em breve, poderei começar a redigir o livro sobre Murilo.²² Até então, estive empenhada mais em pesquisas, em leituras de toda a obra dele, anotações, etc. Quero ver se em fevereiro começo a escrever mesmo. Portanto, tenho muito serviço a minha frente. Fora o da Comissão de Seleção de Livros da Imprensa, que me obriga a leituras e pareceres aborrecidos (é raro aparecer um livro realmente bom). Mas gosto disto. Gosto de sentir que estou funcionando, que estou fazendo algo, que estou viva, enfim.

O seu convite para ir ao Rio, muito amável, me pega numa hora difícil. Hora de recomeçar a trabalhar no SL, hora em que não posso deixar a casa sozinha, hora em que as despesas de Natal acabaram com o últimos fundos financeiros... E hora de calor bravo! Meu filho, Carlos, está lá, e me disse em cartão que o negócio não está fácil. Quando não é um calor fortíssimo, são chuvas fortíssimas. Janeiro nunca foi um bom mês para o Rio. Você, no entanto, que vai mais “a negócios”, há de passar bem, como é possível passar, sem pensar em praia (interditada sempre!) e em andanças muitas. Espero que encontre tudo em ordem. O seu apartamento, tão simpático, num ponto tão bom, merece cuidados. É pena que você possa ter lucro com êle, senão de aluguel ao menos de aproveitamento para você, para a família. Mas você sabe bem o que faz.

Quanto às doenças, são fases. Acontecem às vezes, para nos atormentar, para nos lembrar de nossa carne frágil. Aliás, você não me pereceu muito cuidadosa consigo mesma, desprezando as recomendações médicas e os tratamentos necessários. Alergia é um aborrecimento constante e exige muita vigilância. Não acreditando em médicos e em medicamentos, perde metade do trabalho, que é feito, em casos deles, de fé. Sem fé nos esculápios o serviço deles, que se baseia em nossa ignorância e em nossa confiança, não resolve nada... Não posso falar muito de você, pois também sou dos que acham os médicos uns burros de marca maior. Curandeiros, no máximo. Quanto mais pernósticos pior. Antigamente, a gente tinha o que se chamava o “médico da família”, que era sempre um senhor simpático, que conhecia a fundo as nossas mazelas, escutava nas costas da gente, receitava uma poção, e assim ficava tudo bem. Hoje em dia, não só não nos dão a confiança de vir em casa (a não ser por um preço absurdo), como, para dizerem o que temos, exigem uma série de exames complicadíssimos nos laboratórios (enriquecimento mútuo!). E no fim, como aconteceu comigo, depois de exame de sangue, de fezes,

de urina, radiografia da cabeça, eletro-encefalograma, tubagem duodenal, etc, etc, etc., me dizem que a minha dor-de-cabeça deve ser hereditária... E me receitam o que eu já sabia há anos: analgésicos: mas espero que, com você tenham acertado. Aliás, você mesma, se observando, deve notar o que lhe faz bem, ou o que lhe faz mal. De qualquer modo, cuide-se. É uma ordem.

Talvez a Myriam²³ vá a Juiz de Fora. Mas ainda não sei. Apesar dos convites, a casa do meu irmão, etc, sempre causam alguma despesa estas viagens. É um absurdo dizer que nunca estive na casa do Plácido! Já estive lá umas quatro vezes. É que, até então, não a conhecia. Estive por vários dias, mas as minhas relações de amizade aí se limitavam à Regina Hargreaves²⁴ (que, de repente, desapareceu, deixou de me escrever, tudo!) e à Niva de Andrade Reis.²⁵ Já passei um mês na fazenda da Niva, aí perto. Conheço bem a sua terra, pelo menos a rua Halfeld²⁶ e a Av. Rio Branco...²⁷ e o Bom Pastor²⁸ e o lindo Museu Mariano Procópio.²⁹ Tenho muita vontade de voltar, de ver o Plácido, de estar com você. Mas as circunstâncias, os rigores do dia-a-dia, não me têm permitido. Quando viajo, é por obrigação, por alguma coisa urgente a fazer, para cumprir um dever, etc. Para o lazer agradável de uma boa visita, de uma boa prosa, não tenho podido. Mas não fique brava comigo: quando menos esperar, estarei telefonando para você, daí de pertinho. Ainda agora, cancelei viagem a Pirapora (apesar de me mandarem carro para me buscar) como também o convite que tive para ir a Araxá, fazer conferência. É impossível, com o reinício do trabalho, com os problemas de matrículas em colégios, uniformes, tudo o que vem agora cair em cima de mim.

Mudemos de assunto: já leu o “Tôrre de Papel” do Frieiro? Como sempre, vale a pena. Escreverei a respeito, para o SL. E você, não vai mandar colaboração? Será que o Murilo,³⁰ pão-duro como era, não lhe pagou o artigo? Diga-me, que eu reclamo...

Escreva sempre. Especialmente agora que ando em hora de afobação...mas também de melancolia, pela solidão em que encontro.

Abrços muitos da

¹⁸ Affonso Ávila (1928-2012), nasceu em Belo Horizonte, casado com Laís Corrêa de Araújo e pai de cinco filhos. Foi poeta, crítico literário, ensaísta e especialista da

estética barroca. Iniciou a carreira intelectual em 1950 como jornalista literário da seção **Tribuna das Letras**, no **Diário de Minas**. Fundou a revista **Vocação**, com Fábio Lucas, Rui Mourão, Ciro Siqueira e Laís Corrêa de Araújo. Autor dos livros **O açude**, **Sonetos da descoberta**, **Código de Minas** e **Poesia anterior** (1953) entre outros (AFFONSO, 2017, p. 72).

- ¹⁹ Murilo Eugênio Rubião (1916-1991), escritor brasileiro, nascido em Carmo de Minas, MG. É considerado o precursor do realismo fantástico no Brasil. Seu livro mais conhecido é **O pirotécnico Zacarias** (1975). Foi chefe da poeta Laís Corrêa de Araújo quando ela trabalhou no Suplemento Literário. Morreu em Belo Horizonte em 1991 (KOOGAN/HOUAISS, 1999, p. 1418).
- ²⁰ Nesta passagem, Laís Corrêa ao escrever para sua amiga e confidente Cosette de Alencar, deixava claro que se sentia mais digna quando escrevia, e que assim poderia passar a ocupar um espaço em que poucas mulheres naquela época ocupavam.
- ²¹ Roda Gigante, de autoria de Laís Corrêa, foi um espaço que recebeu uma multiplicidade de textos de autores canônicos e de novos artistas, contendo entrevistas com críticos e escritores de outros países, além de divulgar o trabalho dos poetas da vanguarda mineira. Procurava, também, deixar o leitor informado dos acontecimentos políticos e econômicos (COELHO, 2006).
- ²² A poeta Laís Corrêa de Araújo se correspondia com Murilo Mendes e com sua irmã, e de acordo com as informações do CEDECOM, a escritora publicou um livro de ensaios que versa a respeito do poeta Murilo Mendes. Sobre este movimento e mais outras publicações, Maciel relata que:

Em 1972 é lançado pela Editora Vozes em Ouro Preto, no Festival de Inverno da UFMG, o ensaio de Laís intitulado Murilo Mendes, pela coleção Poetas Modernos do Brasil, estudo da obra do grande poeta brasileiro residente na Itália. Em 2001 lança no Centro de Estudos Murilo Mendes Ensaio crítico/antologia/correspondência, publicado na coleção Signos da Editora Perspectiva (MACIEL, 2002, p. 61-70).

-
- ²³ Myriam Corrêa de Araújo Ávila, segunda filha da poeta Laís Corrêa de Araújo e do escritor Affonso Ávila. Escritora e professora da Faculdade de Letras da UFMG (FORTUNA crítica de Afonso Ávila, 2006).
- ²⁴ Regina Hargreaves, é filha de José Henrique Hargreaves professor de sociologia do curso de Ciências Sociais da Faculdade de Jornalismo de Juiz de Fora. Regina Hargreaves escreveu **Diário do Sol**, texto poético publicado, pelas Edições Vigília de Belo Horizonte no ano de 1961. Neste mesmo ano de publicação Magalhães Pinto governador de Minas Gerais concede-lhe a Insígnia da Inconfidência pelo reconhecimento de sua obra literária. Alceu Amoroso, crítico literário, também comentou sobre o valor da obra. Correspondeu com Cosette nos anos 1967 a 1968 (AZZI; PEREIRA, 2003 apud AFFONSO, 2017, p .38).
- ²⁵ Niva de Andrade Reis Villela filha do escritor Otto Lara Rezende nasceu em São João Del Rei. Escreveu romances psicológicos como os do século XIX, em suas narrações não tinha o cuidado ao modificar preocupava em transformar sua história reconhecia as diferenças dizia que literatura era para poucos. Participou da exposição Salão Nacional de Belas Artes do Rio, expondo seu quadro Rosa, pintura a óleo, sentiu orgulhosa por estar ao lado de grande celebres Guignard Djamira, Pancetti. Não ganhou prêmio, mas sua participação foi um incentivo para continuar dedicando as artes. Quando se tornou viúva, ela morava em Juiz de Fora e trocou os quadros a óleo pela porcelana. Foi morar no Rio de Janeiro onde trabalhava com tapeçaria em diversas galerias (REIS, 2002).
- ²⁶ Rua Halfeld, considerada o coração da cidade, era inicialmente conhecida como rua da Califórnia antes da cidade ser elevada a vila. É a principal via de Juiz de Fora. Aberta em 1853, era apenas um trecho de caminho, com muito mato e até um pequeno córrego. Com o crescimento da cidade, houve também sua ampliação e modernização. Esta rua é palco de grandes acontecimentos na cidade. O seu nome é em homenagem ao engenheiro alemão Henrique Guilherme Fernando Halfeld, um dos fundadores de Juiz de Fora (PREFEITURA DE JUIZ DE FORA, 2014, recurso eletrônico).

-
- ²⁷ Avenida Barão do Rio Branco, uma das principais avenidas de Juiz de Fora, MG, que recebeu anteriormente o nome de Rua da Direira. São 7 km em linha reta. A avenida foi planejada pelo engenheiro alemão Henrique Guilherme Fernando Halfeld, e fazia parte do caminho novo que ligava Minas Gerais a Côrte no Rio de Janeiro. Hoje uma das avenidas mais movimentadas de Juiz de Fora (SILVA, 2018, p. 42).
- ²⁸ Bom Pastor, bairro residencial localizado próximo à Região Central de Juiz de Fora (GERALDO, 2014).
- ²⁹ O Museu Mariano Procópio situa-se no bairro do mesmo nome, na cidade de Juiz de Fora, MG. Seu acervo é considerado como um dos mais relevantes do período imperial do Brasil. O Museu é resultado da obstinação do colecionador Alfredo Ferreira Lage (1865-1944), que dedicou sua vida à formação de um dos mais significativos acervos artísticos, históricos e de ciências naturais. Aberto à visitação em 1915 como museu particular, o Museu Mariano Procópio só foi oficialmente inaugurado no dia 23 de junho de 1921 (PREFEITURA DE JUIZ DE FORA, 2001, recurso eletrônico).
- ³⁰ Aqui se trata do Murilo Eugênio Rubião (1916-1991) chefe da escritora Laís Corrêa de Araújo.

Carta n. 3

Nota de transcrição da carta 03/23
CA a LCA
Ano: 1970
MAMM

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 32cm de largura x 22cm de comprimento; não possui pautas; cor bege com manchas amarelas, folha sem marca de dobras; papel timbrado com o emblema e o nome do DIÁRIO MERCANTIL Órgão dos DIÁRIOS ASSOCIADOS, fundado em 1912; documento datiloscrito e assinatura autógrafa à tinta (azul); 1 folha frente; com indicações na marginalia; acompanhado do envelope.

JUIZ DE FORA – MG 31.1.70

Laís:

a viagem ao Rio gorou, ainda uma vez. Ficou para depois do Carná. Preguiça, um pouco de doença, medo do calor, apego à rotina.

Não se animou a dar um pulo até aqui? Estive com a Maria Lysia,³¹ com quem me encontrei na rua: selvagem como é, nem ligou ao convite que lhe fiz para aparecer. Parece que ela vem sempre a Juiz de Fora. É mais animada do que nós.

Estou lendo que um nôvo livro do Afonso acaba de sair,³² mas êle também não me dá a menor bola: mas que família!

Um abraço e mande notícias.

Cosette

P. S – Com a saída do Murilo do SL, está aí a deixa para você voltar ao ninho antigo: aproveite-a logo. **(manuscrito)**

³¹ Maria Lysia Corrêa de Araújo (1921-2012), contista, cronista, jornalista, escritora. Formou-se em arte teatral na Escola de Arte Dramática de São Paulo, obtendo o

Prêmio de melhor interpretação numa peça de Ionesco. Começou a carreira teatral em Belo Horizonte com Carlos Kroeber, João Ceschiatti e outros representando peças de alta dramaturgia. Como escritora inicia sua participação em uma antologia de contos e colaborou com imprensa. Conheceu Cosette pela sua representatividade no meio literário (COELHO, 2002).

- ³² O poeta Affonso Ávila publicou em 1969, o livro **Código de Minas e poesia anterior**, título que segundo Silviano Santiago, traduz a ironia do poeta: “anticódigo de Minas teria sido mais acurado [...]” (FORTUNA, 2006, p.16).

Carta n. 4³³

Nota de transcrição da carta 04/23
LCA a CA
Ano: 1970
AEM

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 16cm de largura x 21,5cm de comprimento; não possui pautas; cor bege com manchas amarelas, folhas com marcas de dobras. Documento manuscrito autógrafo (tinta azul) com assinatura (azul), 4 folhas frente.

BHte, 16.3.1970

Cosette,

 você deve estar estranhando o meu silêncio. Explico: nos meses de fevereiro e março, mal tenho tempo para “cuspir...” São os meses em que providencio matrícula de colégios, documentos, uniformes, material escolar, revisão médica nos filhos, etc, etc! Parece pouco, assim escrito ao papel, mas não é. Todos os dias saio para fazer isto ou aquilo, coisinhas miúdas, mas que tomam tempo e parecem infundáveis. Até hoje não terminei a minha função maternal... Acresce que, êste ano, assustada com os preços dos colégios, andei de déo em déo para conseguir bolsa de estudo. Você sabe como é a burocracia brasileira: “preenche êste requerimento; hoje o encarregado não veio; é preciso reconhecer firma; falta a certidão de idade; volta daqui a dois dias” ... e por ai vão gastando o tempo e a paciência da gente. Mas, felizmente, venci a batalha e consegui uma bolsa para a Cristina³⁴ (a mensalidade do colégio era de 130,00!), o que já me aliviou bastante. Depois é a luta para adquirir os livros: aqui não tem, chega semana que vem, o dinheiro não dá. Levar **[ilegível]** às costureiras, comprar sapatos, trocá-los porque ficaram apertados e.....

 Verdadeira estória cômica, se não fosse o cansaço, a nervosia, o abatimento em que ficam as mães, todas descabeladas, pálidas e transpirando. Deixei por último a caçula³⁵ (jardim de infância) e hoje ainda vou levá-la experimentar o uniforme.

 São 7 horas da manhã, agora. Os três filhos maiores³⁶ já saíram para as suas aulas. Affonso ainda dorme, e eu aproveito o momento de tranquilidade perguntar-

lhe como vai – e se se lembra de mim! Eu própria já, não me lembro estou inteiramente parada em todas as minhas atividades: requeri férias para poder cumprir as obrigações maternas. Não sei como anda (se é que anda) a literatura. Parece-me que também está de recesso, premiada pela invasão didática nas livrarias. Têm surgido livros novos? Será que ainda sei ler?

Tão logo me liberte desta fase de obscuridade mental, vou me dedicar inteiramente é ao Murilo Mendes. O ensaio, com apenas 8 páginas escritas, está me esperando. Há muito ainda o que verificar, especialmente sobre a conversão³⁷ dêle, que modificou tôda a sua poesia. **[ilegível]** – começar (com a saída do Murilo Rubião do SL) a fase crítica, mas farei também, por várias razões (uma, é a censura,³⁸ que está dura em cima do jornal): enfim pretendo, nesta semana, reorganizar a minha vida e o meu trabalho, em bases mais discretas e mais suaves. Deixar o SL de lado e enfrentar o Murilo M. com disposição. Literatura de jornal causa e pouco acrescenta à gente. É mais um trabalho “pedagógico” do que autêntica literatura.

E você, o que anda fazendo, quais os seus planos? Não teve mesmo coragem de enfrentar o calor do Rio? Quais são as novidades de J. de Fora e de sua vida literária e particular? Quando nos manda o seu livro³⁹ (deve ser até maio!) para publicação aqui? Você terá a edição de graça e a Imprensa está fazendo meus livros bem feitos. Acho que vale a pena, especialmente para gente de nosso tipo, que não gosta de pedir favores (fazem mesmo como “favor”) aos senhores editores.

Escreva-me logo, para recomeçarmos o nosso diálogo amigo. Nem **[ilegível]** me tem escrito e está inteiramente “por fora” da vida de J. Fora.

Dia 3 fiz 43 anos! Sem festas, é claro, mas obrigando-me a pensar e assumir as responsabilidades de tantos anos inúteis perdidos. Posso recuperá-los? Não, mas ao menos tentarei superá-los com alguma coisa de útil e, se possível agradável...

Abraça-a a Laís

Um recado do Affonso para você!

Ele precisa ver, ler, conhecer, para informações de um ensaio que está escrevendo, um livro do seu pai, o “Cidade do sonho e da melancolia” (Impressões de Ouro Preto) – J. F. 1926⁴⁰ e não o encontra a venda em nenhum lugar. Pergunta se v.

conseguiria ai, para compra, é claro, um ou – se possível – dois exemplares, que poderiam vir por reembolso postal. Apesar de ter corrido tôdas as livrarias e sêbos, não há feito de encontrar o livro.

—

Sugere a você – se lhe interessa – a doação à Coleção Mineiriana, Biblioteca Pública do Estado – Praça da Liberdade⁴¹ – de volumes da obra de seu pai, os livros que não foram reeditados pelo Edson Tostes, são fáceis de adquirir). É para que não falte o nome de seu pai numa coleção tão importante.

Pode verificar isto para nós?

Obrigada Laís

Rasguei o envelope e agora tenho de selar outro!

³³ Analisando o lote de cartas estudado, podemos compreender que as signatárias se corresponderam durante todos os meses do ano de 1970 de forma bem ativa, com exceção do mês de fevereiro, durante o qual não houve envio de cartas. Laís Corrêa justifica o porquê de tanto silêncio durante este mês com a seguinte passagem escrita na carta datada de 16 de março de 1970 com os seguintes dizeres:

Cosette,
você deve estar estranhando o meu silêncio. Explico: nos meses de fevereiro e março, mal tenho tempo para “cuspir”... São os meses em que providencio matrícula de colégios, documentos, uniformes, material escolar, revisão médica nos filhos, etc, etc! Parece pouco, assim escrito ao papel, mas não é. Todos os dias saio para fazer isto ou aquilo, coisinhas miúdas, mas que tomam tempo e parecem infindáveis. Até hoje não terminei a minha função maternal... Acresce que, êste ano, assustada com os preços dos colégios, andei de **[ilegível]** para conseguir bolsa de estudo. Você sabe como é a burocracia brasileira: “preenche êste requerimento; hoje o encarregado não veio; é preciso reconhecer firma; falta a certidão de idade; volta daqui a dois dias” ... e por ai vão gastando o tempo e a paciência da gente (ARAÚJO, L. C. de. [Correspondência]. Juiz de Fora, 16 mar. 1970, grifo a autora).

³⁴ Quarta filha da escritora Laís Corrêa de Araújo e do poeta Afonso Ávila.

³⁵ Mônica, filha caçula da escritora Laís Corrêa de Araújo e do poeta Afonso Ávila.

-
- ³⁶ Os três filhos mais velhos da escritora Laís Corrêa e do poeta Affonso Ávila são: Paulo, Myriam (Escritora e professora na Faculdade de Letras da UFMG) e Carlos Ávila (poeta e jornalista).
- ³⁷ Murilo Mendes fazia parte de um grupo que, na década de 1930, encontrou no cristianismo o refúgio para as crises política e ideológica pelas quais o mundo passava. Foi amigo do pintor, poeta e pensador católico Ismael Nery, que influenciou sua obra e sua conversão ao catolicismo (ALVARENGA, 2015. p. 17).
- ³⁸ Devido à situação política do país na época, o jornal sofria forte censura imposta pela Ditadura Militar. Conforme podemos confirmar no texto ao autor Wagner Lopes (2020) “a censura esteve presente em todas as formas de expressão que pudessem de algum modo contestar o poder vigente, e os artistas e os intelectuais que foram censurados sentiam-se impactados”.
- ³⁹ Trata-se do livro **Giroflê, giroflá** escrito por Cosette de Alencar e que durante o ano de 1970 passava por algumas tentativas e dificuldades para ser publicado, contando com a ajuda e o intermédio de Laís Corrêa de Araújo e demais escritores. Foi premiado pela Academia Mineira de Letras em 1970 e de acordo com Raphaela Ramos (2014), “sendo sua escrita ficcional considerada de grande maturidade e de linhagem machadiana, tornando, segundo a crítica, a leitura atraente devido à pureza e harmonia de sua linguagem”. O mesmo veio a ser publicado em 1971 pela editora Imprensa.
- ⁴⁰ Trata-se do ensaio de Gilberto de Alencar escritor, jornalista e professor. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Ouro Preto e um dos fundadores da Academia Mineira de Letras, ocupando a cadeira 21. Sua obra: **Cidade do sonho e da melancolia** (1926) retrata a cidade de Ouro Preto em um manifesto a favor da manutenção, defendendo o patrimônio histórico nacional (ARAÚJO, C. 2013).
- ⁴¹ Coleção que o poeta Affonso Ávila estava pretendendo organizar, ele desejava possuir todos os livros que falam de Minas, da gente de Minas, da literatura de Minas. “Descasca” tudo, pois está se dedicando seriamente a pesquisa sobre a

“mineiridade” (ARAÚJO, L. C. de. [Correspondência]. Juiz de Fora, 15 fev. 1969, grifo da autora).

Carta n. 5

Nota de transcrição da carta 05/23
CA a LCA
Ano: 1970
MAMM

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 32cm de largura x 22 cm de comprimento; não possui pautas; cor bege; folhas sem marcas de dobras; 2 folhas frente; documento datiloscrito autógrafo `à tinta(azul); acompanhado do envelope.

Laís:

estou voltando ao Rio onde, afinal, empurrada pelos médicos, acabei passando quinze dias. Era tempo de realizar esta viagem porque, abandonado à cobiça de uma Administradora cariocamente desonesta, o apartamento da Raúl Pompéia ia levando o diabo. Curto me foi o tempo para restaurar e renovar mobiliário e pertences do imóvel: passando as manhãs todas na praia, mal me sobrou prazo para acertar contas e tomar providências para a futura manutenção do famigerado quarto-sala. Gastei uma nota, não pude fazer quanto intentava e nem cheiro tomei a teatros, cinemas, canecões e canequinhas... Dos amigos, apenas avistei o Ivan Vasconcelos⁴² que, sabendo-me lá, fêz-me a surpresa de aparecerem-me no apartamento: aos outros, nem telefonar pude. Se os banhos não me curaram a alergia, em todo caso descansaram-me um pouco, constando-me que até desemagreci um tantinho. E uma folga no jornal⁴³ era indispensável para reconquista de um equilíbrio mental que eu percebia estar em colapso: foram quinze dias sem leitura alguma, sem recurso às folhas noticiosas, de rádio e televisão desligados. Fiquei inteiramente por fora de tudo, e isto me fêz bem.

De volta, retomo a canga. Vejo que você travou sua anual batalha com colégios para os filhos: sei que é uma África de luta. No seu caso, pelo que sei, há o estímulo da sua menina ser brilhante intelectualmente, compensando de sobra os sacrifícios que você e Afonso fazem. E próximo deve estar o momento em que ambos colherão os frutos desta suada sementeira: já pensou em que felicidade tem reservada?

Ah, também eu desliguei a tomada no setor de literatura. Como sabe, as editoras brasileiras atravessam uma fase negra: as que ainda não faliram, estão em recesso total. Parece que não se vende mesmo o livro de autor nacional, excetuados aqueles dois ou três casos, geralmente à margem da literatura... Contou-me o Ivan Vasconcelos ter ouvido de um amigo, idôneo, a notícia de que o Jota⁴⁴ o teria recusado originais da própria Raquel de Queiroz,⁴⁵ sob a alegação de que também os livros dela andam encalhando. Se não é verdade... A esperança de muitos é a ação da Maria Alice Barroso à frente do INL.⁴⁶ A môça é inteligente e está prometendo inovações naquela máquina burocrática. Vamos esperar para ver o bicho que irá dar. Aliás, você já deve ter recebido uma cartinha dela pedindo-lhe sugestões para sua administração no INL. Diz-se que é a sua intenção extrair a média das sugestões recebidas para traçar a linha que deverá seguir como diretora da entidade. Quando estiver pronto o seu ensaio sobre o Murilo, será hora de você pensar em encaminhá-lo à comissão de alto nível que a Maria Alice convocou para auxiliá-la no Instituto. Quanto a mim, ainda não pude reunir as cópias do GIROFLÊ, GIROFLÁ para a Imprensa Oficial. Mas recebi o livro da Zilah,⁴⁷ escrevi logo uma nota⁴⁸ sobre êle que, não sei porquê, ficou retida: com as minhas férias, esqueci-me de a encaminhar à oficina e só agora estou corrigindo este lapso. Vai demorar aparecer, que deixei prontas muitas colunas e, por ordem, a publicação desta matéria levará tempo. A Zilah é uma grande trabalhadora, sem dúvida: li antes de viajar, alguns de seus contos. Ela escreve com fluência, é narradora agradável, parece livre da influência do maneirismo que atacou o gênero, tão difícil. O pessoal está copiando o Trevisan,⁴⁹ o Luís Vilela,⁵⁰ a Lygia Fagundes Telles,⁵¹ com um enorme caradurismo, esquecendo-se de que, na receita destes três, entra, em dose maciça, um talento muito pessoal, copiar não é tão fácil como se pensa, sendo inteiramente desvalioso. Antes de fazer como a Zilah, que apelou para seus próprios recursos e foi em frente. Agradeça-lhe o exemplar que me remeteu. Tão logo se publique a nota que escrevi, hei de manda-la a você, que não tenho o endereço da Zilah.

Quanto a meus planos... Nem sei. Se a saúde permitir, pretendo reescrever um romance que publiquei, em folhetim, no suplemento do DIÁRIO MERCANTIL.⁵² Talvez me saia menos fraco do que o outro. Vamos ver.

43 anos! Quem me dera voltar a eles! Que tolice a sua dizer que foram anos inúteis, perdidos! É cega? Você criou uma família, além de criar uma obra, desta ou daquela maneira, contribuiu para enriquecer nossa pequena bagagem literária: e se dá com amor a ambas as tarefas, úteis igualmente. Que queria mais?

Chegando ao recado do Afonso, entristece-me realmente não dispor de um único volume do CIDADE DO SONHO E DA MELANCOLIA para enviar-lhe. Há anos, para satisfazer uma exigência dos Moreira da Itatiaia⁵³ (que me acenavam com nova edição da obra) tive de apelar, pelo jornal, para o público, solicitando o empréstimo de um exemplar: consegui, desta maneira, um único livro que remeti ao Pedro Paulo. Não tive mais notícia da prometida edição nem me foi restituído o exemplar enviado. Não pode o Afonso reclamar do Pedro Paulo este exemplar? Parece-me que êle, depois, conseguiu outro. Assim, não lhe faria falta o que lhe enviei. Da mesma forma, como poderia eu doar exemplares da obra de papai à COLEÇÃO MINEIRIANA; não disponho senão de um único exemplar de cada livro, exemplar este que meu pai, ciosa e ciumentamente guardava em sua biblioteca. São velhas edições, esgotadíssimas. Mesmo as edições da ITATIAIA⁵⁴ estão esgotadas. O que sucede igualmente à edição das MEMÓRIAS da AGIR.⁵⁵ Só disponho de exemplares do MISAEL E MARIA RITA⁵⁶ na edição particular do Autor. O mais não se encontra porque não existe mesmo, é matéria extinta.

Sabe qual foi a minha sugestão à Maria Alice Barroso? Cuidar de editar, e reeditar, os esquecidos mineiros: citei nominalmente, Gilberto, Frieiro, Agripa...⁵⁷ Que pena vê-los tão pouco divulgados! E que injustiça!

Para retomada de conversa, dei-lhe uma surra. Perdoe o excesso e o mau jeito: os quinze dias de ócio puseram-me fora de forma diante da máquina de escrever.

(NO Rio, andei comprando algumas novidades francesas nas livrarias: agora, pretendo regalar-me. Ainda não entrei na onda latino-americana...)

Abraços e não desapareça de nôvo.

Cosette

J. de Fora, 2.4.70

-
- ⁴² Ivan Vasconcelos foi escritor na década de 1960, mineiro, nascido na pequena cidade interiorana de Argirita, que na época, foi distrito do Município de Leopoldina, filho de uma família conhecida, com raízes na zona rural da região (RODRIGUES, 2008, recurso eletrônico).
- ⁴³ Trata-se do jornal **Diário Mercantil**, fundado em Juiz de Fora, em 23 de janeiro de 1912. Sua sede localizava-se na Av. Rio Branco, 3372. Cosette de Alencar trabalhou no jornal desde o ano de 1944 até 1973, no ano de 1970 ela escrevia a coluna **Livros e letras** (1968-1973).
- ⁴⁴ Informação não localizada pela pesquisadora. A coleção de jornais disponíveis no MAMM está incompleta. Devido à Pandemia do Corona Vírus o Arquivo Público está fechado.
- ⁴⁵ Raquel de Queiroz (1910-2003) escritora e jornalista nascida em Fortaleza, foi a primeira mulher a ganhar o Prêmio Camões (1993) e a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, em 1977. Teve sua obra muito bem recebida pela crítica o livro **O quinze** e foi ganhadora do prêmio da Fundação Graça Aranha, recebeu o Prêmio Machado de Assis, concedido pela Academia Brasileira de Letra (DIANA, 2017, recurso eletrônico).
- ⁴⁶ Maria Alice Barroso (1926-2012) – escritora nascida em Miracema, RJ, foi bibliotecária, tendo feito Biblioteconomia no Rio de Janeiro. Publicou alguns livros, dentre eles o livro **Um nome para matar**, obra ganhadora do prêmio Walmap de 1967 (MUSSA, 2016, recurso eletrônico).
- ⁴⁷ Zilah Corrêa de Araújo (1916-1975), irmã mais velha de Laís Corrêa de Araújo foi romancista, contista, jornalista e advogada. Era bacharel e doutora em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal de Minas Gerais. Graduou-se também em Ciências Econômicas e fez pós-graduação em Direito Tributário, em Paris. O livro citado é **O bezerro de ouro**, publicado em 1970 (SILVA, 2020).
- ⁴⁸ Informação não localizada pela pesquisadora. A coleção de jornais disponíveis no MAMM está incompleta. Devido à Pandemia do Corona Vírus o Arquivo Público está fechado.

-
- ⁴⁹ Dalton Jérson Trevisan, foi escritor que nasceu em Curitiba, e teve livros publicados, dentre eles, **A guerra conjugal** (1970), **O rei da terra** (1975), entre outros (NUNES FILHO, 2006, recurso eletrônico).
- ⁵⁰ Luiz Vilela (1972-) nasceu em Ituiutaba, (MG). Publicou seu primeiro artigo em 1956 num jornal de estudantes. Autor de vários livros publicados como **Tremor de terra** (1967), **Perdição** (2011). Foi ganhador de vários prêmios relacionados à literatura (BIBLIOTECA Pública do Paraná, [19--?], recurso eletrônico).
- ⁵¹ Lygia Fagundes Telles (1923-), nasceu e vive em São Paulo. Considerada pela crítica uma das mais importantes escritoras brasileiras, publicou ainda na adolescência o seu primeiro livro de contos, **Porão e sobrado** (1938), **O cacto vermelho** (1949) (TELLES, 2020).
- ⁵² Cosette de Alencar escreveu o **diário de Ana**, uma autobiografia ficcional, onde autora e personagem se assemelham, os fatos narrados correspondem à vivência de duas mulheres envolvidas com a literatura, foi publicado à maneira de folhetim semanal, no jornal **Diário Mercantil**, na coluna **Rodapé Dominical** entre os anos de 1966 a 1967 (OLIVEIRA, 2006, p. 11). Sobre ele, foi defendida no ano de 2006 uma dissertação intitulada: **Ficção e memória em Diário de Ana, de Cosette de Alencar**, sob a orientação da Professora Nícea Helena de Almeida Nogueira, que encontra-se sob a guarda do MAMM.
- ⁵³ Pedro Paulo Moreira, dono e editor-chefe da livraria Itatiaia que publicou livros de Gilberto de Alencar.
- ⁵⁴ Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, foi fundada em 1954. Local em que Cosette de Alencar trabalhou como tradutora de livros na língua francesa, espanhola e inglesa. Essa editora foi responsável por publicar várias obras de Gilberto de Alencar, tais como *Misael e Maria Rita* (1962) e *Memória sem Malícia de Gudesteu Rodovalho* (1946) (CALIXTO, 2014, p. 37).
- ⁵⁵ Refere-se a edição do Livro **Memória sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, de Gilberto de Alencar, romance, 1ª edição, de 1946, financiada pelo próprio autor, foi produzida nas oficinas do jornal Gazeta Comercial, de Juiz de Fora. A 2ª, de

1957, pela editora Agir, Rio de Janeiro. A 3ª e a quarta, póstumas, de 1962 e 1970, respectivamente, pela editora Itatiaia, de Belo Horizonte (CARVALHO, 2013, p. 61).

⁵⁶ Misael e Maria Rita, trata-se de livro do autor Gilberto de Alencar, publicado em 1943.

⁵⁷ Agripa Ulysses Vasconcelos (1896-1969), nasceu em Matosinhos, naquela época distrito de Santa Luzia, MG. Foi médico e romancista, e manteve diálogo epistolar com Cosette de Alencar. Alguns dos seus livros publicados foram **Chico Rei** (1966) e **Gongo Sôco** (1966), ambos publicados pela editora Itatiaia (AFFONSO, 2017, p, 98).

Carta n. 6

Nota de transcrição da carta 06/23
LCA a CA
Ano: 1970
AEM

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 25cm de largura x 20cm de comprimento; não possui pautas; cor bege com manchas amarelas, folhas com marcas de dobras; papel timbrado com o emblema e o nome MINAS GERAIS Suplemento literário, Av. AUGUSTO DE LIMA, 270 BELO HORIZONTE – MINAS GERAIS BRASIL; documento manuscrito autógrafo (tinta preta) com assinatura (tinta preta); 4 folhas frente.

BH, 10.4.70

Cosette,

antes de tudo, devo alertá-la de que o prazo para a inscrição dos livros a serem editados gratuitamente pela Imprensa Oficial⁵⁸ vai até dia 30.4. Não sei o que você está esperando ou por que a hesitação... pode estar certa de que as nossas edições vêm tendo excelente aceitação, porque estão realmente bem feitas graficamente. Há aqui um artista plástico, Márcio Sampaio,⁵⁹ que vem fazendo várias capas para livros da Imprensa e dando-lhes uma apresentação ótima. O serviço dele é particular, é claro, infelizmente, o pessoal de oficina, não tem capacidade para realizar um trabalho desses. Não fica barato e dá outra categoria aos livros. É Claro que, tão logo o “Giroflê, Giroflá” entre na oficina, eu posso cuidar dessa parte aborrecida, da composição, para você. Trate portanto, de enviar-nos um original, acompanhado de requerimento ao Dr. Paulo Campos Guimarães⁶⁰ em que você expressa claramente o desejo de que o livro seja impresso gratuitamente, de acordo com o artigo 3º do decreto n.º 12.099, de 8.10.1969.⁶¹ Tudo combinado? Não deixe de enviar logo o livro, senão ele só poderá entrar na concorrência de 1971(junho),⁶² atrasando muito a publicação. Vocês, intelectuais são muito displicentes e comodistas! É preciso de mais objetivo e aproveitar a onda da Imprensa, já que – em Minas – não temos mesmo outra editôra. Aliás, como você mesmo diz, o problema editorial no Brasil está muito sério e os livreiros têm procurado “salvar a pele” apenas com obras didáticas, que têm consumo certo.

Quanto ao recado que Affonso lhe mandou, êle teve tanta sorte que, falando a respeito com uma pessoa amiga, esta lhe ofereceu o volume de Gilberto de Alencar, de que possuía dois exemplares... Affonso ficou muito feliz, porque o livro é indispensável à sua coleção mineiriana, que êle organiza (e ama) com ardor. Em todo o caso, se você ainda está escrevendo a sua coluna, fale a respeito da outra Coleção Mineiriana, a que está sendo organizada pela Biblioteca Pública do Estado,⁶³ pedindo os escritores mineiros ou que tenham escrito sobre temas mineiros para não deixar de enviar à Biblioteca ao menos um exemplar de seu livro. Será uma coleção importantíssima para a história da cultura em Minas e que tem recebido o apôio entusiástico de todo o Brasil, com várias doações importantes. O endereço da Biblioteca Pública do Estado é simplesmente “Praça da Liberdade – Belo Horizonte”.

O caso é o seguinte – como tudo o que diz respeito a cultura, a Biblioteca está tentando com sérias dificuldades financeiras. Tem um acêrvo importantíssimo e grande (basta dizer que foi organizada pelo Frieiro), mas agora teve tôdas as suas verbas cortadas! Este ano, não pôde ainda comprar um só livro, apesar da exposição de motivos feita ao Secretário da Fazenda e apesar dos protestos aparecidos em jornais **[ilegível]**. Comentário que “material de trabalho” (como consta no orçamento) fosse certamente papel, lápis, etc, coisas dispensáveis quando se trata de livro, realmente o material de trabalho da Biblioteca. Sem o livro, o que farão os funcionários e de que viverá uma biblioteca? E você nem pode imaginar a frequência que tem. Com o preço muito caro do livro, é uma verdadeira invasão lá, com verdadeiras disputas para obter primeiro um livro, uma coisa tremenda. E reclamações e reclamações porque a Biblioteca não está “em dia” com os nossos textos (como, se não se pode comprar?). As funcionárias, (pouquíssimas e dedicadíssimas) têm lutado para atender de forma conveniente à enorme demanda de livros.

Conheço bem o problema, porque agora está funcionando na Biblioteca, como “assessor cultural”. Deixei de uma vez o suplemento (embora não tenha sido publicado o ato oficial), porque já é tempo de cuidar da minha situação funcional. Como você deve saber, o Murilo pretende aposentar-se, o Paulo Campos vai deixar a Imprensa para candidatar-se e eu ficaria ali solta, sem “cobertura”, sem nenhuma certeza da continuidade do suplemento. Desta forma, achei melhor sair enquanto

tenho proteção e posso arranjar um lugar digno, como esse cargo na Biblioteca. Aliás, eu adoro trabalhar lá (já trabalhei antes), as colegas são ótimas, o serviço é interessante e vivo. Examino os livros, escolho títulos, auxílio na seleção da Mineiriana, movimento-me e uso a cabeça, que é a parte melhor do meu corpo... Estou contente com essa solução.

Quanto ao INL,⁶⁴ também tenho grandes esperanças na direção de Maria Alice Barroso. É uma pessoa inteligente, bem atualizada e certamente disposta a um trabalho consciente – e criterioso. Sei que ela não gosta de mim, mas isto é apenas porque, na minha seção, não falei bem do livro dela⁶⁵ (achei-o pretencioso, confuso, com marcadas influências Paul Ricorianas). O fato de não ter me agradado o seu livro nada impede que eu admire a inteligência dela – aliás, com que foi a demasiada inteligência que prejudicou romance, que perdeu a espontaneidade e se intelectualizava muito. Mas, ela não me mandava a tal carta. Não importa. O bom é que realmente queira fazer algo de concreto pela cultura – e o faça. Admira-la-ei por isto, mais do que pela sua ficção “inovadora” ...

Mostrei sua carta à Zilah, que ficou muito contente com a opinião sobre “O Bezerro de Ouro”.⁶⁶ O livro, aliás, vem tendo muita boa aceitação da crítica e do público, que o lê com agrado. Os contos de Zilah, nem se parecem a nenhuma linha vanguardista, têm aquele toque humano que nos ataca de imediato. Fico feliz com ela.

Espero que, depois dessas ‘Férias’ (?) no Rio, você esteja bem animada para o trabalho. Mas antes de tudo, mande-nos o “Giroflê”. Embora deixando a Imprensa, não deixei a Comissão de Livros – e será um prazer dar-lhe logo o meu parecer favorável.

Gosto de “surras” como as que você me deu. É bom receber cartas – e mais as suas.

Abraça-a a

Laís

⁵⁸ Imprensa Oficial, local onde Cosette pretendia editar o seu livro gratuitamente.

Entre seus objetivos, podemos destacar: democratizar o acesso às informações

de interesse público, legitimadas por meio da publicação dos atos oficiais das esferas pública e privada no Diário Oficial MINAS GERAIS; garantir a perenidade de documentos em tecnologias apropriadas; e difundir a cultura mineira e oferecer soluções em serviços gráficos de qualidade (IMPRESA 120 anos, [19--?], recurso eletrônico).

- ⁵⁹ Márcio Sampaio (1941-) - crítico de arte, pintor, desenhista, poeta e professor, nasceu em Santa Maria de Itabira, Minas Gerais. Em 1966, começa a colaborar como ilustrador no Suplemento Literário do *Minas Gerais*, recém-criado pelo escritor Murilo Rubião (1916 - 1991), além dessas atividades ele trabalhava fazendo capas de livros para a Imprensa. Em 2015 toma posse na Academia Mineira de Letras, sucedendo ao acadêmico José Bento Teixeira de Salles (ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural, 2020, recurso eletrônico).
- ⁶⁰ Paulo Campos Guimarães (1925-1980), nasceu na cidade de Conceição do Pompeu, atual Pompeu, MG. Foi político, servidor público, advogado e professor, foi diretor da Imprensa Oficial e Coordenador de Cultura do Estado entre 1975-1980. Atuou como professor nas Faculdades de Direito, Filosofia e de Ciência Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (SILVA, 2020, p. 85).
- ⁶¹ Informação não localizada pela pesquisadora. A coleção de jornais disponíveis no MAMM está incompleta. Devido à Pandemia do Corona Vírus o Arquivo Público está fechado.
- ⁶² Cosette de Alencar teve seu livro **Giroflê giroflá** publicado em 1971 pela editora Imprensa/Publicações, o mesmo foi premiado pela Academia Mineira de Letras em 1970 (CABRAL, 2015, p. 22).
- ⁶³ Trata-se da coleção Mineiriana, organizada pela Biblioteca Pública do Estado de Minas Gerais Luís de Bessa, e faz parte de um momento particularmente significativo da história mineira e brasileira, os anos 1960, marcados por perplexidades, desafios, frustrações, constrangimentos, derrotas, que obrigaram a sociedade brasileira a se repensar, a buscar reconstituir os caminhos de sua reconstrução democrática (SECRETARIA, 2009, p. 17, recurso eletrônico).

-
- ⁶⁴ Fundado por meio do decreto-lei n. 93, de 21 de dezembro de 1937, através da transferência do Instituto Cairu que havia sido criado em janeiro daquele ano, ao Instituto Nacional do Livro (INL) caberia à função de contribuir direta e eficientemente para o desenvolvimento cultural do país. No ano de 1969 foi dirigido pela escritora Maria Alice Barroso (TAVARES, 2014, p. 164).
- ⁶⁵ Informação não localizada pela pesquisadora. Devido à Pandemia do Corona Vírus o AEM está fechado.
- ⁶⁶ O **bezerro de ouro** livro de contos ganhador do Prêmio João Alphonsus da Secretaria de Educação de Minas Gerais, apresenta histórias sintéticas, comunicativas, escritas em linguagem bastante definida e clara, linguagem de quem sabe o que deseja criar (PEREIRA, 2010). A carta que contém a opinião de Cosette de Alencar sobre o livro, não foi localizada devido à interrupção do funcionamento do MAMM devido ao isolamento social.

Carta n. 7

Nota de transcrição da carta 07/23
CA a LCA
Ano: 1970
MAMM

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 32cm de largura x 22cm de comprimento; não possui pautas; cor bege com manchas amarelas, folha com marca de dobras; papel timbrado com o emblema e o nome do DIÁRIO MERCANTIL Órgão dos DIÁRIOS ASSOCIADOS, fundado em 1912; documento datiloscrito e assinatura autógrafa à tinta (azul); 1 folha frente; acompanhado do envelope.

JUIZ DE FORA - MG
15.4.70

Laís:

como não disponho do endereço da Zilah, sirvo-me de sua boa vontade para fazer chegar até ela o recorte anexo. Coisa extremamente desimportante, registro de valor apenas informativo para número muito reduzido de leitores. A Zilah está de parabéns por sua atividade literária. Dá conta de um recado enorme.

Escrevi a você outro dia, está a me dever a resposta.

Abraços,
da

Cosette

Carta n. 8

Nota de transcrição da carta 08/23
 CA a LCA
 Ano: 1970
 MAMM

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 32cm de largura x 22 cm de comprimento; não possui pautas; cor bege; folhas com marcas de dobras; 3 folhas frente; documento datiloscrito autógrafo à tinta(azul); acompanhado do envelope.

Laís:

Que “les jours se suivent et ne se ressemblent”⁶⁷ acho discutível: a esta altura tudo me parece muito repetido o que há de novo? Talvez só o tédio que, mesmo sendo mal das almas bem nascidas, nem por isto deixa de ser um mal muito humilhante. Penso que não estão a êle sujeitas as vidas bem realizadas – e agradavelmente cheias – como, por exemplo, das mães de família ainda em fase de criação da prole. Seu caso, está na cara. Quer funcionando como redatora do Suplemento, quer entregue à assessoria cultural na Biblioteca, você jamais lutará com o problema de encher dias, semanas, meses: sobra-lhe para as mangas. E escrever, nestas condições, será exercício de compensação: fuga, escape, doçura, desforra do espírito, com a vantagem ainda de oferecer o respaldo da vivência com raiz no chão de verdade. Você terá o que dizer, e não pouco. Penso que, a despeito da satisfação que lhe dá neste momento a tarefa na Biblioteca, ainda voltará ao Suplemento, que o vício de escrever é de extirpação difícil, senão mesmo impossível. Folgo, contudo, em sabê-la contente com os afazeres novos. Isto é raro. Quem está contente? Mastigo sem vontade um trabalho sem importância, admitindo sua total inutilidade. Por que não o abandono? Por hábito, por inércia, por tédio – e, sobretudo, para não perder os caraminguás⁶⁸ que êle me assegura. Quem pode pensar, neste momento, em abandonar um dinheirinho certo? Assim, continuo no jornal, onde faço o irrelevante registro de livros⁶⁹ e, às vezes, emendo duas idéias mais ou menos estapafúrdias. Mas jornal, hoje, que miséria! Fubá ralo. Leu, por acaso reportagens do Franklin de Oliveira sobre Minas?⁷⁰ Um grande jornalista, um tema empolgante, um trabalho chato, de leitura soporífera e emproada: e um retrato de Minas puxado a

caricatura, meio para o escatológico, a meu ver tipo “guerra do Vietname”. São os tempos. Andam nefastos para o espírito. Os bambas da crônica, apesar de se virarem, parecem estar na última hora: tudo espêssso, pegajoso, enjoativo. O negócio é reler as crônicas dos dias idos, mais felizes: cá estou a folhear os CAMINHOS DE JOÃO BRANDÃO, do CDA.⁷¹ Falas antigas, mais saborosas que as falas do atual CDA. Êle bem se esforça, a hora é que não ajuda. Será et pour cause.⁷² Em meio a essa mornidão, acontecimento é uma carta de nosso Mestre Frieiro, cuja alegria de viver, temperada com aquêlê azedume que lhe empresta o legítimo tom mi figue, mi raisin⁷³ dos franceses, é lição de coisa das mais úteis. A propósito de doenças e doentes, recebi dele, há dias, uma página memorável.⁷⁴ Como escreve, o danado! Ainda é o maior, entre nós. E aí por fora quem com êle poderá ser comparado? Um Josué Montello?⁷⁵ Um Augusto Meyer?⁷⁶ Não vejo mais ninguém. Tédio é que êle jamais sentiu, o Eduardo. Simplesmente, saboreia a vida, dentro de uma filosofia própria que é um achado de espírito superior, superior e culto. Cultura não é isto? Capacidade de entender a vida estribado nos ensinamentos dos melhores?

Sim, cultura é isto. Pode ser também esta luta que você trava para dotar a Biblioteca de instrumentos à altura de seus objetivos. Anotei seu pedido: já até escrevi algumas linhas, mas como agora minha coluna não é mais diária, e há um acúmulo de matéria pronta, não sei quando serão publicados. Não deixarei de lhe enviar um recorte.

E, quanto ao GIROFLÊ, GIROFLÁ, tão generosamente empurrado por você, não tive dúvidas: Arregacei as mangas, trepei numa escada, desencavei uma última cópia do desgraçado romance. Por sinal, cópia em mau estado, mas tempo não havendo para nova apresentação do trabalho, embrulhei o cartapácio assim mesmo e o remeti, com requerimento nos termos por você lembrados, mais uma cartinha interesseira, ao dr. Paulo C. Guimarães. Trata-se do genro do Mário Matos?⁷⁷ Caso afirmativo, talvez já tenha escutado meu nome alguma vez: o Mário foi amigo de infância do meu pai e sempre me estimulou a escrever. Realizada esta parte da façanha, que me cabe fazer? Esperar pelo veredito da comissão? Esperarei. Enquanto espero, lembro a você que nada entendo de edição de livro, menos ainda de sua distribuição. Arranjo da capa, etc. Seus conselhos, aí, caso a Imprensa venha a publicar o negócio, seriam preciosos. Que eu, para dizer a verdade, resignada estava, e estou, a ver o livro inédito. Escreveu-me a Maria Alice Barroso que

aguardasse a nova regulamentação do INL: poderia resolver o caso da edição do meu livro. Mas eu, hem? A esta altura, desconfio só: tais foram os prejuízos que as editoras tiveram, no ano passado, com o livro brasileiro, que estão escaldadas. A BLOCH⁷⁸ entrou pelo cano, mesmo com os prêmios Walmap:⁷⁹ só aguentou o rojão, porque tem suas revistas e outras publicações, de venda e livro garantidos. Ninguém compra livro no setor da ficção atual, de autor brasileiro: os mais badalados encaham como os outros, só que com mais barulho. Sendo assim, como insistir junto aos livreiros? Êles são principalmente negociantes. Esta situação melhorará? Sem dúvida. Mas remotamente. Quero, por isto mesmo, agradecer seu interesse pelo meu romance: creia que foi por sua causa que o remeti, quarta-feira última, à IMPRENSA OFICIAL. No fundo, no fundo, nenhuma ilusão tendo sobre o livro, parece-me demasiado ambiciosa a pretensão de vê-lo em letra de forma. Quem terá interesse em lê-lo, quando tamanha é a indiferença por obras reconhecidamente valiosas? Melhor tocar para frente sem pensar nisso. Com a debandada provocada pela necessidade da desincompatibilização, como ficará tudo isto, a Imprensa Oficial, o SL? Receio que tudo afunde. Será pena. Vamos esperar para ver o bicho que irá dar.

Recebi uma cartinha da Zilah,⁸⁰ que já respondi. Admiro-lhe o dinamismo, o entusiasmo, a capacidade de agir, fazer coisas. Comigo, a toada é outra. Uma vergonha, mas que fazer? Do que gosto mesmo é de sentar-me num canto com um livro na mão: estou lendo de novo LES CHEMINS DE LA LIBERTÉ.⁸¹ Saio do Sartre, caio no Camus,⁸² deste passo para o Gide,⁸³ ou para o Malraux:⁸⁴ um caso perdido de francofilia.

E você, quando aparece? Deve-me uma visita, ainda se lembra? As roseiras estiveram lindas, estão feias agora: mas ainda a esperam.

Recomenda-me ao Afonso.

Abraços.

Cosette

J. de Fora, 24.4.70

-
- ⁶⁷ Essa expressão em francês, quando traduzida para o português significa: os dias passam e não são iguais. (Tradução nossa).
- ⁶⁸ Expressão usada para indicar pouco dinheiro.
- ⁶⁹ O jornal que Cosette se refere é o **Diário Mercantil**, onde nesta época ela escrevia para a coluna Livros e Letras no período de 1968 -1973 (ROSA, 2013, p. 241).
- ⁷⁰ Informação não localizada pela pesquisadora. A coleção de jornais disponíveis no MAMM está incompleta. Devido à Pandemia do Corona Vírus o Arquivo Público está fechado
- ⁷¹ Livro de crônicas de Carlos Drummond de Andrade, publicado pela primeira vez no ano de 1970, e que reunia publicações da década anterior (CAMINHOS..., 2020, recurso eletrônico).
- ⁷² Essa expressão em francês, quando traduzida para o português significa: e por um bom motivo (Tradução nossa).
- ⁷³ Essa expressão em francês, quando traduzida para o português significa: meio figo meia uva (Tradução nossa).
- ⁷⁴ Informação não localizada pela pesquisadora. A coleção de jornais disponíveis no MAMM está incompleta. Devido à Pandemia do Corona Vírus o Arquivo Público está fechado.
- ⁷⁵ Josué Montello nasceu em São Luiz do Maranhão em 1917 e faleceu no Rio de Janeiro em 15 de março de 2006. Realizou uma intensa vida de escritor, paralela à sua vida de homem público. Foi membro da Academia Brasileira de Letras, professor, jornalista, diplomata, Embaixador do Brasil em Paris, junto a Unesco (1985-1990), foi colaborador do **Jornal do Brasil** e da revista **Manchete** (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, [19--?]).

-
- ⁷⁶ Elas falavam do poeta e ensaísta Augusto Meyer, que nasceu em Porto Alegre, RS, em 24 de janeiro de 1902 e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 10 de julho de 1970. Foi o Sexto ocupante da Cadeira 13, eleito em 12 de maio de 1960, na sucessão de Hélio Lobo e recebido pelo Acadêmico Alceu Amoroso Lima em 19 de abril de 1961. Elas falavam dele nesta carta e quase três meses depois ele veio a falecer (ACADEMIA BRADILEIRA DE LETRAS, [19--?a]).
- ⁷⁷ Mário Gonçalves de Matos (1888-1966) nasceu na cidade de Itaúna, MG. Em paralelo à sua vida política e jurídica, Matos exercia bastante influência no meio literário, escrevendo obras de renome e inúmeras publicações magníficas e reconhecidas (NOLASCO, 2017, p. 30).
- ⁷⁸ A Bloch foi uma editora brasileira fundada em 1952 e encerrada no ano de 2000 pertencente ao Grupo Bloch. Foi por décadas um dos mais importantes conglomerados da imprensa no Brasil. Responsável pela edição de revistas e livros (ENCICLOPÉDIA..., 2012, recurso eletrônico). As autoras comentavam que até a Bloch tinha sido abalada devido a pouca procura por livros de literatura naquele ano.
- ⁸⁰ A carta na íntegra enviada por Ziláh para a escritora encontra-se disponível no Anexo G.
- ⁸¹ Livro do escritor e filósofo parisiense Jean-Paul Sartre, no original em francês, **Les Chemins de la liberté**. Constituem uma trilogia de novelas, sendo o primeiro volume, **L'âge de raison** (1945a), no segundo volume, **Sursis** (1945b) e **La mort dans l'âme** (1949a) (ABRAHÃO, 2016, p. 8 - 10).
- ⁸² Trata-se do escritor, jornalista, romancista, dramaturgo e filósofo Argelino, Albert Camus (1913-1960). Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1957 por sua importante produção literária (FRAZÃO, 2000a, recurso eletrônico).
- ⁸³ André Gide (1869-1951), escritor francês. Autor de mais de 50 volumes de ficção, poesia, peças, críticas, biografias e traduções, todos de grande penetração psicológica, agudeza crítica e desafio às convenções morais (ALGO sobre..., 2018, recurso eletrônico).

⁸⁴ André Malraux (1901-1976), escritor francês. Figura central da cultura francesa do século XX. Foi o primeiro ministro da Cultura francês, nomeado por De Gaulle, cargo que ocupou por 11 anos. (ASSEF, 2001, recurso eletrônico).

Carta n. 9

Nota de transcrição da carta 09/23
LCA a CA
Ano: 1970
AEM

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 22cm de largura x 32cm de comprimento; não possui pautas; cor bege; folhas com marcas de dobras; 2 folhas frente; documento datiloscrito com assinatura autógrafa à tinta(preta).

Beagá, 11-5-1970

Cosette,

começo errando tudo. É que estou com as mãos duras, pelo fato de ter passado uma semana inteira na cozinha. Não aguento mesmo o serviço de cozinha, não por êle em sí, que é até divertido, mas por sua loucura (faz, desfaz) e pelo tempo que nos toma. Nesta semana toda, não pude pegar um livro, não pude responder uma carta, não consegui escrever uma linha. Era uma correria doida: arrumar casa, cozinhar, ir trabalhar, voltar correndo para lavar as coisas do almoço e tornar a sujá-las fazendo o jantar... Finalmente, apareceu aqui uma empregada, que ainda não sei se é boa ou ruim, mas que já me dá uns momentos de folga para escrever-lhe.

não vi ainda o seu livro lá na Imprensa. Mas talvez seja porque está na fila. Na verdade, não sei como faremos. A situação está preta, porque, pelo decreto, teremos obrigação de escolher dez livros para edição gratuita. Mas temos, pelo menos, uns 25 livros bons! Vai ser um drama para a comissão. Livro de Bueno de Rivera,⁸⁵ de Waldemar Versiani,⁸⁶ de Myrtis Campelo,⁸⁷ de José Afrânio,⁸⁸ de Oscar Mendes,⁸⁹ de Fernando Correia Dias,⁹⁰ de vários jovens do SL, de João Camilo de Oliveira Tôrres,⁹¹ de Cosette de Alencar, de Henriqueta Lisboa,⁹² entre os nomes de que me lembro no momento. A turma forte da literatura mineira entrou toda nos últimos momentos, certamente depois de verificar que não há mesmo outra oportunidade, com o recesso dramático em que entraram as editoras brasileiras. Estou com uma série de livros por ler e sobre os quais opinar, como os demais membros da Comissão. E na hora de se fazer a seleção final, dos dez, vai sair fôgo... É verdade que muitos desses poderiam, tranquilamente, pagar metade do preço da

edição, mas quem não quer tentar a edição total gratuita? Vamos ver em que vai dar tudo isto e se nós, membros da Comissão, não sairemos chamuscados do negócio (haverá sempre quem proteste...).

Fui trabalhar na Biblioteca com a intenção maior de ser esquecida. Realmente, a gente fica de tornando “vedete”, sendo convidada para ir aqui e ali, para falar, etc, e acaba ficando exausta, sem maior proveito. O trabalho que a gente quer fazer, o que se quer escrever, vai sendo deixado de lado. Pensei que, saindo do SL, as pessoas desistiriam de me escrever, de me convidar. Por enquanto, porém, ainda não deu resultado. Acabo de voltar de Divinópolis, onde fui fazer a abertura de um Curso de Literatura.⁹³ Em 1º de junho, tenho de ir a Pirapora, para o III Festival de Poesia.⁹⁴ Em junho ainda, devemos ir a Brasília, para participar de estudos sobre ação cultural⁹⁵ naquela cidade. Em julho, temos de ir a Cataguases, participar do Festival de Música e de Poema/Processo.⁹⁶ Em agosto, temos de ir a São Paulo, para a 1ª Bienal do Escritor Latino-Americano...⁹⁷ além de tudo isto, participo do julgamento do concurso de contos do SESC,⁹⁸ tenho duas outras palestras combinadas... ainda ontem, o Martins de Oliveira me convidou para dar uma aula sobre poesia, na Academia, no Curso de Literatura Brasileira, e fui forçada a recusar... (aliás, não aceito mais nenhum encargo desses gratuitamente, também). É um absurdo o bombardeio em cima do escritor. Isto acaba com a gente, com a capacidade de trabalho da gente, pois a gente se perde em coisinhas e deixa de fazer o que é mais importante, o que é trabalho criativo, etc. Eu estava já bem engrenada no ensaio sobre o Murilo Mendes e tive de parar. São muitas solicitações, às quais só atendo agora por causa da remuneração. Sem esta, nada feito, pois literatura não é diversão nem vedetismo, é trabalho, exige tempo e gastos mentais, que devem ser compensados de alguma forma. Aliás já se começa a entender isto, já se respeita mais o escritor, já não se tem tanta ousadia de pedir para que façamos literatura de graça. Mas se eu não estivesse (como sempre) apertadíssima de finanças, eu não aceitaria nada, pois, trabalhando seis horas diárias fora de casa, o serviço intelectual precisa ser mais regrado, mais controlado. Infelizmente, apesar da mudança de mentalidade, ainda não existe a profissão de escritor, apenas de escritor...

Voltar ao Suplemento? Isto nunca. O SL vai se extinguindo lentamente, nas mãos dos jovens inexperientes que lá estão. Não há colaboração de fora, pois

ninguém aceita ganhar apenas 30,00 por um artigo ou poema. Sempre pagamos mal e só contávamos com boas colaborações na base da amizade, porque eu pedia, Murilo pedia, etc. Mas agora os escritores estão bem unidos no propósito de não fazer nada barato, de valorizarem o seu trabalho, de se fazerem respeitar, e preferem não escrever a escrever só para ter um nome aparecendo nos jornais. Mesmo com os “tempos” nefastos para o espírito”, como v.⁹⁹ diz, é preciso manter a dignidade. Mais ainda que nos tempos propícios, onde é festa. Já dizia São Tomás de Aquino que “sem o mínimo de conforto não há santidade”. Também sem um mínimo digno de subsistência, não é possível haver literatura. Já passou a época da boemia, romantismo, do “viver de brisa”¹⁰⁰. A luta é feita em todos os setores, o homem é o lobo do homem,¹⁰¹ temos de nos defender com as armas que temos. A inteligência é rara e, pois, cara.

Peco-lhe, se possível, divulgar no seu jornal o regulamento do Concurso do SESC. Os prêmios são bons e gostaria que muitos concorressem, apesar de, como julgadora (com Murilo Rubião e Humberto Werneck¹⁰²) isto me dar mais trabalho. É que pagam-nos bem para julgar (250,00) e quero que haja uma justificativa para êsse pagamento...

Zilah ficou contente com sua opinião sobre o livro, que está tendo mesmo muito sucesso de livraria e de crítica. Isto me alegra também. Desculpe mais esta carta descosida. Aliás, tudo o que faço agora é descosido... preciso de calma, onde achar? Vou descansar de tudo hoje... na Biblioteca.

Abraços muitos da

Laís

⁸⁵ Trata-se do livro **Pioneiros e expoentes de Minas Gerais** do poeta e radialista Odorico Bueno de Rivera Filho, mais conhecido como Bueno de Rivera. O poeta nasceu em 03 de abril de 1911 e faleceu em Belo Horizonte no dia 25 de junho de 1982 (GONTIJO, 2012, recurso eletrônico).

⁸⁶ Waldemar Versiani dos Anjos, escritor que ocupou a cadeira número 66 da Academia Mineira de Medicina de 1970 até 1980. Participou com **O livro jornal de Serra Verde**, que teve sua publicação em 1972 pela editora Itatiaia (ACADEMIA MINEIRA DE MEDICINA, 2017, recurso eletrônico).

-
- ⁸⁷ Trata-se do livro **Pele contra pele** da romancista Myrtis Campello. A romancista nasceu em Ouro Preto MG. Surge como escritora com o romance Tempo de fiar (COELHO, 2002).
- ⁸⁸ José Afrânio Moreira Duarte nasceu em Alvinópolis-MG (1931-2008), faleceu aos 77 anos. Contista, poeta, crítico literário, formado em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais, e funcionário público federal. Acredita-se que as escritoras falavam do seu livro "**A muralha de vidro**" publicado em 1971 pela editora N D (MOURA, 2008, recurso eletrônico).
- ⁸⁹ Oscar Mendes nasceu em Recife (1902-1983). Em Belo Horizonte, foi redator-chefe, diretor e crítico literário de **O Diário**, em cujas páginas manteve a seção "Alma dos Livros". Foi jornalista, professor, tradutor, advogado. Como membro da Academia Mineira de Letras, ocupou a Cadeira nº. 36, foi o 1º sucessor. (CARVALHO, 2013, p. 88).
- ⁹⁰ Fernando Correia Dias (1893-1935) foi professor, poeta, ensaísta e sociólogo. Casou-se com a poeta Cecília Meireles e com ela teve três filhas. Foi artista plástico, radicado no Brasil desde 1914, havia sido capista da revista **A Águia**, em 1912, o periódico em que Fernando Pessoa atuou pela primeira vez como articulista (LIRISMO..., [20--?], recurso eletrônico).
- ⁹¹ João Camilo de Oliveira Torres nasceu em Itabira em 31 de julho de 1915 e faleceu em Belo Horizonte, 31 de janeiro de 1973. Foi escritor, historiador e jornalista. Dedicado estudioso dos problemas institucionais brasileiros. Suas obras representam sem dúvida uma grande contribuição para a historiografia nacional por abordar questões relacionadas à filosofia e à história do Brasil (EDITORA, 2013, recurso eletrônico).
- ⁹² Henriqueta Lisboa nasceu em Lambari (MG), em 15 de julho de 1901, e morreu em Belo Horizonte (MG), em 9 de outubro de 1985. Foi poeta, tradutora, ensaísta e ainda, docente de literaturas hispano-americana e brasileira e de literatura geral. Entre 1940 e 1945 manteve uma vasta correspondência, com o escritor Mário de Andrade, discutindo temas pessoais e literários. Foi a primeira mulher eleita para

a Academia Mineira de Letras, em 1963, onde ocupou a cadeira de número 26 (FANGUEIRO, 2020, recurso eletrônico).

- ⁹³ O curso do qual Laís fala a Cosette, é o Curso de Informação Cultural da Faculdade de Filosofia de Divinópolis, onde ela abriu a solenidade com uma palestra (MACIEL, 2002, p. 60).
- ⁹⁴ A pesquisadora fez uma busca exaustiva na *internet* e não localizou informações que comprovassem a ida da escritora à Pirapora. Devido à impossibilidade de acesso ao AEM devido à pandemia do Corona vírus, no dia 16 de setembro de 2020 a pesquisadora, entrou em contato através de *e-mail* com a funcionária Adrieli, solicitando uma atenção com relação a essa informação. O *e-mail* enviado está no Anexo H.
- ⁹⁵ A pesquisadora não localizou informações que comprovassem a ida dos escritores à Brasília para participação desse estudo sobre ação cultura.
- ⁹⁶ Informação não localizada pela pesquisadora. Devido à Pandemia do Corona Vírus o AEM está fechado.
- ⁹⁷ Em carta datada de 27/08/1970, Laís fala para Cosette, que não teve como ir a São Paulo como queriam.
- ⁹⁸ Informação não localizada pela pesquisadora. Devido à Pandemia do Corona Vírus o AEM está fechado.
- ⁹⁹ Abreviatura de você.
- ¹⁰⁰ Ela se refere ao fato de os escritores saberem se valorizar e valorizar o seu trabalho. Não aceitando escrever nos jornais por qualquer valor. Os escritores e suas escritas deveriam ser valorizados pelo trabalho que realizam.
- ¹⁰¹ Esta é uma frase do dramaturgo romano Platus que ficou muito conhecida quando foi citada pelo célebre filósofo inglês Thomas Hobbes. Seu significado básico vem do homem ser o maior inimigo do próprio homem (O HOMEM..., 2016, recurso eletrônico).

¹⁰² Humberto Werneck (1945 -) nasceu em Belo Horizonte é jornalista e escritor, autor de **Pequenos fantasmas, O desatino da rapaziada, O santo sujo e O pai dos burros**. Começou no jornalismo no **Suplemento Literário do Minas Gerais**. Atualmente escreve no jornal **Estadão** (WERNECK, 2009, p. 37).

Carta n. 10

Nota de transcrição da carta 08/23
CA a LCA
Ano: 1970
MAMM

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 32cm de largura x 22 cm de comprimento; não possui pautas; cor bege; folhas sem marcas de dobras; 3 folhas frente; documento datiloscrito com assinatura autógrafa à tinta(azul); acompanhado do envelope.

Laís:

tédio, fastio, doença me vêm afastando da máquina, cuja aproximação só tento para o dever da colunazinha diária no jornal, a tal que me rende uns parcos caraminguás, meu programa de viagens e cometimentos ligados à vida literária fêz com que eu tremesse nos alicerces. Comparecer à sessão da Academia, realizada aqui em Juiz de Fora no último dia 6, foi para mim sacrifício enorme, realizado à custa de não pequeno esforço moral. De resto, a sessão da Academia foi uma boa estopada. Com aquêles discursos intermináveis, entrando madrugada adentro. Achei um horror. Não gosto destas reuniões, não as frequento, dou-me ao diabo quando me aparece uma África dessas. Viajar? Só “autour de ma chambre” à moda do Xavier de Maistre.¹⁰³ Festivais, cursos de literatura, reuniões literárias, decididamente não são meu gênero. Nunca foram, agora menos que nunca.

Pôsto isto, fiquei sabendo, por carta do Frieiro, que os inefáveis irmãos Moreira, sem consulta à família, sem consentimento dos herdeiros, sem a maior consideração aos filhos de Gilberto de Alencar, tiraram uma nova edição das MEMÓRIAS, romance do papai cuja saída é sempre garantida. E isto, depois de editarem nada menos de quatro edições póstumas de livros de Gilberto de Alencar, sem prestação de conta alguma, no macio desonesto que tão má fama vem dando aos donos da ITATIAIA. Aproveitei a estadia do Edson aqui para interpelá-lo e fi-lo duramente: êle saiu pela tangente, naquele cinismo evasivo que é truque comercial deles. Um vexame. Nem ao menos nos mandaram o livro, caladamente distribuído às livrarias, um verdadeiro assalto à propriedade alheia. Um roubo, para dizer tudo às claras. Aliás, os Moreira há muito que me vêm decepcionando. Apreciava o Vivaldi,¹⁰⁴ que acreditava escritor desinteressado e realmente idealista. Hoje, tenho

sobre isto minhas dúvidas. Alcançando a Presidência do Tribunal de Contas, o homem modificou-se, perdeu substância, ficou cheio de vento: e agora que está a namorar a Presidência da ACADEMIA (que fatalmente lhe cairá nas mãos) achei-o pouco suportável. É certo que sou muito sem paciência para certa gabolice e não perdoou muito à vaidade humana. Sempre fui assim. Parece-me contudo inegável que o Vivaldi, único dos Moreira dotado mesmo para a literatura, perdeu imensamente com a dispersão em que vive: seu primeiro livro,¹⁰⁵ bom, está muito além do que hoje lhe sai da pena. Prolixo, verboso, sem graça, acho-o enfadonho. É pena. Podia ter se saído bem se não se tivesse deixado dominar pela ambição material. E pela vaidade.

Eu, que nenhuma vaidade tenho, continuo aqui esperando notícias do meu GIROFLÊ, GIROFLÁ, cujos originais remeti, por insistência sua, à IMPRENSA OFICIAL. Que foi feito dele? Você garantiu-me seu aproveitamento, lembra-se? E insistia no sentido de que eu os remetesse. Remeto-os. E agora? Nem ao menos sei se foram recebidos, não me mandaram uma só palavra a respeito. Poderia verificar isso pra mim? E, se a Imprensa não puder publicar a porcaria, queria reaver esta cópia, a última que me resta. Peço-lhe, por favor, que me ajude nisto.

Recebi uma carta da diretora da Biblioteca Pública Estadual pedindo colaboração para a COLEÇÃO MINEIRIANA. Respondi-lhe, dando-lhe conta do que posso fazer. Aliás, já havia dado uma nota a respeito, na minha coluna, a pedido seu. A coluna, em razão de modificações no jornal, está saindo com atraso: só hoje saiu a nota sobre o concurso do SESC.¹⁰⁶ Você sabe como é: a gente recebe um mundo de pedidos de publicação disso e daquilo, o espaço de que dispõe é limitado, a matéria acaba por acumular-se. Vou dando conta do recado com alguma dificuldade. Fora, aliás, este trabalhinho do jornal, nada mais estou fazendo, senão lendo um pouco: no ano passado, por insistência dos diretores, andei escrevinhando umas bobagens para o JORNAL DE LETRAS¹⁰⁷ e o JORNAL DO ESCRITOR.¹⁰⁸ Ficaram de pagar-me, até hoje não me mandaram um centavo, o que aliás também sucedeu com o SL do MINAS GERAIS. Eu, para trabalhar de graça, acho-me velha demais, cansada demais, desiludida demais: assim, a despeito do pedido que acabo de receber do C. Roberto Pellegrino¹⁰⁹ (do mesmo SL) não tenho a menor intenção de me cansar enviando colaboração para o jornal. Não que eu dê valor excessivo ao dinheiro: dou valor é à minha saúde, que não vai lá das pernas.

Tão pouco valor dou ao dinheiro que insisto ainda em manter fechado o apertamento da Raul Pompéia, que me está custando uma nota. Fechado, pelo menos estou livre dos aborrecimentos que os inquilinos costumam dar. E nem disposição para aproveitá-lo tenho tido: acho que sou gregária por natureza. E você me parece heroica: cinco filhos, marido, casa, função pública, e a roda viva em que se movimenta! Acho que é por ser môça, gozar de excelente saúde. Eu, hem? Tudo que quero é sossêgo.

Os livros sumiram, não recebo mais nem meia dúzia por semana, havendo semana que não recebo nenhum. Dizem que as editoras entraram pelo cano no ano passado, não venderam nada, ou quase nada, tendo tido prejuízo colossal. (E os Moreira? Do jeito que são, aposto que ainda lucraram: sabidos demais para dar cabeçadas).

Novidade, é a segunda edição do TERRA NO SANGUE, do Maurício do Valle Aguiar, edição magnífica da MARTINS:¹¹⁰ trata-se de um môço encantador, riquíssimo e muito inteligente que, para surpresa geral, estreou com um romance regional muito bom, perfeito não, mas muito bom: já leu? O Maurício é meu afilhado espiritual, animei-o a publicar o livro, estou satisfeita com o sucesso que está obtendo. Estou agora procurando críticos literários que possam falar desta segunda edição: vou dizer ao Maurício para mandar um exemplar ao José Afrânio.

A Zilah meteu uma lança na África com o seu BEZERRO DE OURO. Está muito badalado, e isto importa porque ajuda a vender. Dê-lhe os meus parabéns.

E você, que vive viajando, não encontra uma hora para vir visitar o irmão? É extraordinário, tratando-se de vocês cuja fraternidade foge ao comum.

Indague por mim do destino tomado pelo GIROFLÊ, GIROFLÁ.

Abraços,

Cosette

Juiz de Fora, 15.6.70

¹⁰³“Autour de ma chambre”, essa expressão quando traduzida para o português significa ao redor do meu quarto (Tradução nossa). Xavier de Maistre (1763-1982),

nasceu em Chambéry, Savóia, região à época pertencente ao reino da Sardenha. **Viagem à roda do meu quarto** foi seu mais famoso e importante romance (30 anos...,2019).

- ¹⁰⁴Irmão de Edson e Pedro Moreira, Vivaldi Wenceslau Moreira (1912-2001) nasceu em Tombos distrito de Carangola – MG. Escritor que fala dos animais, das belas montarias e dos burros de carga, é um nome que figura nas páginas nobres da cultura mineira. Por onde passou, deixou seu legado de serviços prestados ao estado de Minas Gerais e ao povo das minas, diretor-geral (1985 e 1983) da Imprensa Oficial de Minas Gerais. Ministro do Tribunal de Contas de Minas Gerais. Tornou-se presidente perpétuo da Academia Brasileira de Letras (ROCHA, 2013, p.131).
- ¹⁰⁵Trata-se da obra **Daqui e Dalém** editado em 1968 pela editora Imprensa. (AFFONSO, p. 41, 2017).
- ¹⁰⁶Informação não localizada pela pesquisadora. A coleção de jornais disponíveis no MAMM está incompleta. Devido à Pandemia do Corona Vírus o Arquivo Público está fechado.
- ¹⁰⁷Jornal situado na cidade do Rio de Janeiro, onde no ano de 1969 Cosette de Alencar teve a oportunidade de escrever (ALENCAR, 1969, p. 1, recurso eletrônico).
- ¹⁰⁸Jornal localizado na época na cidade do Rio de Janeiro, onde Cosette também publicava alguns artigos.
- ¹⁰⁹Carlos Roberto Pellegrino (1945-) é um autor, jornalista, jurista e *chef* brasileiro. É um escritor que possui uma estética um pouco divergente da dos novos, por estar ligado ao Realismo Fantástico, “ainda uma grande área quase inexplorada na ficção brasileira” (MAROCA, 2009, p. [3], recurso eletrônico).
- ¹¹⁰O autor Maurício do Valle Aguiar (1926 – 2002) nasceu no distrito de Sarandira, município de Juiz de Fora. Em 1965, publicou pela editora Martins o livro **Terra no sangue**. Em 1970 saiu a segunda edição de **Terra no sangue** ainda pela editora

Martins. O livro foi comentado por José Afrânio Moreira Duarte no Moreira Duarte no **Suplemento Literário de Minas Gerais**, no dia sete de novembro de 1970, v. 5, n. 221, p.7. (DUARTE, 1970, p. 7, recurso eletrônico). Conforme podemos verificar no Anexo I. Foi comentado também por Cosette de Alencar no **Jornal Diário Mercantil** de 11 de junho de 1970. A reportagem podemos acessar, integralmente, no Anexo J.

Carta n. 11

Nota de transcrição da carta 11/23
LCA a CA
Ano: 1970
AEM

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 22cm de largura x 32cm de comprimento; não possui pautas; cor bege; folhas com marcas de dobras; 2 folhas frente; documento datiloscrito com assinatura autógrafa à tinta(preta); com indicações na marginalia (tinta preta); papel com a gramatura mais fina.

Beagá, 22.6.1970

Cosette,

só posso escrever um bilhete para você, na situação em que me encontro, há 15 dias sem cozinheira, na maior exaustão física e mental, com as pernas arrebetadas de varizes, doloridas demais, nariz entupido por alergia, dores de cabeça. É que, além da falta de cozinheira (faço tudo, nesta casa enorme: arrumo casa, cozinho, cuido de meninos, faço compras, trabalho fora de 1 às 6 da tarde, etc), o serviço que peguei agora é terrível. É que o Estado vai comprar a biblioteca do falecido Mário Casassanta,¹¹¹ com mais ou menos 54.000 volumes (uma biblioteca pública!), que estavam em completa desordem. Estamos, eu e Affonso, organizando os livros por ordem de assunto – o que significa carregando livros daqui para ali, agachando, levantando, andando, em pé o tempo todo, para que se possa, depois, fazer a avaliação de acervo. A biblioteca do Mário é preciosa, mas muito desleixada, pela própria impossibilidade de se conservar organizada, tal a quantidade de livros. Êle não amava os livros, êle tinha era mania de livros, mania de colecionar livros, como outros colecionam selos, xícaras, etc. Comprava tudo o que via, sem discriminação. Há livros excelentes, ao lado do Manual do Fazendeiro, coleção das moças, etc. Três e quatro exemplares do mesmo livro, que, segundo eu soube, êle comprava de novo por não encontrar, na bagunça, o que já comprara... Enfim, passamos a tarde mergulhados em livros, tontos de cansaço, também, e eu depois de ter feito todo o trabalho (que aqui é pesado) de casa... Se você tiver notícias de que eu fui para a Clínica Pinel (de loucos) não se espante: deve ser verdade... Não aguento mais. Não aparece nem uma empregada aqui, objeto dos mais raros em

Beagá. A última que tive, e que durou 6 meses, bebia de cair, tendo nós que levá-la ao Pronto Socorro, machucada, por tombo de bebedeira aqui em casa. Uma luta.

Mas estou estendendo o tal bilhete, que era mais pra dizer-lhe que seu livro foi aprovado sim, com um parecer, aliás, excelente. (não foi meu, foi do Odair¹¹² de Oliveira). O Murilo Rubião, não sei por que, não tem mandado comunicação aos autores. Vou falar nisso com êle na próxima reunião. Aprovado, deve, porém, entrar na seleção final dos 10 melhores livros, a serem publicados gratuitamente pela Imprensa. Isto será no fim do mês, depois do dia 30. Se não entrar na seleção dos 10, poderá ser publicado, mas com a ajuda do autor (isto é, pagamento de papel, mão-de-obra, só). O seu livro foi muito elogiado pelo examinador.

Estou mesmo louca para ir a Juiz de Fora, mas fica sempre o prazer para depois do dever. Muitos compromissos assumi, sem saber agora como darei conta deles. Queria muito, muito mesmo, rever o Plácido e os sobrinhos, mas nunca tenho folga para as coisas boas e agradáveis, sempre ocupadíssima com milhares de serviços que me fazem assumir, pela minha incapacidade de negar-me aos outros. Concursos para julgamento, viagens, leitura de livros, o serviço da Imprensa, mais o meu, normal, todo o dia. Estou louca para passar esta fase de complicações e poder, realmente, ir descansar, conversar simplesmente, distrair-me com as boas amizades, manter a minha correspondência despreziosa com aqueles que realmente me querem bem. Não me sobra tempo para nada! Quando, quando, meu Deus, serei completamente esquecida pela literatura? O meu trabalho sôbre Murilo Mendes ia caminhando bem, mas há mais de um mês está interrompido, por falta do necessário ócio e tranquilidade para continuá-lo! Tudo anda desorganizado por aqui. Se, ao menos, eu tivesse uma “secretária” para assuntos domésticos, a cozinheira que eu sonho e que me parece uma miragem inatingível, tudo iria bem! Dêste jeito, com as unhas corroídas pelas panelas, as pernas arrebetadas de varizes, a cabeça sempre dolorida, o cansaço físico e mental, vou cair de cama em breve. A quem pedir socorro? Dizem que o dinheiro não traz felicidade, mas êle me resolveria muitos problemas agora, para que eu pudesse pagar uma fortuna a uma cozinheira, ou passar a comer diariamente de restaurante, ou me dar um carro, para eu ir trabalhar mais comodamente, ou...ou...

Estou horrível para escrever hoje. Aliás, era só um bilhete, para lhe contar do “Giroflê”.

Permita Deus, os deuses, os espíritos ou o que seja, que em breve eu tenha tempo e sossêgo para escrever verdadeiras cartas – a você e aos outros amigos.

Abraços da Laís

Em compensação, o livro da Cleonice Rainho¹¹³ foi recusado, ela vai ficar furiosa!

(manuscrito autógrafo 1ª folha à tinta preta)

Obrigada pelos recortes e as notícias. O concurso do SESC já foi julgado.

(manuscrito autógrafo 1ª folha à tinta preta)

¹¹¹Mário Casassanta foi diretor da Diretoria Geral de Instrução (atual Secretaria de Educação); era membro da Academia Mineira de Letras, tendo publicado mais de 15 livros; foi professor da Faculdade de Filosofia e Catedrático de Direito Constitucional da Universidade de Minas Gerais; presidiu o diretório estadual do Partido Social Progressista, representando o partido no governo do estado; dirigia, nos últimos meses de vida, a Secretaria do Interior de Minas Gerais. Fora casado com Lúcia Monteiro Casassanta, com quem teve vários filhos (CONSTERNAÇÃO..., Correio da Manhã, 1963). Conforme podemos acessar a notícia na íntegra no Anexo K.

¹¹²O escritor e jornalista Odair de Oliveira, por ocasião da seleção do livro de Cosette de Alencar, para ser publicado pela Imprensa Oficial, emitiu o seguinte parecer:

Sem nada pretender de ousadias vanguardistas, de modismos de estrutura e linguagem, **Giroflê, Giroflá**, romance de Cosette de Alencar é um livro excelente. Contém uma síntese do drama da classe média, das mazelas da sociedade, dos vícios da política partidária e dos desajustamentos da administração pública, mostrando também, subjacente a tudo isso a tendência para a acomodação que, em Minas principalmente, limita as perspectivas e as aspirações do homem comum. A autora revela-se uma analista de primeira ordem dos mistérios da psicologia humana e dos problemas sociais que distinguem a realidade nacional hoje em dia, enquanto desenvolve a sua história, que tem como personagem principal um burocrata desencantado consigo mesmo, com a vida e com o meio em que se movimenta. Sinval Vilafôr é uma dessas personalidades características e expressivas, que se tornará marcante na nossa literatura de ficção, consubstanciando o ceticismo daqueles que, por sua própria inteligência, sensibilidade e consciência da fragilidade humana, se marginalizam e se anulam afinal no cotidiano estéril. **Giroflê, Giroflá** é um livro afinado com o tempo e o ambiente mineiros e que se torna mais atraente ainda em virtude da pureza da linguagem, da coesão e equilíbrio existente entre os numerosos capítulos. Leitura agradável, temática interessante e matéria de meditação é o que encontrará o leitor neste texto

que se afirma em maturidade e segurança, sem renegar as nossas tradições da ficção confessional e sem alienar-se na fantasia gratuita do romance convencional (OLIVEIRA apud ALENCAR, 1971. Não paginado. Quarta capa).

O parecer enviado por Odair de Oliveira para Cosette de Alencar encontra-se na íntegra no Anexo L.

¹¹³Cleonice Rainho nasceu em Angustura, no distrito de Além Paraíba, Minas Gerais, em 1919, e faleceu em 2012. Iniciou sua carreira literária com colaborações na imprensa local, nos jornais **Gazeta Comercial** e **Diário Mercantil**. Trabalhou para o Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais e para o MEC na Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (Cades); foi uma das fundadoras do Conselho Curador da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage (Funalfa); criou a Associação de Cultura Luso-Brasileira em Juiz de Fora. O livro recusado para publicação pela Imprensa Oficial foi o Terra corpo sem nome, publicado no mesmo ano pela editora Livraria São José (CABRAL, 2015, p. 23).

Carta n. 12

Nota de transcrição da carta 12/23
CA a LCA
Ano: 1970
MAMM

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 32cm de largura x 22cm de comprimento; não possui pautas; cor bege com manchas amarelas, folha sem marca de dobras; papel timbrado com o emblema e o nome do DIÁRIO MERCANTIL Órgão dos DIÁRIOS ASSOCIADOS, fundado em 1912; documento datiloscrito e assinatura autógrafa à tinta (azul); 3 folhas frente; acompanhado do envelope.

Juiz de Fora – MG
23.7.70

Laís:

como tive a impressão de que, desta vez, sua viagem a Juiz de Fora sairia mesmo, fui adiando o agradecimento que fiquei a dever-lhe pela informação que prestou a respeito do GIROFLÊ, GIROFLÁ. Vendo, contudo, o mês das férias da menina escoar-se sem você aparecer, comecei a desconfiar que, ainda agora, não a teremos aqui. Sei, não obstante, que você viaja bastante e até bem mais longe. Ainda um dia desses li que devia ir a São Paulo para uma função literária,¹¹⁴ não me lembro mais qual. Ao tempo em que admiro a sua disposição para coisas que, a meu ver, não passam de estopadas, invejo-lhe a capacidade de enfrentar tarefas tão diversas, eu que nunca fui de mais de um instrumento - e assim mesmo, olhe lá! E você se queixa de doença, falta de empregada, pesados deveres domésticos... Mas dá conta e vai em frente. Eu, hem? Não saio daquela toadazinha e nem por isso menos pesada a considero. Praticamente, falta-me fôlego para tudo: leio pouco e mal, escrevo pouco e mal, tremo ao pensamento de assumir novas responsabilidades e estou perfeitamente acomodada nesta limitada atividade, sem o menor desejo de partir para aventura... idade, minha filha, fadiga. E desilusão também. Que é que vale a pena? Um bom livro na mão, o sossego das paredes domésticas, não aspiro a mais. Nunca aspirei. Sou limitada, sempre fui limitada em tudo, sobretudo nas ambições. E, a esta altura, muito desencantada, consolo-me

com os prazeres miúdos das plantas, quentar sol, assistir coisas - sem delas participar. Como vê, um fracasso.

Mas, mudando a toada, fiquei satisfeita com a notícia de que meu livro foi aprovado. Não conheço o referido Odair Oliveira, e como ele também não me conhece a mim, o fato de haver gostado do livreco é tanto mais lisonjeiro. Fico aguardando que a sorte me ajude e meu livro consiga entrar na seleção dos dez com direito a edição gratuita. Porque, pagando, não o edito eu. Para quê? Mais um livreco neste mundo submerso em literatura? Ora, não tôla não sou eu. Vejo qual o destino dos livros deste tipo: ninguém os lê. Encalham nas prateleiras, vão servir de pasto às traças ou acabar nos depósitos de papel velho. Não sendo coisa muito boa, excepcionalmente boa, não há como fugir a esta fatalidade. Alguns fogem: é o caso dos livros do papai. Disse-me o Pedro Paulo Moreira, que aqui esteve, estar o MEMÓRIAS sendo usado para texto em São Paulo, o mesmo ocorrendo no Rio com o TAL DIA É O BATIZADO. Aliás, está preparando mais uma edição deste último, havendo mesmo me pedido um prefácio para ela.¹¹⁵ O papai pode ser considerado clássico e, sem favor, figurar entre aquela meia dúzia de ficcionistas com passe para o futuro. Mas um Gilberto de Alencar é raro. Por falar nisso: a diretoria da Biblioteca Estadual escreveu-me pedindo colaboração para a Coleção Mineiriana. Respondi-lhe que, infelizmente, não posso dispor da biblioteca paterna, que não é minha: o máximo que poderia fazer seria conseguir algum exemplar dos livros do papai e um outro original dêle. Não sei se ela terá entendido bem isto.

No mais, a vidazinha continua. Com o recesso das editoras, chegam-me poucos livros e posso substituir, no jornal o registro literário por coisas minhas. E, quando a ler, releio Sartre. Mas, vontade mesmo, tenho é de retornar a Victor Hugo,¹¹⁶ que li na infância. Meu pai o relia quando faleceu.

O SL esmoreceu, hem? Fraquinho. O bom dura pouco.

Sabe que o Pedro Paulo Moreira confirmou estar de posse de vários originais do Agripa? Não os edita por falta de recursos: parece que o José Osvaldo¹¹⁷ votou auxílio do Banco. É o que digo: literatura é uma choldra. E o que a gente vê! Barbaridades.

Também lhe afirmo que, apesar do livro da Cleonice ter sido recusado pela Comissão da Imprensa Oficial, o provável é que venha a ser publicado antes dos

que foram aprovados. E gratuitamente, que para tais manobras tem ela o talento que lhe falta às letras... Conheço-a bem.

Espero, e desejo, que tenha conseguido uma boa empregada. Com isto, o resto entra nos eixos, que o resto é estafa. Você precisa é de umas férias. Longe da família, dos livros, da rotina. Quem não precisa disso?

Apareça, conforme promete.

Abraços.

Cosette

¹¹⁴Em carta datada de 27/08/1970, Laís comenta com Cosette que não foi possível ir a São Paulo devido a complicações financeiras.

¹¹⁵O livro **Tal dia é o batizado** (o romance de Tiradentes) foi publicado, em primeira edição, em 1959, nas oficinas da Gazeta Comercial de Juiz de Fora, MG; em segunda edição, pela editora Itatiaia, em 1972; em terceira edição, pela mesma editora, em 1981, ressaltando-se que o livro continua sendo editado até a presente data pela Itatiaia (MACIEL, 2013, p. 22).

¹¹⁶Victor-Marie Hugo, mais conhecido como Victor Hugo, nasceu em Besançon, França, no dia 26 de fevereiro de 1802 e faleceu em Paris, no dia 22 de maio de 1885. Foi um poeta, dramaturgo e estadista francês. Autor dos romances, "**Os miseráveis**", "**O Homem que ri**", "**O corcunda de Notre-Dame**", "**Cantos do crepúsculo**", entre outras obras célebres. Foi grande representante do Romantismo, foi eleito para a Academia Francesa (FRAZÃO, 2020b, recurso eletrônico).

¹¹⁷José Osvaldo de Araújo (1887 – 1975), natural de Dores do Indaiá (MG). Poeta, professor, escritor, advogado, jornalista, membro da AML, político, prefeito de Belo Horizonte, banqueiro, segurador e empresário. Presidiu a AML entre 1965 a 1970 (ROSA, 2013, p. 392).

Carta n. 13

Nota de transcrição da carta 13/23
LCA a CA
Ano: 1970
AEM

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 15,5cm de largura x 19,5cm de comprimento; não possui pautas; cor bege; folha com marcas de dobras; 1 folha frente; documento manuscrito autógrafo (tinta vermelha) com assinatura à tinta(vermelha).

Beagá, 8.8.1970

Cosette,

apenas um bilhete, para lhe dar a notícia de que seu livro foi selecionado entre os 10 a serem publicados gratuitamente pela Imprensa Oficial. Portanto, ei-la romancista em breve! Meus parabéns, embora eu já tivesse a certeza, desde sempre, de que a sua escolha seria indiscutível: o livro é muito bom como confirmava o parecer de Odair de Oliveira e a inclusão entre os “10 mais”. Vou tentar obter para você uma cópia do parecer,¹¹⁸ que a informará da opinião da Comissão a respeito do “Giroflê”. A minha, você já conhece.

Recebi carta do Wagner, em que me diz, textualmente: “Cosete, como sempre, muito acessível, trata-me com o máximo de consideração e parece ter uma profunda admiração por você pelo modo alegre como fala de suas cartas, de suas notícias. É a única pessoa que quebra o isolamento cultural em que fico imerso nesta doce **[ilegível].**”

Como vê, você anda na pauta do dia, entre a família e no “mundo” intelectual obrigada mil vezes por todas as suas gentilezas. Abraço-a.

Laís

(A dor de cabeça me impede de escrever mais. Depois o farei.)

¹¹⁸ A cópia no parecer encontra-se disponível na íntegra no Anexo L.

Carta n. 14

Nota de transcrição da carta 14/23
CA a LCA
Ano: 1970
MAMM

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 32cm de largura x 22cm de comprimento; não possui pautas; cor bege com manchas amarelas, folha sem marca de dobras; papel timbrado com o emblema e o nome do DIÁRIO MERCANTIL Órgão dos DIÁRIOS ASSOCIADOS, fundado em 1912, endereço Telegráfico: Mercantil – CAIXA POSTAL 353; documento datiloscrito e assinatura autógrafa à tinta (azul); 1 folha frente; acompanhado do envelope.

Juiz de Fora – MG
23.8.70

Laís:

obrigada pelo bilhete com a boa notícia. Recebi, a respeito, dias antes, um telegrama do Murilo Rubião¹¹⁹. Claro está que fiquei satisfeita. Gostaria bem de ter alguns pormenores: o parecer da comissão, quem integra a comissão, entre outras coisas. Também me interessa saber como fica, agora, a questão da edição do livro: quando será feita, que tenho eu de fazer ainda? Mais do que ver o livro finalmente deitado, alegra-me saber que houve quem dêle se agradasse: que eu, por mim, você sabe, não tenho muita ilusão a respeito da minha literaturazinha... Antes pífia. Conto com seu auxílio na ocasião em que se tiver de escolher capa, assunto em que me parece muito mais entendida do que eu. Também nada entendo de distribuição de livros: penso, contudo, que se resolverá esta dificuldade na hora oportuna.

A vidinha aqui continua, eu frequentando rotineiramente os consultórios médicos, mercê da alergia que não me dá descanso. Atacou-me simultaneamente a garganta e a pele, acabando por afastar-me o estado geral: êste, agora graças a medicamentos e medicamentos, melhora um pouco. O resto, nem por isto.

Quanto a você, suas dôres de cabeça, parecem previr a estafa: sua vida está longe de ser mole. Precisa de repouso, de um desligamento com a rotina... Pode ser? Duvido-o. A vida é apertada para cada um de nós, e criamo-nos deveres excessivos. Por burrice até. Mas nada há a fazer. Pelo menos, para nós, arraigados a vícios e hábitos errados.

Êste é também só um bilhete de agradecimento, Fico esperando pormenores a respeito da classificação do livro.

Abraços.

Cosette

¹¹⁹ Telegrama enviado por Murilo Rubião no dia 11/08/1970, onde ele informa a Cosette que seu livro foi classificado entre os dez melhores. O telegrama na íntegra encontra-se disponível no Anexo M.

Carta n. 15

Nota de transcrição da carta 15/23
LCA a CA
Ano: 1970
AEM

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 18,5cm de largura x 27cm de comprimento; não possui pautas; cor bege, folhas com marcas de dobras. Documento manuscrito autógrafo (tinta azul) com assinatura (tinta azul); 3 folhas frente.

Beagá, 27.8.1970

Cosette,

muitas e difíceis de explicar foram as razões de meu silêncio por algum tempo. Mesmo o meu “bilhete” sobre a aprovação final de seu livro seguiu com atraso, dadas as dificuldades de levar a carta ao correio. Talvez eu possa sintetizar os motivos numa palavra – cansaço –, tão pequena e tão abusivamente empregada, que se desvalorizou. Mas é a verdadeira, a exata.

Em dois meses e meio de penoso e complexo trabalho de organização, seleção, contagem e avaliação da biblioteca de Mário Casassanta, gastamos tôda a nossa tão elogiada energia e disposição. Nesse período, passei ainda uma temporada sem cozinheira, tive problemas domésticos com estudos dos filhos, além dos financeiros e dos relacionados com a Imprensa. Affonso, por sua vez, simultaneamente terminava a impressão de sua revista “Barroco”¹²⁰ e a redação de seu livro.¹²¹ Chegou assim o momento em que ambos esticamos demais os nervos e êles ameaçaram romper-se. Seriamente, faltou um mínimo para que tivéssemos – ambos – em forte abalo nervoso. Conseguimos, no entanto, superar a crise de puro cansaço – com o término de todos êsses trabalhos de uma vez. Agora, vamos entrar numa rotina recuperadora, esperamos que o Frieiro não se lembre de nós para outras idênticas tarefas... Recomecei ontem a ir à Biblioteca, onde a conversa das colegas e o serviço burocrático é leve me distrai e descansa.

Com tudo isto, perdemos a oportunidade de fazer um belo passeio a São Paulo. Convidados a participar da 1ª Bienal do Livro e da Literatura, promoção do Matarazzo,¹²² chegamos a ter as passagens aéreas em mãos. Uma semana em São Paulo, em um de seus melhores hotéis, com recepções e jantares e passeios, além

do encontro e contacto com escritores de todo o país, não são coisas para se desprezar... Além do mais, a “honraria” do convite foi restrita a poucos. Entretanto, tivemos de desistir da magnífica oportunidade de gozarmos os benefícios do farto dinheiro paulista, para vencer os nossos problemas e encerrá-los com soluções imediatas. Gosto dessas viagens, acho-as salutáveis, pela mudança de ambiente e a trégua que são ao cotidiano. Mas só as posso fazer mesmo “a convite”, por falta do numerário em nosso orçamento. Normalmente, nunca recuso êsses convites e tenho andado bastante pelos interiores de Minas à custa da boa vontade alheia. E logo desta vez, quando o convite vem de S. Paulo (cidade onde tenho antigas e boas amizades), somos obrigados a recusá-lo!

Entretanto, tendo tudo acabado bem aqui em casa, posso dizer agora que tudo foi bom. Questão de mais um pouco de tempo e tanto eu como Affonso nos sentiremos dispostos e saudáveis de nôvo.

Quanto ao seu livro, junto a fui a cópia que consegui tirar do parecer de Odair de Oliveira. Como vê, o parecer foi elogioso – e na seleção final pude também argumentar a favor do romance, com a autoridade de quem já o lera – e gostara. O voto de Odair, mais o meu e o de Murilo garantiram-lhe a “maioria” necessária, concordamos. Ayres¹²³ e Emílio Moura com a nossa opinião, sem exigirem a leitura do texto. Uma vitória tranquila e vencida.

Agora, vem a parte aborrecida do caso. Conversei com o Murilo e êle me disse que o formato dos livros será padronizado, não havendo aí o problema da escolha. Quanto à capa, é de escolha do autor e tem sido entregue as boas capistas (artistas) daqui. Mas se você tiver preferência por algum artista plástico de J. de Fora, pode mandá-lo desenhar a capa e enviar-me o trabalho. A preferência aqui tem sido dada ao Eduardo de Paula, que foi o criador da capa, por exemplo, de “o Bezerra de Ouro”, da Zilah. Você gostou? O artista, porém, não é pago pela imprensa – e sim pelo autor. A média de preço é de 200,00 o que a Zilah pagou pela dela. Além disso, fica também por conta do autor a “plastificação” da capa, cujo preço varia segundo o número de exemplares. Quanto à distribuição do livro, problema bem posterior, sugiro que a entregue ao Edison Moreira que, acostumados a esse negócio, o porá à venda. Não sei se a Editora já corrigiu e rêzo de não aceitar cartas com o autor. Dizem-me alguns que agora, já milionário, tem feito os acertos normais. Em todo o caso, é o único aqui que pode assumir essa responsabilidade da distribuição.

Se você, por economia ou outra razão, não quiser fazer a capa por um artista – e a posterior plastificação – a Imprensa fará, em papel comum e sem nenhum cuidado. O livro perde muito, fica banal e semelhante às publicações “oficiais”, além de estragar-se logo. Não aconselho esta medida de economia ou essa displicência para com a obra. Talvez consiga aí quem faça o desenho da capa de graça para você ou, ao menos, por preço mais barato. Enfim essa decisão lhe cabe. O “Guima”, que é um bom artista, talvez a fizesse para você? Pense bem no caso.

Enfim, a sorte está lançada. Tão logo comecem os trabalhos de confecção do “Giroflê”, dou-lhe notícias.

E agora, descanso eu e descansa você desta longa conversa. Ponho ponto final às 7 e meia da manhã e vou enfrentar a casa pra arrumar e os outros serviços. Não sem abraçá-la com caminho.

Laís

¹²⁰ **Revista Barroco** publicada em Belo Horizonte sob a direção altamente competente de Affonso Ávila, grande poeta, com sensibilidade aguçada para os vários aspectos do problema. Inicia suas pesquisas sobre o barroco em 1964 (FORTUNA..., 2006, p. 321).

¹²¹ Trata-se do livro **O lúdico e as projeções do mundo barroco**, lançado pela editora Perspectivas no ano de 1971. O mesmo faz parte da coleção Debates. 35. O lançamento do livro ocorreu na cidade de Juiz de Fora no Museu Mariano Procópio, e a foto tirada no dia do lançamento, encontra-se no Anexo O (FORTUNA..., 2006, p. 429).

¹²² Francisco Matarazzo Sobrinho foi presidente da Fundação Bienal e um grande incentivador da cultura, ele ofereceu um prêmio de US\$ 25 mil ao escritor Jorge Luís Borges, que veio para o evento. A 1ª Bienal foi inaugurada em agosto de 1970 no Pavilhão do Ibirapuera, com 46 estandes (EVENTO..., 1998, recurso eletrônico).

¹²³ Ayres da Matta Machado Filho nasceu em Diamantina em 1909 e faleceu em 1985 em Sete Lagoas aos 76 anos. Patrono da cadeira número 35, foi filólogo,

filósofo, historiador, antropólogo, folclorista e linguista. Colaborou ainda em muitos jornais, como no **Estado de Minas**, onde manteve por muitos anos a coluna “**Escrever Certo**”, orientando leitores sobre a arte de bem escrever. Colaborou ainda no **Diário Católico** e outros jornais da Capital e do interior (REIS, [20--?], recurso eletrônico).

Carta n. 16

Nota de transcrição da carta 16/23
CA a LCA
Ano: 1970
MAMM

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 32cm de largura x 22cm de comprimento; não possui pautas; cor bege com manchas amarelas, folha sem marca de dobras; papel timbrado com o emblema e o nome do DIÁRIO MERCANTIL Órgão dos DIÁRIOS ASSOCIADOS, fundado em 1912, endereço Telegráfico: Mercantil – CAIXA POSTAL 353; documento datiloscrito e assinatura autógrafa à tinta (azul); 1 folha frente; acompanhado do envelope.

JUIZ DE FORA - MG
19.9.70

Laís:

obrigada pela cópia do parecer do Odair, obrigada igualmente pelas informações que sua carta me trouxe quanto à edição do livro pela Imprensa Oficial. Quanto à capa e sua plastificação, acho que você tem razão: dar melhor aparência ao livro é quase um dever do Autor. A embalagem conta tanto! Eu lhe ficaria muitíssimo grata se pudesse conseguir pra mim uma informação capital: em quanto orçaria a despesa da ilustração da capa por um artista competente, mais a sua plastificação? É que o Prefeito da cidade¹²⁴ prontificou-se a conseguir da Câmara do Município o pagamento desta despesa, desde que eu lhe apresente, com a possível urgência, um requerimento especificando o total da mesma. Um milhão, dois milhões? Eu não sei nada, estou por fora. Você, muito mais informada, saberá talvez como se faça este cálculo – ou o caminho que leva a quem tenha uma resposta para esta indagação. Confio em que olhará por mim meu livreco: escreve-me nosso cético mestre Frieiro que a confusão, na Imprensa Oficial, é de tal ordem que muitos originais se perdem por lá, sem remissão. Fiquei fria com a informação. Não me resta outra cópia do romance, era a última que eu mandei para vocês. Faço votos de que nosso Eduardo esteja a exagerar, mas conhecendo os meandros da nossa burocracia, não sei... Apreensiva fiquei.

Achei muito lisonjeiro o parecer do Odair. Sucinto, claro, sério. Para mim, estimulante. Como sabe, não faço fé no livro, nunca fiz. Assim, surpreende-me e

alegra-me qualquer boa palavra que inspire. Se saúde Deus me der, sairei para outra experiência: tempo é que não me falta, que além dos afazeres domésticos e a colunazinha no jornal, estou ociosa. Uma ou outra leitura vadia, pequenos trabalhos literários antes casuais, não é de matar ninguém: quero, contudo, esperar pela reação do distinto público ao GIROFLÊ, GIROFLÁ. Depois, verei.

Diz-me o Frieiro que estêve de malas prontas para uma esticada a Juiz de Fora: por fim, desistiu. E você? Nem mesmo intenção de tirar uma folgazinha para vir descansar aqui? Aqui, para descansar, é ótimo.

Como vai o livro sôbre o Murilo? Precisa acabá-lo e entregá-lo a Maria Alice Barroso: o INSTITUTO, aposto, terá prazer em editá-lo, tanto mais que é do gênero que a entidade aprecia. A irmã do Murilo ficou a esperar-lhe a visita, mais de uma vez anunciada. Tinha muito material para você.

Quem me deu uma farta colher de chá foi o Elycio,¹²⁵ no último número do JORNAL DE LETRAS: você terá visto, que uma colaboração sua lá está na segunda página do referido número. Fiquei tanto mais comovida que nada lhe pedi e nem me lembrava de que êle poderia ajudar-me na divulgação do livro. Ainda há bons amigos, amigos generosos.

Achei que você e o Afonso foram uns bobos perdendo a bôca da Bienal em São Paulo: mineiro tem dessas parvoíces, chuta sempre do lado errado. Oportunidades tais, sempre ouço dizer, pelos cabelos é que a gente agarra...

Esquecia-me de dizer-lhe: o Frieiro pensa que você saiu da Imprensa Oficial. Saiu? Continua, contudo, na Comissão de Seleção de Originais? Faço votos que sim. Do contrário, não sei como haver com a edição do livro. Sabe: o pessoal da Imprensa não é de informar nada. Muito pelo contrário.

Leu DIMENSÃO ZERO, de Rezende Filho?¹²⁶ Um negócio. E da Ruth Bueno, A CORREDEIRA?¹²⁷ Outro negócio. Faz a gente coçar a cabeça...

Abraços e agradecimentos renovados.

Cosette

¹²⁴O prefeito a quem Cosette de referiu, foi Itamar Augusto Cautiero Franco que teve seu mandato de 1967-1970. Itamar é natural de Salvador, nasceu no dia 28 de junho de 1930 a bordo de um navio de cabotagem que fazia a rota Salvador/Rio

de Janeiro. No dia 2 de julho de 2011, o senador e ex-presidente faleceu no Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo (PREFEITURA DE JUIZ DE FORA, 2020, recurso eletrônico).

¹²⁵Elycio Condé (1906-1993) foi médico e escritor. Nasceu em Pernambuco, mas residiu no Rio de Janeiro. Editou o “**Jornal de Letras**” (ROSA, 2013, p. 388). Foi localizada uma correspondência datada do ano 1969, onde o editor agradece a cobertura dada por Cosette de Alencar no **Jornal de Letras**, conforme podemos verificar no Anexo N.

¹²⁶Trata-se do livro de Resende Filho (Recife/PE, 1929 - Rio de Janeiro/RJ, 1977), intitulado **Dimensão zero** publicado em 1970 pela editora Livros do mundo inteiro (BILHARINHO, 2013, recurso eletrônico).

¹²⁷Ela refere-se ao livro da escritora Ruth Bueno, que foi o nome literário adotado por Ruth Maria Barbosa Goulart que nasceu em Juiz de Fora, estado de Minas Gerais, dia 19 de janeiro de 1925 e faleceu em 1985. Dentre os livros publicados está **A corredeira**, editado pela própria autora no ano de 1970 (BRITO, 2011, p. 54, recurso eletrônico).

Carta n. 17

Nota de transcrição da carta 17/23
LCA a CA
Ano: 1970
AEM

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 18,5cm de largura x 27cm de comprimento; não possui pautas; cor bege, folhas com marcas de dobras; documento manuscrito autógrafo (tinta azul) com assinatura à tinta (tinta azul); 2 folhas frente.

Beagá, 20.9.1970

Cosette,

todos nós temos as nossas fases ruins – e esta certamente é a minha. Não tenho passado bem, de volta às minhas ferozes enxaquecas e com um princípio de depressão nervosa. Reflexo certamente, de vários problemas, financeiros e outros, e sobretudo porque Affonso está com um quase esgotamento nervoso. Um círculo vicioso, um contágio de cansaço, ou, para falar empoladamente, um “spleen”¹²⁸ e um “stress” a dois... Espero que os medicamentos tranquilizantes realmente nos tragam a boa e rotineira tranquilidade de tempos mais plenos. Creio que Affonso distendeu ao máximo os seus nervos, trabalhando na feitura da revista Barroco (ainda não pude mandar-lhe o número), no seu livro e ainda no serviço braçal e pesado da organização da biblioteca Mário Casassanta os efeitos aparecem agora, na astenia mental, na exaustão psíquica. E eu, que não sei recusar-me à participação, entro na roda e também sinto todos os sintomas... Mas tudo vai passar, espero, em breve. Perdoe, portanto, o silêncio e o lapso de tempo que medeiam as nossas tão boas conversas.

Entretanto, escrevo-lhe agora para pedir-lhe um favor, a fim de atender a um amigo. Trata-se a seguinte: organizando êle uma bibliografia sobre o Aleijadinho, teve informação de que Gilberto de Alencar publicou na Gazeta Comercial de Juiz de Fora, em 4 de maio de 1938, um artigo a respeito do artista.¹²⁹ Como não conseguiu apurar o que foi, pede-me que interceda junto a você, para mandar verificar nos arquivos do jornal, nesta data (4.5.1938) o título do artigo, página em que aparecem e, se possível, tirar uma cópia para êle.

É muito trabalho? Acho que não. Os jornais têm os seus números arquivados e, havendo a data, não será difícil verificar e transcrever o texto. Em todo o caso, o pedido está feito. Esse texto, se o conseguir, será incorporado ao trabalho do Hélio Gravatá sobre o Aleijadinho¹³⁰ – e será mais uma forma de homenagear seu pai.

Escreva-me, embora eu não o faça com regularidade agora. Mal tenho conseguido cumprir com honestidade o meu horário de trabalho. Leituras... nem sei o que mais escrever, fazer literatura, é impossível no momento. O que preciso mais é de seus gestos de carinho, de bondade talvez, e você os faz sempre, falando-me de tudo – e sempre tão bem.

Obrigada pela paciência e desculpe, mais uma vez, os rabiscos desta letra tão nervosa quanto a sua dona...

Laís

¹²⁸Termo inglês que se refere originalmente a uma víscera glandular, vulgo “baço”, que tem a função de destruir os glóbulos vermelhos. Torna-se termo literário quando os poetas decadentistas da segunda metade do século XIX o tomam simbolicamente como a origem da destruição de algo mais intangível: a alegria de viver. Pode ser definido como aborrecimento, melancolia, tédio e tristeza (E-DICIONÁRIO..., 2018, recurso eletrônico).

¹²⁹Informação não localizada. Devido à Pandemia do Corona Vírus o AEM está fechado.

¹³⁰Hélio Gravatá foi um dos maiores eruditos que Minas Gerais conheceu, foi também um dos maiores bibliófilos brasileiro. Nascido no município fluminense de Paraíba do Sul, em 1910, e falecido em Belo Horizonte, em 1996, Gravatá dedicou a vida à reunião de uma imensa coleção de referências bibliográficas a respeito de Minas Gerais (VENÂNCIO, 2016, recurso eletrônico). Hélio Gravatá realizou um importante levantamento sobre as fontes relacionadas ao Aleijadinho que se encontra no livro **Hélio Gravatá: resgate bibliográfico de Minas Gerais**, publicado em 1998 (JUNQUEIRA, 2006, p. 2, recurso eletrônico)

Carta n. 18

Nota de transcrição da carta 18/23
CA a LCA
Ano: 1970
MAMM

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 32cm de largura x 22cm de comprimento; não possui pautas; cor bege com manchas amarelas, folha sem marca de dobras; papel timbrado com o emblema e o nome do DIÁRIO MERCANTIL Órgão dos DIÁRIOS ASSOCIADOS, fundado em 1912, endereço Telegráfico: Mercantil – CAIXA POSTAL 353; documento datiloscrito e assinatura autógrafa à tinta (azul); 3 folhas frente; acompanhado do envelope.

JUIZ DE FORA – MG
9.10.70

Laís:

quando você me fala da vida que levam, onde o travo reside apenas na conhecida situação de impecunidade do mineiro, notadamente no mineiro que serve o Estado, fico em dúvida negra, sobre considerar má (**manuscrito**) esta situação. Lembro-me muito bem de que vivi num lar onde esta condição se repetia: família numerosa, pequeno ordenado do chefe, aperturas sem conta. Um par de sapatos para um menino fazia oscilar o orçamento perigosamente. Minha mãe, professora, só deixou de lecionar quando os encargos domésticos a absorveram inteiramente: era das que correm da máquina de costura para o fogão, deste para o tanque, para a mesa de passar roupa, para o banho das crianças... Mas como éramos felizes! Dinheiro pouco, saúde suficiente, boa disposição de espírito – de que mais se precisa nesta vida? Aos poucos, meu pai, que tinha considerável tino administrativo e era economista nato, mudou a situação: não que passasse a ganhar mais dinheiro (vivia do pequeno ordenado de funcionário público e mais o que lhe rendia a faina nos jornais, nas revistas, a luta diária com a máquina de escrever) mas encaminhou os filhos todos, a todos assegurou trabalho, chegou mesmo à façanha de formar um engenheiro... As coisas mudaram materialmente, mas felicidade dura? A luta tomara muitos anos da vida de Gilberto e de Sofia: ao vencerem, estavam ambos velhos e doentes. Veio logo o fim. Foram-se os dois, com intervalo pequeno: não deixaram atrás de si qualquer dificuldade material, pelo

contrário. Mas bons tempos, na minha opinião, foram os de antes. Iguais ao que você vive agora. Terá muitas saudades deles, mais tarde, quando tudo entrar nos eixos e a preocupação financeira não a atormentar mais. Esta luta que você vive é boa, estimulante, criadora. Pode parecer aborrecida, chata, incomodativa: engano. Viver é isto. Eu não comparo, não ousou comparar, minha vida inútil e meio vazia à sua vida. E nem o digo apenas para engambelá-la, mas por ser “la verité”.¹³¹ Repito: quando quiser, e puder, vir a Juiz de Fora, não deixe de fazê-lo por falta de uns míseros cruzeiros. Aqui, nós arranjamos tudo da melhor maneira. Você precisa de um descanso. Uma pausa, longe dos filhos e do marido. Sair um pouco far-lhe-á grande bem: imite, nisto, nosso mestre Frieiro que não tira o pé da estrada e vai lépido caminhando para os oitenta anos. Nêle, entre outras coisas, a ciência de viver é digna de admiração.

A demora desta carta, deve-se ao pedido que me fêz, a propósito da crônica do papai sôbre o Aleijadinho. Foi tourada arranjà-la. Tive de subir inúmeras vezes as carcomidas escadas da GAZETA COMERCIAL, onde reina uma desordem bastante extraordinária mesmo para jornal do interior. As coleções não são acessíveis ao público, estando, sob chave, em poder de um funcionário que não se encontra nunca. Afinal, quando eu ia desistindo, o proprietário da folha, a título de favor pessoal, determinou que uma cópia da crônica me fosse fornecida. Entregaram-me só hoje, cheia de erros, muito mal feita. Fiz algumas correções, recopiei e aí vai o que solicita seu amigo.

Obrigada pelas informações sobre meu romance. Aceito as condições do Márcio Sampaio e concordo com a despesa da plastificação da capa. Tem você uma idéia de quando o livro ficará pronto? Precisa-se empurrar? Você, que é da casa, empurre por mim, por favor.

Eu também ando sem tempo para ler. A casa me absorve, o pouco tempo de que disponho é tomado pela meninada das escolas que não me dá folga: quer informações, quer entrevistas, quer colaboração para o jornalzinho da escola. A gente tem de aprender a se furtar a isto, senão leva o diabo. E se fossem só os meninos! Os graúdos também amolam empurrando-nos solertemente tarefas que, a despeito da aparência inofensiva, tomam, tempo e gastam a paciência.

Recebeu o DIÁRIO do Lúcio Cardoso, em edição da Jota Ó?¹³² Vale a pena ler, interessante. Os editores continuam em recesso, tomados de medo. E com

razão, que o ano findo foi tremendo para êles todos. Ninguém quer comprar livros. Todo mundo arranja cultura nos programas do Flávio Cavalcanti e do Chacrinha: e sem gastar um centavo.

Abraços,

Cosette

¹³¹ Essa expressão em francês, quando traduzida para o português significa: a verdade. (Tradução nossa).

¹³² A editora citada por Cosette de Alencar é a editora José Olympio, que em 1970 publica o livro **Diário completo** de Lúcio Cardoso (LIVRARIA, 1999, recurso eletrônico).

Carta n. 19

Nota de transcrição da carta 19/23
LCA a CA
Ano: 1970
AEM

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 18,5cm de largura x 27cm de comprimento; não possui pautas; cor bege, folhas sem marcas de dobras; documento manuscrito autógrafo (tinta azul) com assinatura à tinta (azul); 4 folhas frente.

Beagá, 21.10.1970

Cosette,

estava esperando a reunião das quartas-feiras, para lhe dar uma resposta mais positiva a respeito do seu livro. Ontem, então, conversei com o Murilo, que me disse que o “Giroflê” vai entrar na oficina por êsses dias. Assim, tão logo estejam prontas as primeiras provas, eu as enviarei a você, para a revisão. Embora eu tenha boa vontade em fazê-la, acontece que não conheço os sinais tipográficos usados em revisão. São determinados “signos”, cada um com sua significação própria: “cortar”, “acrescentar”, etc, que só uma pessoa com prática de gráficas pode fazer. Acredito, pois, que seja mais fácil para você conseguir um técnico do jornal aí para poderes a revisar. Aqui, entre escritores, quem eu sei que entende do assunto (pois trabalha nisso muitos anos) é o Frieiro. Quem sabe êle teria boa vontade (e até prazer) em fazer isso para você? Também no SL há servidores, mas são os da própria imprensa, e não sei se pode confiar neles (acho que deixam passar muitos erros!). Enfim, é um problema que temos de estudar. Quando se trata de “editora”, em geral o autor não faz revisão: Têm um setor próprio para isso. Vou também conversar com o Murilo, na ocasião, e êle talvez me dê alguma indicação. Affonso me disse que a revisão feita pela gente, sem a “técnica” própria, não dá resultado, pois os gráficos só seguem os tais sinais. Quanto à capa, Márcio Sampaio me disse ontem que já fez vários estudos, mas ainda não tinha ficado satisfeito com nenhum. Tão logo ache o desenho certo (o livro não tem muito em que “fazer”), vai me dar, para você examinar e aprovar ou não.

Agradeço-lhe muito a remessa da cópia do artigo do Gilberto Alencar. Mesmo que esteja imperfeita (não me pareceu), o importante é ter o dado, para sair na bibliografia do Aleijadinho. Hélio Gravatá manda lhe agradecer pelo trabalho que teve e sua gentileza.

Quanto ao documento que você doou à “Coleção Mineiriana”, será que poderia deixá-lo com o Wagner? Há sempre alguém de lá vindo cá, ou de cá indo lá, e assim teríamos no arquivo da “Mineiriana” a presença de seu pai. Sabe que eu tenho também no meu arquivo particular, uma carta dêle? Esta carta é dirigida ao Emílio Moura,¹³³ quando este era importante funcionário da Secretaria de Educação, e pede transferência de grupo da filha Emília. Não é propriamente um documento literário, mas é importante por ser um manuscrito. Faz parte do futuro “Museu de História Literária”, que Affonso pretende organizar e doar talvez para a universidade da biblioteca.¹³⁴ Sabendo disso muitos amigos “entre eles, o Emílio Moura” uns têm doado, cartas, rascunhos de livros, retratos, etc, de escritores. Assim conseguimos a carta de Gilberto de Alencar.

Você me anima bastante! Diz-me coisas em que eu devo pensar, quando passo por estas fases de dificuldades e conseqüente depressão: realmente, em tudo sobra algo de bom – e nossa luta, por ser a dois (mais os 5 filhos!) tem um sentido maior e é algo oficial. Significa união, compreensão, vontade de fazer, vida. Sei disso – e é assim que resisto, que resistimos, contando sempre com as boas palavras dos amigos como você.

Lentamente (falta-me o essencial, o tempo) vou trabalhando o livro sobre Murilo Mendes. Creio que vou levar mais 2 anos nisso! Só posso escrever pela manhã, uma hora no máximo (eu arrumo casa, compro carne, etc, etc) e nem sempre, nessa hora, a cabeça funciona... À tarde, o serviço na Biblioteca me toma todo – e lá me exige sempre redação, o que me desgasta. À noite, tenho que ajudar nos exercícios dos filhos, consertar roupas, fazer essas miudezas, e, às vezes, ler... não importa; é bom ficar bem ocupada, para não masturbar as tristezas e decepções! Quero muito ir a J. de Fora, mas não acho feito, preciso ter obrigações de ir. E terei, logo que entre na parte bibliográfica sôbre o Murilo Mendes.

Não recebi o “Diário” de Lucio Cardoso. Agora raramente recebo livros das editoras, pois não estou fazendo crítica – e só nos mandam livros com interesse na propaganda, é claro. Aliás, raramente o carteiro bate aqui em casa. Não tenho mais

os poderes gráficos de louvar, consagrar, noticiar, os “admiradores” desapareceram. O que é ótimo. E me dá tempo para pensar na minha aposentadoria como escritora. Você já está providenciando a sua? É sério, vale a pena pagar um pouco de tempo o INPS, para as compensações posteriores. Estamos, eu e Affonso, providenciando a documentação necessária e, se v. quiser eu lhe informo tudo a respeito. Não será difícil (embora aborrecido) provar os muitos anos de trabalho intelectual que já temos. Estamos arranjando as declarações de jornais, de editoras, etc, para nos tornarmos contribuintes e, em breve, aposentarmos... já conseguiram fazê-lo um bom número de editores. Por que não se habilita também?

O pré-histórico Israel Pinheiro¹³⁵ vai nos conceder um aumento... de 10 por cento! É tão humilhante que deveríamos recusá-lo. Um pobre pai-de-família, contínuo que ganha 180,00, terá o glorioso aumento de 18,00... Chega a ser cômico, se não fosse trágica a situação de miséria geral. Com o café, o maior produto nacional, desaparece do mercado, para ter um aumento de 100%. Ninguém espera êste país... que vai para o abismo... ao som da propaganda eleitoral. Felizmente, terá uma eleição tranquila, pois não há como escolher, selecionar, entre tantos candidatos: votarei feliz, em branco. Em matéria de política (como em literatura) sou da ala do “pessimismo radical”. Não é esquerda, nem direita, nem 3ª posição. É a última e definitiva. Com certeza, Flávio Cavalcante é candidato...

Abraços.

Laís

¹³³Emílio Moura (1902-1971), escritor nascido em Dores do Indaiá (MG). Em 1925, o escritor ao lado de outros escritores da época, foi responsável pela criação de **A revista**, considerada a publicação manifesto do modernismo nas Minas Gerais (MOTA E SILVA, 2018, p. 8-13).

¹³⁴Informação não localizada. Devido à Pandemia do Corona Vírus o AEM está fechado.

¹³⁵Israel Pinheiro da Silva, (1966-1971) – natural de Caeté (MG), graduado em Engenharia de Minas e Metalurgia pela Escola de Minas de Ouro Preto. Na época

em que as escritoras se correspondiam ele era governador do Estado de Minas Gerais (GOVERNO..., [20--?]).

Carta n. 20

Nota de transcrição da carta 20/23
CA a LCA
Ano: 1970
MAMM

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 32cm de largura x 22cm de comprimento; não possui pautas; cor bege com manchas amarelas, folha sem marca de dobras; papel timbrado com o emblema e o nome do DIÁRIO MERCANTIL Órgão dos DIÁRIOS ASSOCIADOS, fundado em 1912, endereço Telegráfico: Mercantil – CAIXA POSTAL 353; documento datiloscrito e assinatura autógrafa à tinta (azul); 3 folhas frente; acompanhado do envelope

JUIZ DE FORA – MG
9.11.70

Laís:

tenho vergonha de confessar mas a verdade é que ainda não tive coragem bastante para esmieuçar os papéis, dentre os quais será retirado aquele original que interessa à Biblioteca do Estado. Sei que meus irmãos não concordam com esta doação, considerando que o acervo paterno interessa mais à família que ao público. Por mim, não faço questão, mas penso que seria excelente se você, quando viesse a Juiz de Fora, opinasse a respeito, visto como entende do assunto muito mais do que eu. Diga a d. Carmem que não volto atrás com o prometido: ela terá o original e, na medida do possível algum livro do papai que eu possa arranjar. Deverá aparecer, ainda este ano, mais uma edição do CIDADE DO SONHO E DA MELANCOLIA (Impressões de Ouro Prêto) escrito por mestre Gilberto nos idos de 1926, esgotado imediatamente e reclamando desde então uma reedição: a coisa se fará por iniciativa da UFJF e, segundo me diz o autor da iniciativa, a edição terá cunho luxuoso, com ilustrações do nosso Guima.¹³⁶ Mercê disso, passei uma semana a rever e a corrigir as cópias do livro, escrito na velha ortografia: no momento, o trabalho está entregue ao prof. Almir de Oliveira,¹³⁷ que será o pai da criança. Se esta edição sai mesmo é fora de dúvida que reserve um exemplar do livro para a MINEIRIANA da Biblioteca. Trata-se de um livro encantador, um verdadeiro poema sobre Ouro Preto, o mais lindo dos roteiros da bela cidade. Escrito com emoção e

finura, saiu uma jóia de sabor clássico nas páginas onde emoção e estilo se harmonizam para causar o melhor dos efeitos.

E, falando em revisão, não vejo como resolver o problema da revisão do GIROFLÊ. Aqui, parece não haver quem entenda do assunto nos termos profissionais de que me fala. Dirigir-me ao Frieiro, jamais. Seria abuso, e sei muito bem que o excelente Eduardo evita o mais que pode as prebendas, cultivando um egoismozinho de boa água. Acredito que na própria IO exista quem possa realizar o trabalho. Ou não? Cada vez mais convencida fico de que editar um livro, entre nós, é façanha que requer fôrças mesmo físicas. E a trôco de quê? Ninguém lerá o desgraçado que encastrará nas prateleiras das livrarias, excetuados aqueles poucos exemplares adquiridos pelos amigos... por amizade, não por vontade de ler o calhamaço. Ilusão literária, não tenho nenhuma, nunca tive. Neste sentido, não pouco aprendi com meu pai, cético indomável. Próximo ao fim, nem mesmo queria êle que lhe falassem de livro, chegando mesmo a proibir que se pensasse em editar os originais que tinha na gaveta. O assunto dava-lhe enfado, até mesmo um pouco de nojo. Acho que êle estava com a razão. Excetuado o prazer que possa dar o vício de ler, na literatura não se salva mais nada. É tudo lero.

Importante repetia nosso Mário Matos, importante é viver. Também acho. E viver é, exatamente, cumprir o programa que lhe coube, onde lutas e vitórias acabam por se equilibrar, sem prejuízo do objetivo final de dar ao mundo cinco cidadãos úteis. Pode acreditar que sua sorte tem muito de invejável: ao lado da sua, as outras vidas, menos cheias e menos trabalhosas, parecem-me vazias e sem sentido. E aproveite o momento, que me parece ser dos melhores, a família ainda em formação, os filhos a seu lado, todos gozando saúde: já vivi essa fase, irrecoverável. Que restou dela? Só a saudade. Saudade até mesmo das lutas por um sapato novo, por um vestido menos velho, no lar onde a pobreza honrada dos pais bastava apenas para o teto seguro e a mesa generosa... Agora, há dinheiro e falta tudo mais, sobretudo a alegria dos velhos dias. Agora é triste pra burro. Melhor nem falar nisso.

Mas, falando em dinheiro, e aludindo ao aumento de dez por cento anunciado pelo governo, em que ficou um certo projeto das chefias, onde se incluíam, benefícios ponderáveis para os assessores técnicos? Muito li sobre este assunto, que parece ter dado em água de barreira.¹³⁸ Suponho que, como a mim, se

concretizada a idéia, nós nos beneficiaríamos todos. Assim, só mesmo cavando a aposentadoria como escritor. A idéia parece-me de difícil realização, pois o INPS não é sopa para conceder seus benefícios: conto mais aposentar-me como jornalista, aos 60 anos. Infelizmente, apesar de escrever para jornal há mais de trinta anos, só em 1961 comecei a pagar o Instituto: isto torna impossível a aposentadoria normal. É esperar pelos 60 anos, que não estão tão longe assim.

O Pedro Paulo, da Itatiaia, esteve aqui e falou-me da sua intenção de tirar uma nova edição do TAL DIA É O BATIZADO, do papai, uma edição para a série dos Grandes Textos de Literatura, série inaugurada há pouco com a 4ª. edição do MEMÓRIAS DE GUDESTEU RODOVALHO.¹³⁹ Chegou mesmo a pedir-me um prefácio para esta nova edição. Eu, até agora, não alinhabei uma linha. Mas a verdade é que os livros do papai caminham, lenta mas seguramente fácil prever-se que ficarão mesmo, ficarão permanentemente. São livros de qualidade rara. E, felizmente, já temos um público, reduzido, é certo, mas atuante, capaz de reconhecer o melhor na literatura.

Avise-me, por favor, quando o romance entrará para os prelos da JO. E aperte o Márcio com o desenho da capa. Eu detesto as coisas que se eternizam. Geralmente, não chega ao fim.

As editoras diminuíram sensivelmente a produção, há mesmo um recesso editorial. Não creio que a nossa literatura esteja perdendo com isso. Pelo contrário.

Abraços,

Cosette

¹³⁶O livro **Cidade do sonho e da melancolia** foi reeditado em 1971 pela editora IHG de Juiz de Fora e contou com desenhos de Guima (Luís Guimarães Vieira), a obra não só ressalta a beleza de casarões e igrejas centenárias, como faz um apelo para sua proteção (TOLEDO, 2011, recurso eletrônico).

¹³⁷Almir de Oliveira (1943-2015), é mineiro de Espera Feliz, formou-se em Direito na Faculdade de Direito em Juiz de Fora em 1943 e dedicou sua vida como professor universitário, jornalista e escritor. Muitos de seus escritos, aliás,

referem-se à história de Juiz de Fora, sendo esses ricas fontes sobre a cidade. Ocupou a cadeira 32 da Academia Mineira de Letras e a de número 23 da Academia Juiz-forana de Letras, da qual foi um dos fundadores. Faleceu em Juiz de Fora em 2 de junho de 2015, um mês antes de completar 99 anos (PINTO, 2018, p. 44).

¹³⁸Ditado popular que significa ir por água abaixo, não vai dar em nada (MICHAELIS, 2020, recurso eletrônico).

¹³⁹**Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, romance 1ª edição, de 1946, impressa nas oficinas da Gazeta Comercial de Juiz de Fora, a 2ª, de 1957, publicada pela Agir Editora, Rio de Janeiro, 3ª, de 1962, pela editora Itatiaia, Belo Horizonte, e a 4ª, de 1970, pela mesma editora (MENDES, 2010, p. 16).

Carta n. 21

Nota de transcrição da carta 21/23
LCA a CA
Ano: 1970
AEM

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 3 folhas com 22cm de largura x 32cm de comprimento e 1 folha com 13cm de largura x 19cm de comprimento; não possui pautas; cor rosa com manchas amarelas, folhas com marcas de dobras. Documento manuscrito autógrafo (tinta azul) com assinatura à tinta (azul); 4 folhas frente.

Beagá, 16/11/70

Cosette,

recebi uma carta do Wagner, em que êle se mostra revoltado por sua causa. Diz êle que, aí em J. Fora, selecionaram e premiaram as personalidades do ano e que – absurdamente – seu nome não estava na lista! Que você é, literalmente, a pessoa mais importante daí, mas como se isola e não faz parte de grupinhos, foi esquecida. Que deram pouca importância ao fato de seu livro ter sido escolhido como dos melhores, ter sido premiado ao Walmap, em quanto os “de fora” é que a elogiaram. Que ninguém é profeta em sua terra – santo de casa não faz milagre, etc...

Como você vê, conta ao menos com um admirador sincero e entusiasta, aí! Concordo com o Wagner: hoje em dia fazer as coisas sem usar trombetas não dá certo... Todo mundo se preocupa em promover-se, fazer a própria publicidade, anunciar-se, barulhentemente – e quem se cala fica de lado... Mas reconheço que é um feitio de temperamento (o seu), com o qual me afino. Também prefiro, no dizer do caipira mineiro, “viver de banda”, passa despercebida e não viver com a banda, com o som estridente da louvação. Que afiada essa desconfiança, essa auto-crítica, êsse ceticismo, típico dos espíritos lúcidos, como o seu. Nada de fazer a côrte à Glória: para quê? É uma dama tão volúvel e distraída...

Telefonei agora para o Márcio Sampaio, apertando-o a respeito da capa do livro. Ficou de me entregar os desenhos esta semana ainda; espero que cumpra a palavra. Não se pode ter muita confiança nesses artistas – são todos aéreos, todos!

De qualquer forma, prometo pressioná-lo ao máximo, inclusive passar para outro desenhista, se for o caso. Dou-lhe uma resposta positiva até sábado, sim?

Quanto ao outro problema, vou conversar seriamente com o Murilo. Lá na I.O. Há muitos revisores, é claro. O caso é que não se pode ter fé neles... Estão empregados de “espírito público”, isto é, da mentalidade de funcionário público – e fazem tudo mal feito, sem cuidado, sem amor. Por isso, a própria I.O. aconselha aos autores a fazerem suas revisões, para não deixar passar “gatos”. Sinceramente, se eu conhecesse os sinais, eu faria por você. Mas não os conheço, e tenho medo de piorar a situação. Quarta-feira eu tenho reunião na I.O. e vou conversar tudo com o Murilo, pedir que nos aconselhe, a ambas, como fazer. Ele está bem acostumado a tratar destes problemas e poderá nos dar um conselho válido e positivo. Novamente lhe digo que voltarei a escrever depois dessas “negociações” e lhe darei notícia.

O tal projeto das chefias foi descendo por água abaixo. De fato, beneficiava demais aos chefes (e aos assessores, como eu), colocamos os funcionários comuns em posições muito inferiores. Houve protestos, é claro, e o projeto foi arquivado... Portanto, não nos resta outra esperança que os humilhantes 10% do Israel, uma vergonha, que deveríamos todos recusar, se pudéssemos ter um mínimo de orgulho, mas não podemos: como pobres miseráveis, aceitamos até as migalhas. Enfim, a situação financeira continua dramática: as contas aumentando a cada mês, o custo de vida insuportável, e os ordenados minguando. Para poder dar aos meus filhos, ao menos, um presentinho de Natal, estou lecionando francês e vou fazer duas palestras sobre Machado de Assis e Fernando Sabino. Uma luta para quem, como eu, não gosta de falar em público e considera as conferências como uma coisa aborrecida, tanto para o público quanto para o autor... não tenho mais tempo para viver e vou arrastando meu ensaio sobre Murilo, por falta absoluta do indispensável estudo e atenção. Disperso-me em miudeza (que possam render algo), não por ambições, mas por completa necessidade, sobrevivência. Como foi você de eleições? Muito entusiasmo? Esperança e confiança? Acho-me tão descrente de tudo que votei em branco, completamente. Entrei e saí da cabine sem abrir sequer as tais cédulas. E votei porque, como funcionária, não poderia deixar de fazê-lo, sem perder o ordenado... AL, Cosette, tudo me parecia tão frio, tão distante do que aprendi sobre humanidades, sobre a bondade e vontade de servir, sobre a pátria e o amor ao próximo... É o egoísmo que move os braços, as pernas, a cabeça dos homens –

e o [ilegível] me parece uma ficção, um mito, algo longínquo e indiferente: o povo que se dane! O resto de fé que eu tinha naquele “leite de bondade humana” se evaporou ou foram as têtas que secaram?

Fico feliz com a reedição “Cidade do sonho e da Melancolia”. Affonso tem a primeira edição (que conseguiu com dificuldade e guarda com ciúme) e acho que é realmente formidável dar ao público nova oportunidade de ler as excelentes páginas de Gilberto de Alencar sobre Ouro Preto. Ainda mais em edição de luxo e ilustrada pelo Guima. Vai ser um sucesso – e só é de lamentar-se que o dono de tudo não esteja aí para gozar as alegrias da literatura. A gente passa a vida sofrendo as agruras do vício de escrever... e o prêmio da posteridade, por tardio, não é um consôlo, senão para os outros. Possam vocês, os filhos (com melancolia, eu sei) aproveitar a glória do pai.

Até breve. Voltarei a escrever logo.

Laís

Friero me procurou e, infelizmente, nos desencontramos. Creio que vai lançar outro livro brevemente. É bom: tudo que vem dêle.

Affonso manda eu abrir a carta, para fazer-lhe um pedido urgente. É que está escrevendo, sob encomenda, um trabalho sobre o teatro em Minas e precisa do livro de Albino Esteves, intitulado “O Teatro em Juiz de Fora”.¹⁴⁰ Procurou o livro nas livrarias e nas bibliotecas e não o encontrou. Como Affonso diz que o autor – Albino Esteves – era amigo de seu pai, supõe que você tem o livro e pergunta se poderia emprestar-lhe o mais depressa possível, que ele devolverá também o mais depressa possível. Caso v. queira ele pede esse favor, telefone para casa do Plácido e um dos sobrinhos pegará o livro e mandará por intermédio do noivo da Lésia.

É possível?

Fica-lhe muito grato e promete tomar o cuidado com o livro.

¹⁴⁰O livro de Albino Esteves (1883-1943), intitulado **O teatro em Juiz de Fora**, foi lançado em 1910. E nele o autor mostra, de forma ufanista, todo o seu interesse e admiração pela cidade, como se pode perceber no primeiro capítulo – Fundação da Cidade –, em que ressalta a vocação desenvolvimentista de Juiz de Fora,

descreve o cenário urbano, exalta a natureza pródiga e fértil como inspiradora do imaginário dos escritores e poetas da terra (KAPPEL, 2019, p. 56).

Carta n. 22

Nota de transcrição da carta 22/23
CA a LCA
Ano: 1970
MAMM

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 32cm de largura x 22cm de comprimento; não possui pautas; cor bege com manchas amarelas, folha sem marca de dobras; papel timbrado com o emblema e o nome do DIÁRIO MERCANTIL Órgão dos DIÁRIOS ASSOCIADOS, fundado em 1912, endereço Telegráfico: Mercantil – CAIXA POSTAL 353; documento datiloscrito e assinatura autógrafa à tinta (azul); 3 folhas frente; com indicações na marginalia; acompanhado do envelope.

Juiz de Fora – MG
19.12.70

Laís:

esta já é para desejar-lhe, e aos seus, um Natal tranquilo, tão alegre quanto possível. Alegre, sei que êle será, em sua casa, graças à meninada, que torna tudo aceitável e a tudo empresta significado transcendente. Aproveite, minha filha, que a vida não dá mais do que isto, e isto mesmo nem a todos concede. Geralmente, este lado bom dura pouco e só deixa saudades.

Com o calor, a proximidade do Natal, a estafa piorou e estou de cuca fundida inteiramente: tudo que eu quero é descansar, e pretendo em janeiro dar um bonito pontapé no jornal. Já não aguento mais falar de livro, olhar livro, folhear livro: quero é um passeio na roça, madornar ao sol, andar pelos caminhos. Justamente, compramos uma granjinha no campo, na Grama, lugar delicioso, clima europeu, estrada muito má, infelizmente: os donos dos carros, para chegar lá, gemem um bocado. Eu adoro o lugar e estou tentando tornar o barraco habitável para poder aproveitar melhor a aquisição. Estou plantando fruteiras, rosas, flores e cuidando da piscina para a sobrinhada, doida por natação. Muito melhor do que falar de livros. Não a convido para vir conhecer a nova propriedade por saber ser isto totalmente inútil. Pior para você. Ah, ia esquecendo: estou criando galinhas, isto é, encarreguei o caseiro de as criar. Meu trabalho consiste em ir buscar os ovos. Para variar da pasmaceira e da chateação, é muito bom. Tomara que chegue logo janeiro.

Obrigada por tudo que tem feito pelo GIROFLÊ, GIROFLÁ. Que prebenda, hem? Espero que tudo termine bem. Diz-me o José Afrânio que você lhe pediu para fazer a revisão. Ótima lembrança. Muito grata.

Quanto ao que me diz da carta do Wagner, é que o Wagner é môço: arrepiase quando julga deparar uma injustiça. Eu estou calejada. Meu pai também o estava. A tal promoção a que êle se refere, das personalidades, é irrelevante e tôla como os que a promovem: não engrandece ninguém, e partindo de quem parte, nem sentido chega a ter. Parece-me tratar-se de mais um “negócio” do jornal. Não estou certa, visto estar inteiramente por fora, estando a coisa inteiramente nas mãos dos donos da folha. Aliás, um dos promotores tem o hábito de pedir-me colaboração para o suplemento especial dedicada à bobageira: e eu concordo, e hipocritamente entro na onda, badalando. Pessoalmente, pouco se me dá a omissão de meu nome. Não é esta cidade famosa por sua burrice? Está cada dia mais... Pergunte ao Wagner.

Pôsto isto, o Márcio Sampaio parece não ter agradado do meu livro. É pena. Dizem-me bom capista. Vamos ver em que fica tudo. Agora, neste baixar do pano, é aguardar 71, que 70 não dá mais pé para nada. Exceto, talvez, para uma visita sua. Aproveite o embalo e apareça.

Transmita ao Affonso, á Zilah, à Maria Lygia e a seus meninos, meu cordial abraço e meus melhores votos para 71 – e desculpe o mau jeito desta, mas é que estou no último furo. No último mesmo. (E olhe que não escrevi, nem pretendo escrever, a ninguém. A livralhada não me dá folga. Recebi um pacote, razoável da Maria Alice, INL, com as coedições da entidade. Menos pior o resto.)

Abraços.

Cosette

P.S – Estou vendo se consigo um portador p^a as “doçuras” de Natal destinadas a seus meninos. Vou procurar o Wagner p. saber se na casa dele, irá alguém p. BHte
(manuscrito)

Carta n. 23

Nota de transcrição da carta 23/23
LCA a CA
Ano: 1970
AEM

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 18,5cm de largura x 27cm de comprimento; não possui pautas; cor bege com manchas amarelas, folhas com marcas de dobras. Documento manuscrito autógrafo (tinta azul) com assinatura à tinta (azul); 2 folhas frente.

Beagá, 24.12.70

Cosette,

no meio de toda esta afobação natalina, tiro um momento para pensar em você – e descansar na sua companhia, segura e tranquila. Sua carta de 19 chegou hoje – **[ilegível]** na hora de me desejar um bom Natal. E como você o deseja com verdade, eu sei, acredito que romperei a data com menos melancolia e mais confiança no futuro. Cansaço muito calor, demais, andanças atrás de presentes “que custem barato e façam efeito”, preparo de comilanças, tudo isto tenha um sentido, aqui e aí, o de união, paz, compreensão entre as pessoas. Já é desejar muito! A transformação da festa da família em pura comercialização e fonte de lucro me deprime – e procuro salvar-me por um resto de fé e de ilusão: de que o homem ama o seu semelhante, apesar de tudo. Ora! Viva o Natal e viva nós... que estamos vivos. Felicidades, Cosette!

Bem, as notícias do “Giroflê” são boas. Conversei com o Frieiro, que se mostrou generoso e solícito, porque tendo-me ir à Imprensa para escolher formato, tipos, etc, para o livro. Como entende do assunto, conhece os chefes de oficina, tem cartaz lá dentro, creio que a sua ajuda é indispensável, ainda mais nesses problemas práticos, porque eu sou inapta às atividades de tal prebenda, como v. diz. Expliquei a êle que o romance, entregue aos meus cuidados, iria mal das pernas e consegui convencê-lo, procurando o oferecimento espontâneo... Enfim, o certo é que vai ajudar-nos e muito, com a **[ilegível]** boa vontade e competência ao assunto. Disse-me que deixasse de me preocupar com a capa, que é o último problema. Márcio Sampaio só agora fez a do livro de José Afrânio, que já está pronto para sair.

Mas o próprio José Afrânio me afirma que vale a pena esperar, pois o Márcio faz belas coisas e a dêle ficou ótima. Assim, de vez em quando darei uma cutucada no Márcio, mas passaremos a cuidar da oficina, que é o mais premente agora. Na revisão, eu e José Afrânio trabalhamos juntos. Como vê, fizemos aqui uma corrente de amizade e carinho por você – e tudo vai dar certinho!

Bem, tive uma boa notícia ontem. Consegui pegar metade do prêmio de literatura infantil da Prefeitura. Imagina que, na última hora Affonso me fêz concorrer, com um livrinho escrito há muito tempo – “Maria e companhia”¹⁴¹ – e Maria Lygia datilografou para mim. Na última hora, entregamos os [ilegível] e agora me telefonou dizendo que o prêmio foi dividido entre mim e [ilegível] (não conheço o ou a outra – o livro dele ou dela chama-se “a rosa voadora” e usou um pseudônimo). Excelente notícia para quem está de bolas vazias! Com isto, animei-me a ir ao Rio, passar uma semana e arejar-me (será possível com êste calor?) de tanta canseira e desânimo. Vou com uma amiga e levo as duas meninas pequenas. Ficarei uma semana, talvez, na antiga “toca” da Maria Lygia. Depois irei a J. de Fora, ver o Plácido e você! Então conversarmos bastante e com calma... se você não estiver na granja a cuidar de galinhas...

Chamava-me. Tudo ainda está por terminar. Paro de repente, com meu abraço e um até breve”.

Laís

¹⁴¹O livro **Maria e companhia** é um livro de poemas para crianças, escrito pela Laís Araújo que foi lançado em 1983 pela editora Brasil-América do Rio de Janeiro (MACIEL, 2002, p. 65).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se sentir-se preparada para fazer um curso de Mestrado, a pesquisadora começou uma busca incessante por uma pós-graduação que tivesse relação com a sua área de formação e atuação. No primeiro momento o desejo era fazer o processo seletivo para a área de Biblioteconomia, Arquivologia ou Ciência da Informação. Porém, ouvindo vários relatos de colegas inclusive profissionais da área biblioteconômica, a pesquisadora resolveu fazer o processo seletivo para o Mestrado em Letras, tendo como área de concentração a Literatura Brasileira.

Logo aprovada e já ingressada no curso, no primeiro semestre, ainda em fase de adaptação, de reconhecimento e descoberta de uma área que era bem diferente da sua área de formação, ela teve contato com o que poderia ser o *corpus* investigativo para a pesquisa a ser realizada.

A pesquisadora ao saber que iria trabalhar com manuscritos, mais especificamente com correspondências, já soube que mesmo estando em um curso diferente de sua área de formação, estava no lugar certo, pois iria trabalhar com um *corpus* instigante e que estaria sempre em contato com assuntos tão interessantes para ela, como arquivos, preservação e organização de documentos bem como a sua disseminação. Logo foi notável o interesse em saber quais instituições eram responsáveis pela guarda desses documentos para assim poder marcar uma visita para conhecer e acessar as fontes primárias.

O *corpus* a que a pesquisadora se refere são as correspondências ativa e passiva das escritoras mineiras Laís Corrêa de Araújo e Cosette de Alencar no ano de 1970. Identificou-se que as escritoras mantiveram um intenso diálogo epistolar entre os anos de 1967 a 1973, mas nesta pesquisa foi trabalhado o ano de 1970.

Por meio da análise aprofundada das correspondências de ambas as escritoras, pôde-se compreender aspectos da vida pessoal de ambas, questões sobre literatura e literatos da época, demonstrações de amizade e cumplicidade, reclamações feitas por elas sobre momentos difíceis de suas vidas, relatos de viagens feitas e tentativas de viagens que por algum motivo não deram certo, indicações de livros que ambas recebiam, comentários sobre autores, dentre esses um assunto que era recorrente era a tentativa de publicação do livro **Giroflê, giroflá**, de Cosette de Alencar.

O ano de 1970 as escritoras achavam que seria o ano em que Cosette de Alencar publicaria seu romance, o que não aconteceu, mesmo após algumas tentativas. O mesmo vindo a ser publicado no ano de 1971.

Dentre outros assuntos as missivas trouxeram fatos que ainda não tinham ficado esclarecidos para os pesquisadores, e que ao acessar os documentos primários, os prototextos e as correspondências foram capazes de preencher lacunas ainda não solucionadas, citamos como exemplo o ano correto de nascimento da escritora Laís Corrêa de Araújo, que pôde ser solucionado em uma das cartas na qual Laís Corrêa escreve a Cosette de Alencar dizendo que faria aniversário naquele data e reclamando um pouco da vida com a amiga, confidências que elas sempre trocavam entre si.

Além disso, a produção literária das escritoras não foram só meras cartas escritas, e, por meio das missivas foi possível compreender parte do processo de criação de ambas em algumas obras citadas, processo que traz informações relevantes das mais diferentes ordens, também torna-se possível resgatar várias memórias das autoras, possibilitando assim que seja (re)criada a identidade de ambas por meio da leitura missivística.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa algumas dificuldades foram encontradas ao longo do percurso. Pelo fato de se tratar de documentos históricos, as epístolas exigiram um maior cuidado quanto ao seu manuseio, pois algumas cartas deste lote foram escritas em papéis muito finos (a gramatura se assemelha a folhas de papel de seda ou papel manteiga), o que demandava um cuidado maior ao manuseá-las, mesmo apresentando um bom estado de conservação. A pesquisadora também relata a dificuldade em entender certas palavras escritas pela escritora Laís Araújo, que segundo ela se justificava pela falta de tempo e pela correria em que ela sempre se encontrava.

Com relação a outro tipo de documento também no suporte papel, destacando-se o jornal **Diário Mercantil**, observou-se que esse apresentava sua coleção incompleta no MAMM local em que a pesquisadora teve acesso. A pesquisadora foi informada que a coleção completa seria possível acessar no Arquivo Histórico da Prefeitura de Juiz de Fora que encontra-se em péssimo estado de conservação e com falta de funcionários para atender às demandas da pesquisa.

A maior e mais longa dificuldade encontrada foi quanto ao acesso a esses locais, pois na fase principal em que seria de extrema importância a visita às instituições para manuseio e pesquisa nas fontes, o mundo foi acometido pela pandemia do novo Coronavírus, sendo necessário fechar as instituições para evitar a propagação do vírus, sendo impossível a pesquisa no Arquivo Público e no AEM, fazendo assim com que algumas notas não pudessem ser esclarecidas na pesquisa.

Quanto a isso faz-se necessário retornarmos ao que foi dito anteriormente, sobre a necessidade de os arquivos físicos caminharem junto com os arquivos digitais. Se isso tivesse sido possível, esses arquivos estariam digitalizados e processados em uma base de dados para acesso remoto de qualquer lugar.

A pesquisadora tentou contato através de *e-mails* e telefonemas, mas a mesma foi informada que não seria possível o acesso ao local. Portanto, o acesso ao Arquivo Público, onde está a coleção do Jornal **Diário Mercantil**, jornal este que Cosette teve forte participação não foi possível realizar a pesquisa. Algumas informações foram acessadas no *site* da Biblioteca Nacional, num banco de dados chamado Hemeroteca Digital, que mesmo sendo muito lenta a sua navegação e não localizando todos os termos de busca, ainda foi de grande valia para as pesquisas, assim como o **Suplemento Literário de Minas Gerais**, jornal em que Laís Corrêa escrevia, que encontra-se no *site* da UFMG mais especificamente na Faculdade e Letras, que tem permitido o acesso a coleção de todos os exemplares disponíveis do jornal desde o seu primeiro número em 1966. A plataforma funciona de maneira mais leve, sendo um pouco mais fácil a localização das pesquisas.

Confirmou-se a importância de se preservar manuscritos de quaisquer naturezas genéticas: rascunhos, esboços de obras literárias, correspondências, bilhetes entre outros e qualquer documento que venha a contribuir para o estudo da gênese de uma obra e da identidade dos escritores.

É importante salientar que essa pesquisa só foi realizada porque as escritoras em algum momento da vida quiseram fazer seus arquivos pessoais, e quiseram que os mesmos se tornassem públicos.

A pesquisa realizada nesta investigação levou em consideração as teorias da Crítica genética e o estudo epistolográfico, já que ambos permitiram a o acesso e a revelação de fatos, pensamentos, pareceres emitidos e opiniões de

correspondentes que só puderam ser compreendidos por meio da leitura e estudo das cartas.

As descobertas realizadas nesta pesquisa indicam à comunidade acadêmica a valorização das publicações das autoras, suas contribuições como mulheres e membros ativamente atuantes na vida cultural de Belo Horizonte e Juiz de Fora contribuindo assim para a divulgação de suas obras e fortalecimento de sua Fortuna Crítica.

Acredita-se que esse trabalho de dissertação permita a abertura de novos caminhos para outros pesquisadores, cujo campo de investigação sobre o fazer literário é amplo. Diante disso, compreende-se a importância das cartas como veículo de comunicação e transmissão, sendo relevante como fonte de pesquisa para o resgate da memória cultural e, portanto, criação de uma identidade.

REFERÊNCIAS

30 ANOS: estação liberdade. Xavier de Maistre. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.estacaoliberalidade.com.br/livraria/maistre-xavier-de>. Acesso em: 08 set. 2020.

ABRAHÃO, Tiago Henrique de Camargo. Os caminhos da liberdade na literatura de Jean-Paul Sartre. **Revista do Sell**. Uberaba: v. 5, n. 4, p. 1 - 16, 2016.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Augusto Meyer. Rio de Janeiro, [19--?a]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/augusto-meyer/biografia>. Acesso em: 25 ago. 2020.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Josué Montello. Rio de Janeiro, [19--?b]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/josue-montello/biografia>. Acesso em: 16 out. 2020.

ACADEMIA MINEIRA DE MEDICINA. Waldemar Versiani dos Anjos. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <http://www.acadmedmg.org.br/ocupante/waldemar-versiani-dos-anjos/>. Acesso em: 14 set. 2020.

AFFONSO, Maria Elizabete Fernandes. **Vida e literatura**: Laís Corrêa escreve a Cosette de Alencar. Orientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes. 2017. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

ALENCAR, C. de. Fuga. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, p.1, 22 maio 1955. Suplemento Dominical.

ALENCAR, Cosette de. Cuscuz. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora. 11 abr. 1964, p. 2. Canto de Página.

ALENCAR, Cosette de. **[Correspondência]**. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Belo Horizonte, 5 jan. 1970. 2f. 1 carta.

ALENCAR, C. de. **[Correspondência]**. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Belo Horizonte, 31 jan. 1970. 1f. 1 carta.

ALENCAR, C. de. **[Correspondência]**. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Belo Horizonte, 2 abr. 1970. 2f. 1 carta.

ALENCAR, C. de. **[Correspondência]**. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Belo Horizonte, 15 abr. 1970. 1f. 1 carta.

ALENCAR, C. de. **[Correspondência]**. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Belo Horizonte, 24 abr. 1970. 3f. 1 carta.

ALENCAR, C. de. **[Correspondência]**. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Belo Horizonte, 15 jun. 1970. 3f. 1 carta.

ALENCAR, C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Belo Horizonte, 23 jul. 1970. 3f. 1 carta.

ALENCAR, C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Belo Horizonte, 23 ago. 1970. 1f. 1 bilhete.

ALENCAR, C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Belo Horizonte, 19 set. 1970. 2f. 1 carta.

ALENCAR, C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Belo Horizonte, 9 out. 1970. 3f. 1 carta.

ALENCAR, C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Belo Horizonte, 9 nov. 1970. 3f. 1 carta.

ALENCAR, C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Belo Horizonte, 19 dez. 1970. 2f. 1 carta.

ALENCAR, Cosette de. **Giroflê, giroflá**. Belo Horizonte: Imprensa Publicações, 1971.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. Opiniões sobre “GIROFLÊ, GIROFLÁ”. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, 29 nov. 1971, p. 3.

ALENCAR, Cosette de. Três escritores que não podem ser esquecidos. **Diário de Letras**, Rio de Janeiro, p. 1, 1969. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=111325&pagfis=3293>. Acesso em: 09 set. 2020.

ALGO sobre. André Gibe. [S. l.], 2018. Disponível em: <https://www.algosobre.com.br/biografias/andre-gide.html>. Acesso em: 20 ago. 2020.

ALVARENGA, Vanilda Cardoso de. **O poeta e o crítico**: Murilo Mendes escreve a Antonio Candido. Orientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes. 2015. 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

ARAÚJO, Cássia Aparecida Braz. **Do intertexto ao diálogo interdisciplinar entre cidade do sonho e da melancolia, de Gilberto de Alencar, Boca de chafariz, de Rui Mourão e a história de Ouro Preto**. Orientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes. 2013. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. **Cantochão**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1965.

ARAÚJO, L. C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Belo Horizonte, 16 set. 1967. 4f. 1 carta.

ARAÚJO, L. C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Belo Horizonte, 15 fev. 1969. 4f. 1 carta

ARAÚJO, L. C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Juiz de Fora, 13 jan. 1970. 3f. 1 carta.

ARAÚJO, L. C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Juiz de Fora, 16 mar. 1970. 4f. 1 carta.

ARAÚJO, L. C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Juiz de Fora, 10 abr. 1970. 4f. 1 carta.

ARAÚJO, L. C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Juiz de Fora, 11 maio 1970. 2f. 1 carta.

ARAÚJO, L. C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Juiz de Fora, 22 jun. 1970. 2f. 1 bilhete.

ARAÚJO, L. C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Juiz de Fora, 8 ago. 1970. 1f. 1 bilhete.

ARAÚJO, L. C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Juiz de Fora, 27 ago. 1970. 3f. 1 carta.

ARAÚJO, L. C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Juiz de Fora, 20 set. 1970. 2f. 1 carta.

ARAÚJO, L. C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Juiz de Fora, 21 out. 1970. 4f. 1 carta.

ARAÚJO, L. C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Juiz de Fora, 16 nov. 1970. 4f. 1 carta.

ARAÚJO, L. C. de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Juiz de Fora, 24 dez. 1970. 2f. 1 carta.

ARAÚJO, Wagner Corrêa de. Wagner Corrêa de Araújo. Disponível em: <http://portaldojl.com.br/author/wagner>. Acesso em 5 jan. 2020.

ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC, v.11, n. 21, p. 9 - 34, 1988.

ASSEF, Claudia. Malraux. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 jan. 2001. Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3001200124.htm>. Acesso em: 17 ago. 2020.

BARBOSA, Beatriz Pires de Moraes. **A utilização dos arquivos pessoais como fonte de pesquisa**: uma edição anotada da correspondência de Enrique de Resende para Cosette de Alencar. Orientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes.

2012. 95 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

BIBLIOTECA Pública do Paraná. **Luiz Vilela**. Paraná, [19--?]. Disponível em: <http://www.bpp.pr.gov.br/Pagina/Luiz-Vilela>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

BILHARINHO, Guido. **Dimensão zero - O novo romance**. Campo Grande, MS, 2013. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/artigos/dimensao-zero-o-novo-romance> Acesso em: 13 set. 2020.

BONVICINO, Régis. Ecos na trilha das palavras. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 5 nov. 1995. Mais. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/11/05/mais!/21.html>. Acesso em: 9 maio 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo de manejo clínico do Coronavírus (COVID-19) na Atenção Primária à saúde**. Brasília, DF: SAPS, 2020.

BRITO, Ingrid Zaccarelli. **“Cadernos íntimos” diários publicados**: um estudo das práticas da escrita de diários, no âmbito das práticas sociais disseminadas. Orientadora: Maria Rosa R. Martins de Camargo. 2011. 89 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/90123/brito_iz_me_rcla.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 13 set. 2020.

BRITTO, Augusto César Luiz; MOKARZEL, Marisa de Oliveira; CORRADI, Analaura. O arquivo enquanto lugar de memória e sua relação com a identidade. **ÁGORA** arquivologia em debate, Florianópolis, v. 27, n. 54, p. 158 - 181, jan./jul., 2017. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/640/pdf>. Acesso em: 14 out. 2020.

BUTLER, Judith. **A quem pertence Kafka?**. [S.l.: s.n.], 2014. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/10/05/a-quem-pertence-kafka-judith-butler/>. Acesso em: 20 maio 2020.

CABRAL, Andréa Lúcia de Lima. **Os olhos de Marina sou eu**: uma abordagem do romance Giroflê, giroflá de Cosette de Alencar. Orientadora: Juliana Gervason Defilippo. 2015. 85 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

CALIXTO, Ana Paula Guilhermino Barreto. **Enrique de Resende e Cosette de Alencar**: dois escritores mineiros nas malhas da correspondência – 1965. Orientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes. 2014. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

CAMARGO, Frederico Antonio Camillo. Guimarães Rosa e o II Prêmio Walmap. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 11, n. 1, p. 32-49, 2019. Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/563/503>. Acesso em: 20 abr. 2020.

CAMINHOS de João Brandão. Grupo Companhia das Letras. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=13889>. Acesso em: 25 ago. 2020.

CARVALHO, Maria Regina de Souza. **A correspondência de Enrique de Resende e Cosette de Alencar no ano de 1964**: eu, ela e os outros. Orientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes. 2013. 155 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

CASTRO, Aloisio Arnaldo Nunes de. A preservação documental no Brasil: notas para uma reflexão histórica. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 31 - 46, jul./dez., 2010.

CENTENÁRIO do nascimento do poeta Edison Moreira será celebrado na academia mineira de letras: palestra lembrará a vida e obra do escritor mineiro, no dia 31 de maio. Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://www.bheventos.com.br/noticia/05-28-2019-centenario-do-nascimento-do-poeta-edison-moreira-sera-celebrado-na-academia-mineira-de-letras>. Acesso em: 21 ago. 2020.

COELHO, Haydée Ribeiro. Roda Gigante um texto paradigmático. **Suplemento Literário**: Secretaria do Estado de Cultura de Minas Gerais, Belo Horizonte, p. 1 - 19, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras**. São Paulo: Escrituras, 2002.

CONSTERNAÇÃO em Minas com a morte secretário interior, prof. Casassanta. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano LXII, n. 21.469, 1º caderno, p. 2, 31 mar.1963.

COOK, T. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 129 - 149, 1998.

CORONAVÍRUS linha do tempo no Brasil. Salvador, 2020. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 29 set. 2020.

DIANA, Daniela. **Vida e obra de Rachel de Queiroz**. [S.l.: s.n.]. Disponível em: [https://www.todamateria.com.br/vida-e-obra-de-rachel-de-queiroz/#:~:text=Rachel%20de%20Queiroz%20\(1910%2D2003,Brasileira%20de%20Letras%2C%20em%201977](https://www.todamateria.com.br/vida-e-obra-de-rachel-de-queiroz/#:~:text=Rachel%20de%20Queiroz%20(1910%2D2003,Brasileira%20de%20Letras%2C%20em%201977). Acesso em: 11 jun. 2020.

DIAZ, José-Luis. Qual genética para as correspondências? **Manuscrita**: revista de crítica genética, São Paulo, n. 15, p. 119 - 162, 2007.

DUARTE, José Afrânio Moreira. Terra no Sangue. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 5, n. 221, p. 7, nov. 1970. Suplemento Literário. Disponível em:

<http://www.letras.ufmg.br/websuplit/exbGer/exbSup.asp?Cod=05022111197007>
Acesso em: 11 set. 2020.

E-DICIONÁRIO de termos literários de Carlos Ceia. [S. l.], 2018. Disponível em:
<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/spleen/>. Acesso em: 16 set. 2020.

EDITORA Danúbio. **João Camilo de Oliveira Torres**. Curitiba, 2013. Disponível em:
<https://www.editoradanubio.com.br/joao-camilo-de-oliveira-torres/#:~:text=Jo%C3%A3o%20Camilo%20de%20Oliveira%20Torres%20nasceu%20em%20Itabira%20do%20Mato,moral%20e%20hist%C3%B3ria%20do%20Brasil.>
Acesso em: 26 set. 2020.

ENCICLOPÉDIA dos quadrinhos. [S. l.], 2012. Disponível em:
<https://imperiocomics.blogs.sapo.pt/2300.html>. Acesso em: 03 set. 2020.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2985/lais-correade-araujo>. Acesso em: 21 jun. 2019.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa11837/marcio-sampaio>. Acesso em: 29 jun. 2020.

EVENTO festeja sem brilho a sua 15ª edição. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 abr. 1998. Mais. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs26049833.htm>. Acesso em: 30 set. 2020.

FANGUEIRO, Maria do Sameiro. **Henriqueta Lisboa**. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicosliteratura/henriqueta-lisboa>. Acesso em 15 set. 2020.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. **Dicionário de mulheres**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.

FORTUNA crítica de Afonso Ávila: introdução de Melânia Silva de Aguiar. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura / Arquivo Público Mineiro, 2006.

FRAZÃO, Dilva. **E biografia**: Albert Camus, escritor argelino. [S. l.], 2020a. Disponível em: https://www.ebiografia.com/albert_camus/. Acesso em: 17 ago. 2020.

FRAZÃO, Dilva. **E biografia**: Victor Hugo poeta e escritor francês. [S. l.], 2020b. Disponível em: https://www.ebiografia.com/victor_hugo/. Acesso em: 29 ago. 2020.

GALVÃO, Ramiz. **Vocabulário etimológico e prosódico das palavras portuguesas**. Rio de Janeiro: FGV, 1909.

GALVÃO, Walnice Nogueira. À margem da carta. **Teresa**: revista de literatura brasileira, São Paulo, v.8, n. 9, p. 14 - 29, 2008.

GERALDO, Wátuse Mirian de Jesus. **A reestruturação urbana pós-fordista de Juiz de Fora**. Orientador: Jorge Luiz Barbosa. 2014, 269 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2014.

GONTIJO, Carlos Lúcio. **O poeta Bueno de Rivera**: (Discurso de posse na Academia de Letras do Brasil-Mariana. 27/02/2010). [S. l.], 2012. Disponível em: <https://carlosluciogontijo.jor.br/home/index.php/minhas-obras/artigos-jornalisticos/98-o-poeta-bueno-de-rivera>. Acesso em: 03 de set. 2020.

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Israel Pinheiro da Silva**. Belo Horizonte, [20--?]. Disponível em: <https://www.mg.gov.br/governador/israel-pinheiro-da-silva>. Acesso em: 31 ago. 2020.

HOMEM é o lobo do homem, O... **Gazeta do bairro**. Curitiba, 2016. Disponível em: <http://gazedobairro.com.br/o-homem-e-o-lobo-do-homem/#:~:text=Esta%20%C3%A9%20uma%20frase%20do,maior%20inimigo%20do%20pr%C3%B3prio%20homem.&text=Em%20latim%2C%20esta%20frase%20%C3%A9%20traduzida%20como%20homo%20homini%20lupus>. Acesso em: 17 ago. 2020.

IMPRENSA Oficial 120 anos, [S.l.], [19--?] Disponível em: <http://www.iof.mg.gov.br/hotsite-120/release.html>. Acesso em: 27 jun. 2020.

JORNAL do escritor. Órgão nacional de cultura. Rio de Janeiro, 1969. Disponível em: <https://www.ihgb.org.br/pesquisa/hemeroteca/periodicos/item/101816-jornal-do-escritor-org%C3%A3o-nacional-de-cultura.html>. Acesso em: 09 set. 2020.

JUNQUEIRA, Vanessa Aparecida Teixeira Proença. **Capela da ordem Terceira de São Francisco de Assis de Ouro Preto**: um guia comentado. Orientador: Marcos Tognon. 2006, 239 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/278950/1/Proenca-Junqueira_VanessaAparecidaTeixeira_M.pdf. Acesso em: 14 set. 2020.

KAPPEL, Marília Neto. **Literatos, jornalistas e inspetores de ensino**: perspectivas modernizadoras para a cidade de Juiz de Fora (1896-1970). Orientadora: Libania Nacif Xavier. 2019, 197 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://ppge.educacao.ufrj.br/teses2019/tMarilia%20Neto%20Kappel.pdf>. Acesso em: 04 set. 2020.

KOOGAN, Abrahão; HOUAISS, Antonio. **KOOGAN/HOUAIS**: enciclopédia e dicionário ilustrado. Rio de Janeiro: Seifer, 1999.

LIVRARIA traça 1986. Porto alegre, 1999. Disponível em: <https://www.traca.com.br/livro/1242126/diario-completo/>. Acesso em: 31 ago. 2020.

LIRISMO essencial, O. No centenário de nascimento da escritora Cecília Meireles, estudiosos de sua obra mostram que a poeta e cronista não era alienada da

realidade. [S. l.], [20--?]. Disponível em:
<https://www.unesp.br/aci/jornal/162/literatura12.htm>. Acesso em: 26 set. 2020.

MACIEL, Leila Rose Márie Batista da Silveira. **Ficção, história e imaginário em tal dia é o batizado (o romance de Tiradentes), de Gilberto de Alencar**: Orientadora: Melânia Silva de Aguiar. 2013, 201 f. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica De Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em:
http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20170626130404.pdf. Acesso em: 30 set. 2020.

MACIEL, Maria Esther (org.). **Laís Corrêa de Araújo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002.

MAROCA, Viviane Monteiro. O fazer crítico e ficcional dos contistas do Suplemento Literário do Minas Gerais. In: **SIMPÓSIO NACIONAL E INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA**, 1, 2009, Uberlândia. Anais do SILEL. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2009. p. [1-7]. Disponível em:
http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lt13_artigo_7.pdf. Acesso em: 10 set. 2020.

MARQUES, Reinaldo. Arquivos literários, entre o público e o privado. In: **Arquivos literários, teorias, histórias, desafios**. Belo Horizonte: UFMG, 2015, p. 29 - 86.

MEDEIROS, Elen de, RODRIGUES, Leandro Garcia, (org.). **Acervo de escritores mineiros: memórias e histórias**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2019.

MENDES, Moema Rodrigues Brandão. **Arqueologia da criação na construção do romance Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho, de Gilberto de Alencar**. Orientadora: Marlene Gomes Mendes. 2010, 253 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2010.

MENDES, Moema Rodrigues Brandão. Memória cultural do Museu de Arte Murilo Mendes: acervos sobre papel. Um caso de correspondência. **Manuscrita**: revista de crítica genética, São Paulo, n. 35, p. 102 - 117, 2018.

MICHAELIS. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. [S. l.], 2020. Disponível em:
<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=w1Y8#:~:text=Dar%20em%20%C3%A1gua%20de%20barrela,ou%20dar%20em%20nada%3B%20malogar>. Acesso em: 04 set. 2020.

MOL, Isabela Baião. **Cosette de Alencar – a cronista de seu tempo**. Orientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes. 2015. 162 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

MONTELLLO, Josué. **A indesejada aposentadoria**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

MORAES, Marcos Antonio (org.). A coleção correspondência de Mario de Andrade. In. MORAES, Marcos Antonio. **Correspondência Mario de Andrade & Manuel Bandeira**. 2. ed. São Paulo: Ed. da Universidade, 2001. p. 9 - 44.

MORAES, Marcos Antonio de. Edição da correspondência reunida de Mário de Andrade: histórico e alguns pressupostos. **Patrimônio e memória**. UNESP-FCLAs-CEDAP. v. 4, n. 2, jun. 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Gerenciador/Downloads/114-735-1-PB.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2020.

MORAES, Marcos Antonio de. Orgulho de jamais aconselhar (A epistolografia de Mário de Andrade e seu projeto pedagógico). **Palimpsesto**. Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. v. 2, n. 2, p. 156-158, 2002. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/35515/25109>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MOURA, Francisco Miguel de. José Afrânio Moreira Duarte: biografia. **Revista Cirandinha: revista literária on-line**. 2008. Disponível em: <http://cirandinhapiaui.blogspot.com/2008/12/jos-afnrio-moreira-duarte.html>. Acesso em: 15 set. 2020.

MOTA E SILVA, Gutemberg. Emílio Moura sem a vida sonhada, o poeta contou à nova geração as histórias do modernismo mineiro. **MagisCultura Mineira. Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros**. Juiz de Fora, n. 19, p. 8 - 13, abr. 2018. Disponível em: file:///C:/Users/Gerenciador/Downloads/Revista_Amagis_19_FINAL.pdf. Acesso em: 31 ago. 2020.

MUSSA, Alberto. Um nome para matar. **Rascunho**, Curitiba, PR, 2016. Disponível em: <http://rascunho.com.br/um-nome-para-matar/>. Acesso em: 29 abr. 2020.

NOLASCO, Bárbara. **Mário Matos e Gilberto de Alencar**: memórias literárias e as missivas. Orientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes. 2017. 163 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

NOGUEIRA, Nícea. A crônica de Clarice Lispector em diálogo com sua obra literária. **Verbo de Minas**: Letras, Juiz de Fora, v. 6, n. 11/12, p. 87 - 99, 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/Gerenciador/Downloads/738-1878-1-SM.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

NUNES FILHO, Milton. Dalton Jérson Trevisan. **Recanto das letras**, 2006. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/biografias/235493>. Acesso em: 11 jun. 2020.

OLIVEIRA, Elza Reis de Oliveira. **Ficção e memória em diário e Ana, de Cosette de Alencar**. Orientadora: Nícea Helena de Almeida Nogueira. 2006. 75 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

OLIVEIRA, Odair de. Opiniões sobre Giroflê, Giroflá. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, p. 3, 29 de novembro de 1971.

PAES, Marilena Leite. Introdução ao estudo dos arquivos. *In*: PAES, Marilena Leite. **Arquivos: teoria e prática**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 19 - 33.

PAGÈS, Alain. A materialidade epistolar. O que nos dizem os manuscritos autógrafos. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil**, n. 67, p. 106 - 123, ago. 2017.

PEREIRA, Maria do Rosário Alves. Diversidade na literatura mineira: a escrita de Bárbara de Araújo. *In*: DUARTE, Constância Lima (org.). **Escritoras mineiras: poesia, ficção, memória**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2010.

PINTO, Fabiana Aparecida de Almeida Souza. **“Homem, poeta, cérebro, coração”**: Lindolfo Gomes e o pensamento intelectual e preservacionista em Juiz de Fora. Orientador: Marcos Olender. 187 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Juiz de Fora, Departamento de História, Juiz de Fora, 2018. Disponível em: <https://www.ufjf.br/ppghistoria/files/2019/12/tese-vers%c3%a3o-final-1.pdf>. Acesso em: 04 set. 2020.

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. **Fundação Museu Mariano Procópio – MAPRO**. Juiz de Fora, 2001. Disponível em: https://www.pjf.mg.gov.br/administracao_indireta/mapro/. Acesso em: 18 maio 2020.

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. **Prefeitos de Juiz de Fora (1931-2013)**. Juiz de Fora, 2020. A cidade. Disponível em: <https://pjf.mg.gov.br/cidade/prefeitos.php>. Acesso em: 14 set. 2020.

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. **Prefeitura revitaliza iluminação do Calçadão da Rua Halfeld**. Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <https://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=47947>. Acesso em: 11 jun. 2020.

RAMOS, Raphaela. Tempo de ir à luta. Juiz de Fora. **Tribuna de Minas**, 25 mar. 2012. Disponível em: www.tribunademinas.com.br/cultura/tempo-de-ir-a-luta. Acesso em: 25 abr. 2020.

REIS, Cláudia Barbosa. **A literatura no museu**. Orientador: Gilberto Mendonça Teles. 213 f. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/7371105-Claudia-barbosa-reis-a-literatura-no-museu-tese-de-doutorado-tese-apresentada-ao-programa-de-posgraduacao>. Acesso em: 04 nov. 2020.

REIS, Cláudia Barbosa. Museus de literatura: construindo circuitos. **Verbo Divino**, Juiz de Fora, v. 18, n. 31, p. 78 - 88, jan./jul., 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/Gerenciador/Downloads/1174-2928-1-PB.pdf>. Acesso em: 14 out. 2020.

REIS, Niva de Andrade. **Estações de minha vida**. Rio de Janeiro: JS Comunicação, 2002.

REIS, Maria de Lourdes Costa Dias. **Ayres da Mata Machado Filho**. Belo Horizonte. [S. l.]. Disponível em:

<https://ihgmg.org.br/sme/conteudoinstitucional/menuesquerdo/SandBoxItemMenuPaginaConteudo.ew?idPaginaltemMenuConteudo=7612>. Acesso em: 14 set. 2020.

ROCHA, Elizabeth Lucchesi. **O poeta engenheiro e a escriba provinciana: Enrique de Resende escreve a Cosette de Alencar em 1966**. Orientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes. 2013. 161 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

RODRIGUES, José Luiz Machado. **Dicionário de autores leopoldinenses: com livros publicados, que nasceram ou viveram no município de Leopoldina**. Minas Gerais: Ed. dos autores, 2008. Disponível em: <http://bibliotecaivanvasconcelos.blogspot.com/p/historico.html>. Acesso em 10 jun. 2020.

ROSA, Rita de Cássia Vianna. **A General das letras: a literata Cosette de Alencar e a sua cidade Juiz de Fora: 1918 a 1973**. Orientadora: Rachel Soihet. 2013. 419 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Rio de Janeiro, 2013.

SANTOS, Matildes Demétrio dos. **Ao sol carta é farol: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas**. São Paulo: Annablume, 1998.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Políticas da memória na criação dos museus brasileiros. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 19, n. 19, p. 115 - 137, 2002. Disponível em: [file:///C:/Users/Gerenciador/Downloads/369-Texto%20do%20artigo-1234-1-10-20090616%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Gerenciador/Downloads/369-Texto%20do%20artigo-1234-1-10-20090616%20(1).pdf). Acesso em: 11 out. 2020.

SECRETARIA DO ESTADO DE CULTURA DE MINAS GERAIS. Suplemento Literário: coleção Mineiriana. **Suplemento literário**. Belo Horizonte, Dez. 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecapublica.mg.gov.br/index.php/pt-br/suplemento-literario/edicoes-suplemento-literarios/2009-1/3--3/file>. Acesso em: 03 ago. 2020.

SECRETARIA DO ESTADO DE CULTURA DE MINAS GERAIS. **Suplemento literário**. Belo Horizonte, Out. 2017, Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.cultura.mg.gov.br/a-secretaria/consulta-publica-2/suplemento-literario>. Acesso em: 11 jun. 2020.

SILVA, José Tadeu Júlio da. **José Eutrópio: com todas as letras**. Orientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes. 2018. 197 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

SILVA, Sérgio Conde de Albite. A preservação da informação: um cenário em arquivos e bibliotecas. **Verbo de Minas**, Juiz de Fora, v. 11, n. 19, p. 241 - 253, Jan./Jul. 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/Gerenciador/Downloads/360-1033-1-SM.pdf>. Acesso em: 08 out. 2020.

SILVA, Wagner Lopes da. **Por que a Laís está aqui?** A intelectual em cena pública. Orientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes. 2020. 187 f. Dissertação (Mestrado). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020.

TAVARES, Mariana Rodrigues. Editando a nação e escrevendo sua história: o Instituto Nacional do Livro e as disputas editoriais entre 1937-1991. **Revista Aedos**, Rio Grande do Sul, v. 6, n. 15, p. 164, Jul./Dez. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Gerenciador/Downloads/45083-213927-1-PB.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2020.

TELLES, Lygia Fagundes. *In*: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6011/lygia-fagundes-telles>. Acesso em: 11 de Jun. 2020.

TOLEDO, Leonardo. Eterno fascínio barroco. **Jornal Tribunas de Minas**, Juiz de Fora, 07 jul. 2011. Cultura. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/07-07-2011/eterno-fascinio-barroco.html>. Acesso em: 04 set. 2020.

TOLEDO, Marcella Valadares de, THOMÉ, Cláudia de Albuquerque. Reflexos da ditadura nas crônicas de Cosette de Alencar. *In*: **40 CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS da comunicação**. Curitiba, PR, 2017. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1616-1.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Faculdade de Letras. **Morre a poeta Laís Corrêa de Araújo**. Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/004867.shtml>. Acesso em: 25 abr. 2020.

VASCONCELLOS, Eliane; SANTOS, Marcelo. Pois de tudo fica um pouco: a literatura revisitada nos arquivos pessoais. *In*: OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de, et al. (org.). **Arquivos pessoais e cultura uma abordagem interdisciplinar**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015, p. 213 - 220.

VENÂNCIO, Renato. Inconfidência poética uma das maneiras de se conhecer um movimento rebelde e ler o que os poetas escreveram sobre ele. Poesias e crônicas sobre a Inconfidência Mineira online. [S. l.], 2016. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/impressoesrebeldes/?temas=inconfidencia-poetica#:~:text=H%C3%A9lio%20Gravat%C3%A1%20foi%20um%20dos,um%20dos%20maiores%20bibli%C3%B3filos%20brasileiro.&text=Atualmente%2C%20o%20Sistema%20Integrado%20de,o%20estudo%20da%20hist%C3%B3ria%20mineira%E2%80%9D>. Acesso em: 14 set. 2020.

VIEIRA, Felipe de Paula Góis. Cem anos de solidão: uma metáfora da condição latino-americana. **Jornal da UNICAMP**, Campinas, SP, 2017. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2017/05/15/cem-anos-de-solidao-uma-metafora-da-condicao-latino-americana>. Acesso em: 30 abr. 2020.

WERNECK, Humberto. Meio século de literatura mineira nos periódicos, 1920-1970. **Suplemento Literário**, Belo Horizonte, Dez. 2009, p. 33 - 37. Disponível em: <http://www.cultura.mg.gov.br/files/2009-dezembro-especial.pdf>. Acesso em: 22 out. 2019.

ANEXO A – RECIBO DO VALOR PAGO A COSETTE DE ALENCAR, REFERENTE
AO PRÊMIO DR. "DR. ANTÔNIO PROCÓPIO DE ANDRADE TEIXEIRA".

R E C I B O

Cr\$2.000,00

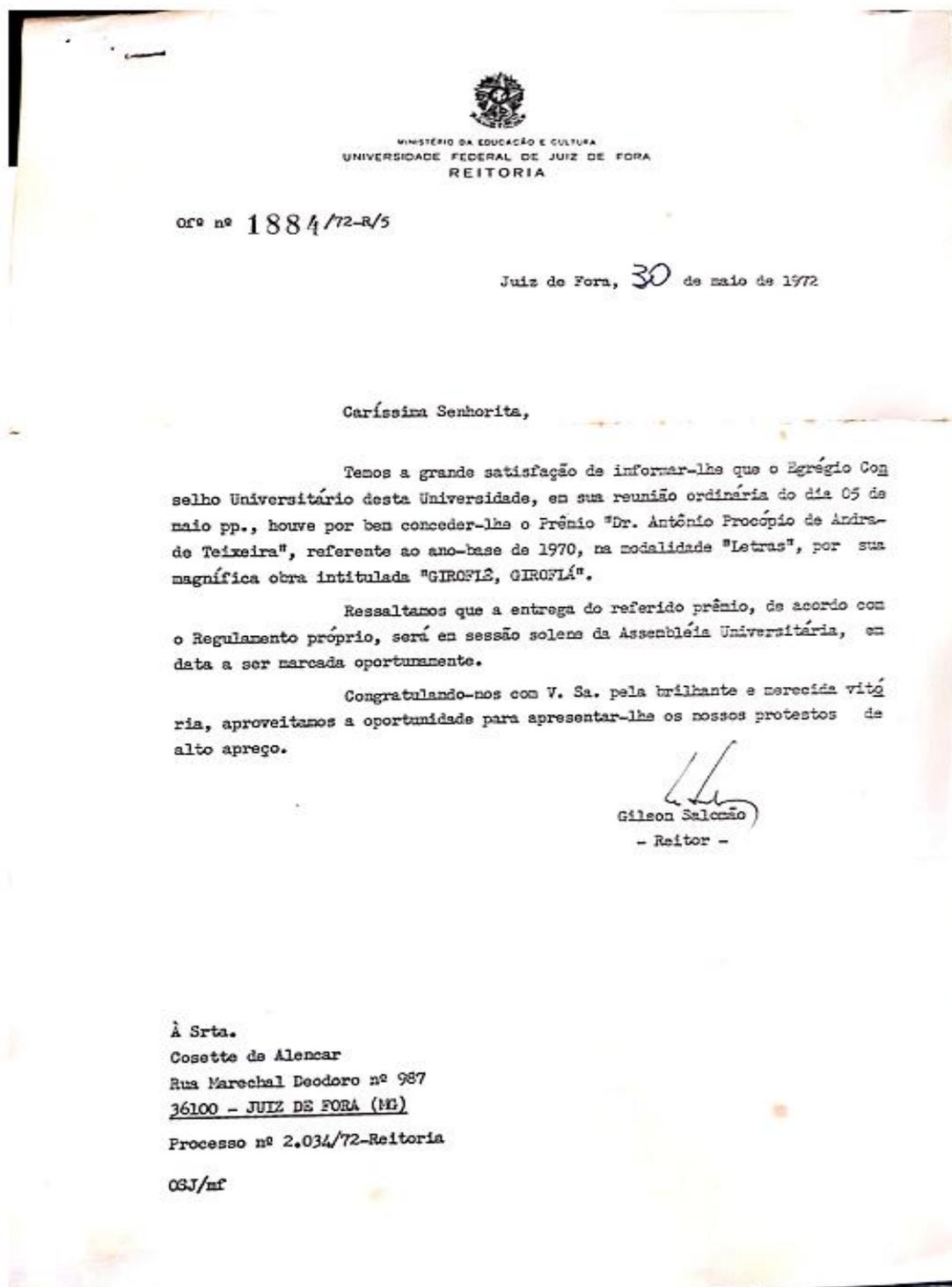
COSETTE DE ALENCAR, declara haver recebido da Tesouraria da Universidade Federal de Juiz de Fora a importância supra de Cr\$2.000,00 (DOIS MIL CRUZEIROS), referente à concessão do "PRÊMIO DOUTOR ANTÔNIO PROCÓPIO DE ANDRADE TEIXEIRA" - 1970 - Categoria "LETRAS", atribuído nos termos da Resolução nº 13/72, de 05 de maio de 1972, do Egrégio Conselho Universitário,- tudo de conformidade com o despacho do Magnífico Reitor, a fls. 14 verso do Processo número 2.034/72-Reitoria.-

Juiz de Fora,

Digitalizado com CamScanner

Fonte: Documento datiloscrito fotografado do fundo da escritora que está sob a guarda do MAMM.

**ANEXO B – DOCUMENTO QUE COSETTE RECEBEU DA UFJF REFERENTE AO
PRÊMIO “DR. ANTÔNIO PROCÓPIO DE ANDRADE TEIXEIRA”.**



Fonte: Documento datiloscrito fotografado do fundo da escritora que está sob a guarda do MAMM.

ANEXO C - CARTA ENVIADA DE EDUARDO FRIEIRO PARA COSETTE DE ALENCAR.

Belo Horizonte, 24 / 12 / 1967.

Cosette de Alencar:

Boas festas de fim de ano e alegrias para o novo, na companhia dos que lhe são caros.

Ao voltar do Barreiro do Araxá, encontrei a carta sua e dois recortes. Fui ao Barreiro do Araxá com a Noêmia, no carro, com o unico intuito de conhecermos a rodovia, recentemente inaugurada, que liga Uberaba a Vitoria. Magnifica rodovia. Tentávamos ficar uns três dias no Barreiro, para descansar, e lá nos deixamos ficar dez dias. Muito agradável a estação de águas. Não há nada mais repousante. Nem Poços de Caldas, nem S. Lourenço, nem Cambuquira, nem Lambari, nem Caxambu são tão sedativas, tão tranquilas. Só há quatro ou cinco casas, além dos três hotéis. E mais a vegetação, colorida, quase toda um jardim. Ar puríssimo. Não se faz nada, nada. Lê-se o "Estado de Minas", ou o "Estado de S. Paulo", joga-se buraco - e cama. Os veranistas tomam banhos de água sulfurosa ou radio ativa e bebem esta água ou principalmente a outra, medonha.

Dizia que recebi sua carta com dois recortes. Muito elogiosas as suas palavras acerca de "Torre de papel". Elogiosas além de todo limite. Obrigado. Muita seda rasgada em homenagem a este encabulado escritor de provincia. Obrigado, Cosette.

Não se impressione com a literatura do pé-de-laranja-lima. Não é nova, mas antiga e inevitável. Escrever bem sempre foi difícil e raro. Sua tarefa de dar notícia de livros novos é das mais enjoadas e trabalhosas. Mas não a deixe, enquanto puder. Tem uma vantagem: torna o cronista conhecido de muita gente. Durante anos, escrevi notas de novidades literarias no "Minas Gerais" e depois na "Fôlha de Minas". Por obrigação, não por gosto. Mas escrevi unicamente sobre livros que me davam assunto, a meu gosto. A maioria dos livrecos recebidos ficavam de lado. Mas mesmo isso acabei deixando.

U Pedro Paulo e assim como me diz. Pagar não é com ele.

Felicidades. Abraços.

Eduardo Friero

Fonte: Documento datiloscrito fotografado do fundo da escritora que está sob a guarda do MAMM.

ANEXO D – CARTA ENVIADA POR MARTINS DE OLIVEIRA PARA COSETTE DE ALENCAR.

Belo Horizonte, 9 de dezembro de 1969


 Academia Mineira de Letras
 Rua Paraíba, 44 - Centro
 Belo Horizonte

Reverendíssimo colega Cosette de Alencar:

Votos de Boa Noite e Feliz Ano Novo!

Devo-lhe palavras, e muitas, de agradecimento pelo generoso artigo com que colheu, *cf. Forquilha de Martins*, meu favor. Considero que o livro não tem por que pratear. Basta se diga os eminentes colegas da Academia, entre os quais um crítico de renome nacional, não lhe devam a menor atenção. Contudo, as suas palavras foram para mim extraordinário conforto e, até, abrangente alegria. Deus lhe pague o júbilo que me trouxe.

Meu compenheiro Edilson Moreira deu-me a ler uma carta sua, muito generosa, a respeito do plano da Academia em celebrar o 60º aniversário de fundação, *cf.* Conforta-me o espírito que manifesta a respeito do plano. A idéia partiu daí, através de cartas de um amigo de Nello Campêdo.

Na última sessão, ficou estabelecido que a Academia se transportará para Juiz de Fora, no dia 17 de janeiro próximo, sábado, e realizará uma sessão solene, ou no Fórum, ou na Prefeitura. Será orador oficial de Casa de Alphonse e acadêmico, deputado Paulo Pinheiro Chagas, que, convidado, já aceitou o encargo.

V., na carta ao Edilson, fala que obtém o apoio do Prefeito.

Digitalizado com CamScanner

será para nós uma grande alegria, em reconhecimento das autoridades de Juiz de Fora, e creio que a festa alcançará o brilho que a Marcha Terrenha sempre teve nos movimentos de cultura.

Recordo-me agora do nome do amigo de Nello Campêdo: professor / Wilson de Lira Bastos. *cf.* porventura, puder ter alguma conversa / com o professor Wilson, será grande fineza.

Claro que desejamos cobertura de Imprensa de Juiz de Fora para a instalação da Academia, em Juiz de Fora, embora efêmera, com a finalidade de comemoração do 60º aniversário.

Desnecessário será dizer que contamos com a sua presença e de todos os quantos se interessam pelas Letras.

Com muitos agradecimentos, aqui fica o

Menor colega, atento admirador, sempre amigo


Martins de Oliveira

M.O.

Desculpe-me o quase apagado das letras, e as linhas apressadas. Estou a brincar com muita coisa de fim de ano, com todos nós, e-
lião.


M.O.

Digitalizado com CamScanner

Fonte: Documento datiloscrito fotografado do fundo da escritora que está sob a guarda do MAMM.

**ANEXO E – TELEX RECEBIDO POR COSETTE DE ALENCAR DO PREFEITO
ITAMAR FRANCO.**

5/10/2010

TELEX - DCT - TELEX - DCT - TELEX

SIRTA BHEX@
 MERCANTIL JFA
 PREFEITURA JFA
 DA PREFEITURA MUNICIPAL AO DIARIO MERCANTIL
 AA
 ESCRITORA COSETTE DE ALENCAR
 JUIZ DE FORA

LI HOJE COM TODO O INTERESSE SUA COLUNA NO DM. DESDE
 JAH ADIANTO-LHE TODO O APOIO DA PREFEITURA AA IDEIA DA ACADEMIA MINEI
 RA DE LETRAS DE TRANSFERIR-SE PARA JUIZ DE FORA DIA 17 DE JA-
 NEIRO PARA AQUI COMEMORAR SEU 60 ANIVERSARIO. ESTOU SUA DISPOSICAO
 PARA CONHECER OS DETALHES DA PROMOCAO E CONHECER QUAL A CONTRI -
 BUICAO QUE PODERAH PRESTAR A MUNICIPALIDADE.

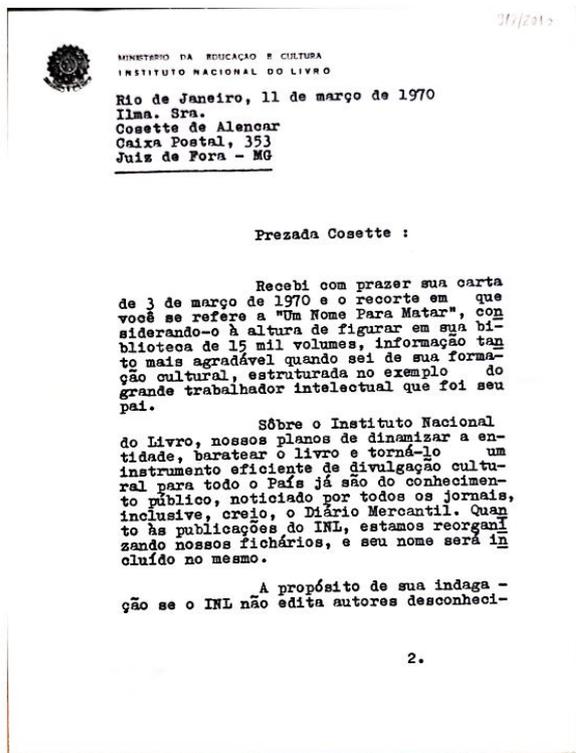
CORDIALMENTE,
 ITAMAR FRANCO
 PREFEITO MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA MG

TRANS POR IVAN BREC?+
 Ⓞ
 PREFEITURA JFA
 MERCANTIL JFA-LBOAVENTURA -20.12.69-10.20HS.
+?
 OK BYBYBYBYV

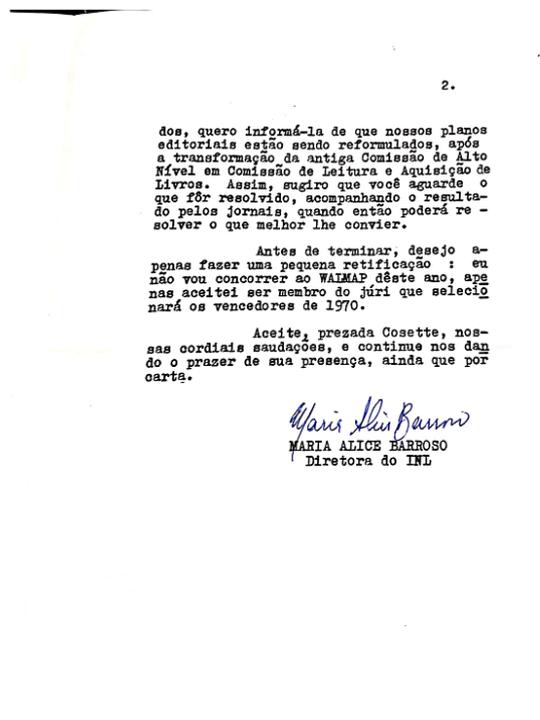
Itamar Franco

Fonte: Documento datiloscrito fotografado do fundo da escritora que está sob a guarda do MAMM.

ANEXO F – CARTA ENVIADA DE MARIA ALICE BARROSO PARA COSETTE DE ALENCAR.



Digitalizado com CamScanner



Digitalizado com CamScanner

Fonte: Documento datiloscrito fotografado do fundo da escritora que está sob a guarda do MAMM.

ANEXO G – CARTA ENVIADA POR ZILÁH PARA COSETTE DE ALENCAR.

B.Horizonte, abril, 14, 1970.

Cosette,

Você é muito generosa, como, aliás, tive oportunidade de ver, pessoalmente, no Rio, com Laís, meninos, etc..

Recebi o artigo que fez sobre o meu livro, enviado por Wagner, que é seu admirador permanente e, você, so que nos conta êle, sua protetora infatigável e amiga. Agradeço-lhe, de coração, sua benevolência para comigo.

Nessa oportunidade, envio-lhe meus cumprimentos por seu sucesso no "Walmop" do ano passado. Como andam suas "demarches" para publicar-se? Que luta, hein? ... Cé estou eu esperando uma resposta de S.Paulo que nunca chega e, se não chega até o fim do mês, lá irei eu, para apanhar os meus originais. Que continuem na gaveta, prefiro. Mendigar não é próprio de mineiro. Dar de graça também, não (referência aos bons Moreiras ...). Que, então, continue eu ignorada, alicerçada no meu orgulho, que, aliás, nada perde a literatura com isto ...

Abracos de

Ziláh
Tupis, 207, at. 703

P. S.
Poderia você enviar-me um recorte do seu artigo? Explico: a moça de que fala abaixo, Gioconda, cujos versos não são muito do meu agrado (estilo, etc.), é uma bela pessoa - bela e bela; fiquei conhecendo-a em S. Paulo e gostaria de que ela visse aquêle. Não ser que queira mandar-lho diretamente - seu endereço é: rua Apeninos, 245, ap. 1501, Paraíso, S.Paulo. O seu nome não foi mal pôsto - é realmente uma figura da Renascença (bela...)

ANEXO H – E-MAIL ENVIADO À FUNCIONÁRIA DO AEM.

17/09/2020

Gmail - Dúvida na pesquisa



Aguida Almeida <aguida.almeidaufjf@gmail.com>

Dúvida na pesquisa

3 mensagens

Aguida Almeida <aguida.almeidaufjf@gmail.com>

16 de setembro de 2020 14:51

Para: adrieli@eci.ufmg.br, Adrieli Sandra <adrieli_sandra@yahoo.com.br>

Prezada Adrieli Sandra, boa tarde!

Estou na fase final da minha pesquisa, e conforme conversei com você por email, devido a pandemia do Coronavírus, ainda não está sendo possível a pesquisa em loco.

Gostaria de saber se você consegue esclarecer um dúvida minha.

Em carta datada do dia 21/10/1970, onde a escritora Laís Araújo envia a Cosette de Alencar uma carta, com os seguintes dizeres:

"Faz parte do futuro **"Museu de História Literária"**, que Affonso pretende organizar e doar talvez para a universidade da biblioteca. Sabendo disso muitos amigos "entre eles, o Emílio Moura" uns têm doado, cartas, rascunhos de livros, retratos, etc, de escritores".

A minha dúvida é saber se esse "Museu de história Literária" existiu e se foi mesmo doada à biblioteca da UFMG ou ao AEM.

Você saberia me informar?

Muito obrigada,

Atenciosamente,

Águida Heloiza
Bibliotecária/Documentalista - CRB6/2191
Universidade Federal de Juiz de Fora - MG

Adrieli Sandra <adrieli_sandra@yahoo.com.br>

16 de setembro de 2020 18:38

Para: Aguida Almeida <aguida.almeidaufjf@gmail.com>

Boa noite, Aguida.

Irei verificar e te dou retorno.

Atenciosamente,

Adrieli Sandra
Bibliotecária - Acervo de Escritores Mineiros

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Aguida Almeida <aguida.almeidaufjf@gmail.com>

16 de setembro de 2020 20:08

Para: Adrieli Sandra <adrieli_sandra@yahoo.com.br>

Boa noite Adrieli.

Muito obrigada,

Atenciosamente,

Águida Heloiza
Bibliotecária/Documentalista - CRB6/2191
Universidade Federal de Juiz de Fora - MG

<https://mail.google.com/mail/u/0?ik=afb27c06b2&view=pt&search=all&permthid=thread-a%3Ar879791656141907590&siml=msg-a%3Ar561283...> 1/2

Fonte: E-mail enviado pela pesquisadora, acervo pessoal da escritora Laís Corrêa de Araújo.

ANEXO I — COMENTÁRIO FEITO POR JOSÉ AFRÂNIO SOBRE O LIVRO TERRA NO SANGUE.

EQUIPE — EQUIPE

CONTOS GOYESCOS

O Puxador de Têrço, de Moreira Campos, com prefácio de Fausto de Queiroz, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1969, 169 pp.

O recenseador de livros, quando depara-se com obra ainda não muito badalada pelos seus colegas de ofício e outros prestativos senhores de áreas vizinhas, tem vontade de sair por aí, bimbalhando as virtudes da sua "descoberta". É o que dá ganas de fazer com *O Puxador de Têrço*, tanto mais que Hélio Polvora, no *Jornal do Brasil* (25/2/70), após reservas ao livro do contista goyescense. Mas vamos por partes. A gente começa por querer brigar com o autor. Que diacho, umas histórias extraordinárias tão curtinhas. Acaba-se rendido: elas estão mesmo é completas e encerram cada uma um pequeno universo, com certas cenas dos desenhos de Goya. "A Caixa de Fósforo Vazia", p. 6, que abre-primeira no gênero do conto-relâmpago. O mesmo se pode achar de "Na Antiga Roma" e "O Último Hóspede ou Eu-rião, o Nôvo". E como o cinema ocupa um papel tão importante no lazer contemporâneo, fica-se a imaginar que episódios fascinantes, estes, para a câmara de um Joaquim Pedro.

Os contos de Moreira Campos são manchas brevíssimas, com vultos hábilmente esfumados, apresentando um certo ar de mistério. Não permanecendo uma pequena história, mas vem por um caso, e sempre fixado de forma a impressionar. De posse do flagrante, o leitor poderá compor a trama. Como na música, Moreira Campos emprega a repetição de motivos, logrando bons efeitos em "Os Três Retratos" que tanto intriga, "As Corças", "Os Pesados Lagartos" e vários outros. Tal recurso confere tonicidade a exteriorizações mais tênues, a ex. d. "O Último Romano". Sua capacidade de condensar é a exerce como um virtuoso, sem fadiga. Quanta coisa se espremidinha n. "A Confissão". Os quadros que formam breves ímpetuosos contos são cruéis e ainda a ironia é vazada nesse molde, daí evocar Goya. O sexo aqui é fútil e vergonoso. É o do feio e sujo da vida, o macabro, a má sina, a solidão irremediável das criaturas o que mais suas letras, saberão descrever os ínfimos em traços tão rápidos e agudos. Seu mundo é o dos humilhados e ofendidos, das almas mortas nas quais o coração lateira em segredos. Não recorre a maneirismos nem exagera o sombreado para criar ilusão de profundidade, dispõe de recursos estilísticos que de um só nos conquistam: "Cavaliros que tentavam romper pela do rosto, as bocas comidas pelas próprias bocas" (p. 144); "Era viltoso o Comendador Chico Neves, que importava de palácio e conversava com os sapatos" (p. 115); "Conversa com o fôro da casa, com a feia de aranha que se aninhava no canto" (p. 141); "Romilda (...), debulhava o têrço, que lhe cai dentro os dedos gretados numa tristeza de gola de vela" (p. 142).

Um curioso da análise psicológica, há de reparar na freqüência com que o autor registra alvuras, branquidões. N. "O Puxador de Têrço" que abre o volume; há nos aparece um Aniceto "branco" (p. 71); "Os Meios" são "mancos e muito alvos" (p. 11); O macho d. "Os Anões" e de cor branca". Na D. Leticia d. "O Hóspede" "o hito recente" contrasta com "a alvura da pele" (p. 21). "Os Três Retratos" mostram uns caras "grandes, alvos e carecas" (p. 27). N. "O Bano" contemplamos "a lua, o silêncio e a branquidão longa do muro" (p. 31). O solitário que recorre minas furtivos da tia em "A Caixa de Fósforo Vazia" e "do moço, tão alvo" (p. 37). O médico-legista de "As Corças" tem "hígado branquinho amarelado pelo fumo" (p. 55). "O Último Romano", quando empina a sua "cachaça regular" fica "vermelho de peçoço e opõe-se ao nome da filha, porque o rapaz é preto" (p. 53). "Os Estranhos Mendigos" têm "os pés muito brancos" (p. 61). O louco de "O Emburque" escreve "pulsos ruivos e pesantíssimos" (p. 91) e tem irmãos "sombriões, graúdos e brancos, de olhos azuis" (p. 93). Frei Genaro, d. "O Entero", mostra um "peçoço comprido e vermelha de gado indiano" (p. 97) e "grande mão de pêlos ruivos" (p. 98). Em "Durma, meu Anjo" não se nomeia quem é branco, mas a empregada é "mulata de olhos corrompidos" (p. 103). Logo... O padrao espia pelo "Buraco da Fechadura" a "alvura fôda, cor de leite" (p. 109) da enteada. D. "As Vilhas", a mais alta tem "os cabelos brancos e os olhos azuis" (p. 113). "A menina, de pernas bem feitas", em "As Meias-Palavras", traz as "faces simpáticas de sardas" (id.). A bruxa da "Antiga Fada", "tôda ela metida no camisolão branco", conserva "o peito branco ainda forte" (p. 125). "O Luar sobre os Túmulos", "em verde de leitoso, fada mais branca a branca dos túmulos" (p. 133). As filhas do Barão, em "A Virgem", "eram muito brancas" (p. 149). N. "O Amigo da Casa" há duas cabeças, "a louca e a preta" (p. 159) e "uns braços muito brancos e descarnados" (id.). Em "A Família" encontramos mais "pêlos ruivos" (p. 163) e no último conto, "O Grande Médico", o prelupe da criada sobressai em meio à branquidão dos outros. Com a palavra os psicólogos, que hoje estão se tornando praça, como diante os bucharás.

Uma ressalva: não se trata de conto de autor — tal branquidão — apenas uma peculiaridade muito sua, algo de veras curioso e que se

presla no crivo dos esmiçadores de estilo, os apizetianos nativos. No tanto, mesmo, um artilheiro para citar bastante *O Puxador de Têrço*, que tem 32 peças de resistência. Qual a melhor ou as melhores? A escolha é que são elas, pois "os verdadeiros contistas — como dizia Mário de Andrade n. "O Empalhador de Passarinho", e é o caso de Moreira Campos — não escrevem contos que se saltem, pela simples razão que os têm frequentemente bons (São Paulo, Martins, 1.ª ed., s. d., p. 9).

Carlos DAVID

TERRA NO SANGUE

Terra no Sangue — Maurício do Valle Aguiar — Livraria Martins Editora S.A. — São Paulo — 1971 — (2.ª edição).

Maurício do Valle Aguiar estreou há algum tempo com o livro que tem o bonito título de "Em Busca do Sol Fugitivo". Volume de impressões de uma viagem em volta do mundo, evidentemente já a presença de um escritor que sabe realmente expressar-se com segurança e facilidade. Sua leitura deixa no leitor a impressão de também haver percorrido longuínquos e fascinantes roteiros, em companhia do autor. Os Continentes tornam-se como que menos desconhecidos e mais próximos.

Após as deliciosas e leves crônicas de viagem, Maurício do Valle Aguiar voltou seu interesse para a realização de obra de maior fôlego. Foi assim que apareceu o romance "Terra no Sangue", já em segunda edição.

Nunca linguagem sempre bela e bem trabalhada, a história consegue prender e até mesmo fascinar. Imprestimo muito bem a técnica de narração utilizada pelo ficcionista, apresentando o entrecio de maneira a focalizar simultaneamente sob dois ângulos, no presente e no passado, planos esses que vão se tornando cada vez menos distantes até a fusão se faz completa, nos capítulos finais.

Profundo conhecedor da vida rural, Maurício do Valle Aguiar retrata-a com fidelidade e perfeição. Assim como presente e passado se alternam em "Terra no Sangue", também uma grande metrópole — ao que tudo indica, São Paulo, embora nunca seja — ilustro nominalmente — vai aparecendo em seqüências parciais às desenroladas no campo.

Oswaldo e Sandra são as figuras centrais em que a trama se baseia, mas, em torno delas, uma longa época vai sendo analisada, desde os tempos do século até 1964. Não só a vida de algumas famílias é focalizada, mas também todo um período da História Brasileira. Muitos tipos surgem, sempre vigorosos. Pode-se concordar ou não com certos conceitos emitidos pelo autor, mas, em qualquer caso, é impossível deixar de reconhecer a presença do ficcionista realmente talentoso e capaz, muito bem dotado para a criação literária, seguro bastante ao apresentar um trabalho na realidade excelente. "Terra no Sangue" é um romance de tal forma belo e bem escrito que tudo nele se afirma real, mítico, pleno de vitalidade. Realmente, não há nada no livro que pareça fruto da imaginação.

Os diálogos dos capítulos passados na fazenda são mesmo esplêndidos, espontâneos. O jeito de falar dos roteiros é muito especialmente apresentado com rara fidelidade, como só se vê nos romances de Mário Palmério e pouco mais. Em "Terra no Sangue", personagens convincentes se sucedem, não apenas descritos em seus aspectos exteriores, mas também estudados com absoluta segurança, nas profundidades de suas vivências interiores.

Nascido e criado em fazenda, Maurício do Valle Aguiar foi burlar seu talento nas cidades e o resultado positivo dessa combinação harmônica pode ser constatado com a leitura agradávelíssima de "Terra no Sangue". Inequívoca revelação de um grande romancista, livro que se lê e relê com entusiasmo sempre crescente.

José Afrânio Moreira DUARTE

DEZ HISTÓRIAS IMORAIS

(Dez Histórias Imorais — Aguinaldo Silva — Contos — Gráfica Record Editora).

Nem tão imorais assim. Sensacionalista ou não, esse livro de Aguinaldo Silva (que espantou a crítica literária nacional ao publicar um romance de péso aos dezessete anos — *Redenção para Job*) é um livro com dez histórias (ou histórias) maravilhosas onde o leitor é arrastado do autor levam quem o lê a estranhos caminhos. Aguinaldo Silva tem fôlego de romancista e seus contos provam isso; histórias compridas com jeito de novela. Novelas com títulos também quilométricos: De como o prostituta Rita Perei-

ra noivou, casou e morreu, numa noite de São João, em plena zona do caos do Recife.

Cada escritor escreve a sua terra. Aguinaldo Silva escreve Recife, um Recife escuro de personagens mausadas, vultos em esbôço, mulheres doentes de vestidos estampados, o mercado, a nobreza, o despertar de Toi Quirino, o círculo de giz, o mar em Westfalia, o lixo e as flores no lixo.

Em *Redenção para Job*, a lucidez política de um rapazinho que escreve para *Epitafio* ou por pura honestidade ideológica. Em *Histórias Imorais*, habua para a política. A Silva é um caso a estudar. *Dez Histórias Imorais* é a cômoda alienação, o desvinculamento de um escritor que tem garra mas que preferir fazer devaneios que não o comprometam muito.

A apresentação física do livro é a pior possível e na multicolorida massa escrita das livrarias passa desaperecido aos compradores. Uma capa de muito mau gosto. A mulher da capa não tem mulher. Aguinaldo Silva não tem culpa da mulher da capa não ter um bigode mas precisa urgentemente mudar de editora.

Duílio GOMES

ORLANDO

Orlando, uma biografia, de Virginia Woolf; Edição Editorial Bruguera, Coleção Livro Amigo, 1976.

Cecília Meireles: "Sucessivamente homem e mulher, Orlando representa a experiência do indivíduo nas diferentes situações em que a natureza o coloca ao mundo; a lucidez da vida obriga a essa superação do sexo. Vemo-lo seguir, exposto à variabilidade das épocas, da idade, da condição do mundo social, a sua própria variabilidade substancial. E quando se diz *Orlando*, poder-se-ia entender simplesmente — criatura humana".

Cecília, que fez a magnífica tradução, já deu o recado. Trata-se de uma obra fundamental da literatura deste século, e é mais importante de Virginia Woolf. Muitos já deixaram de ler *Orlando* por não encontrar nos seus um dos volumes da Editora Globo, editados anos atrás. Isso ocorreu também comigo. Agora, a Editorial Bruguera adquiriu os direitos de tradução de Cecília Meireles, da Globo, e lançou a maravilha no mercado, em edição de bolso, por um preço não menos maravilhoso: seis cruzetões. Um trabalho real e positivo em favor da cultura. Os puristas e os bibliófilos (ou bibliofagos) amantes da percalça e dos grandes volumes que enluta sua pureza. Muito bem paginado, composto em tipos de fácil leitura, o volume de 333 páginas reúne a beleza gráfica à economia de custos, conseguindo atingir um bom equilíbrio.

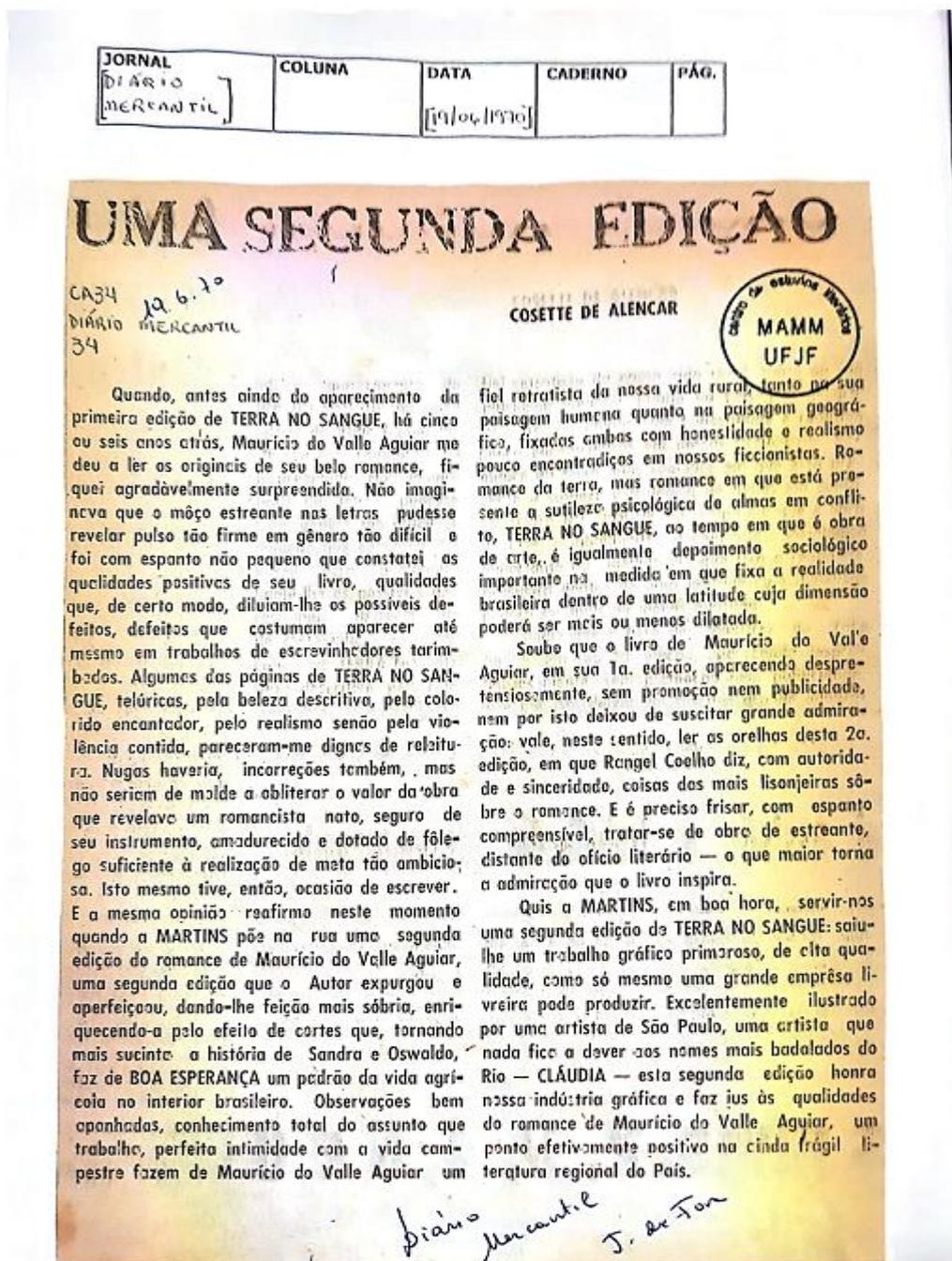
De *Orlando*, alguns trechos, em que esta criatura humana se vê na situação daquele que pretende escrever, sofrendo o mal da literatura:

"Porque a doença de ler, uma vez tomando conta do organismo enfraquecido a ponto de torná-lo fácil presa desse outro flagelo que habita no interior e sopra na pena. O desgraçado dedica-se a escrever. E se isso já é um mal bem grande para um pobre homem que só tem de set uma mesa e um banco, debaixo de uma goleira — pois afinal de contas não tem muito a perder — a condição de um rico que possui casas e gado, criadas, mulas e lençaria, e ainda por cima escreve livros, é extremamente penosa. Fica alheio ao saber de tudo isso: é tentado por ferros em brasa, e devorado por vermes. De ria o último enlavo (tal a malignidade do germe) para escrever um pequeno livro a tornar-se famoso, mas nem o curso todo do Peru pode pagar o tesouro de uma frase bem tornada. De modo que adoece e, consumido, faz voar os miolos, vira a cara para a parede. Não importa a atitude em que o encontrem. Passou pelas portas da morte e conheceu as chamas do Inferno. (...)"

"Depressa percebeu, contudo, que as balanças travadas por Sir Miles e os outros contra guerrilheiros de armadura, para ganhar um reino, não tinham nem a metade da dificuldade desta que ele agora empreendia, para ganhar imortalidade, contra a língua inglesa. Qualquer pessoa regularmente familiarizada com os rigores da composição dispensaria pormenores; como escrevia e pareceu-lhe vil; corrigiu e rasgou; aparou, acrescentou; extinguiu-se; desesperou-se; leve suas noções boas, e suas manias ruins; apreendeu idéias e perdeu-as; viu diante de si o seu Hero nido, e desvaneceu-se; personificou seus heróis, enquanto comia; rejeitou suas falas, a caminhada; ora chorava; ora ria; vacilou entre este e aquele estilo; ora preferia o heróico e pomposo, em seguida, o simples e simples; agora os vales de Temple, depois os campos de Kent ou Cornwall, e não chegou a saber se era o mais divino dos gênios ou o maior louco do mundo".

Sérgio TROSS

ANEXO J – ANÚNCIO PUBLICADO POR COSETTE DE ALENCAR SOBRE A SEGUNDA EDIÇÃO DO LIVRO TERRA NO SANGUE DE MAURÍCIO DO VALLE AGUIAR PELA MARTINS FONTES.



Digitalizado com CamScanner

Fonte: Recorte de jornal com notícia publicada no jornal **Diário Mercantil**, no dia 19/06/1970, que está no fundo da escritora que está sob a guarda do MAMM.

ANEXO L – PARECER NÚMERO 61, ENVIADO PELO ODAIR DE OLIVEIRA
PARA COSETTE DE ALENCAR SOBRE O LIVRO GIROFLÊ, GIROFLÁ.

P A R E C E R N.º 61

"GIROFLÊ, GIROFLÁ" - romance

de Cosette de Alencar

Sem nada ter de extraordinário, "Giroflê, Giroflá", romance escrito pela sra. Cosette de Alencar, pode ser considerado, no entanto, como excelente. Contem uma síntese do drama da classe média, das mazelas da sociedade, dos vícios da política partidária e dos desajustamentos da administração pública, mostrando também, atrás de tudo, a tendência para a acomodação que, em Minas principalmente, limita as perspectivas e as aspirações do homem comum.

A autora revela-se uma analista de primeira ordem dos mistérios da psicologia humana e dos problemas sociais que distinguem a realidade nacional hoje em dia, enquanto desenvolve a sua história, que tem como personagem principal um burocrata desencantado consigo mesmo, com a vida e com o meio em que se movimenta. É um livro afinado com o tempo e com o ambiente mineiro e que se torna mais atraente ainda em virtude da pureza da linguagem, da coesão e equilíbrio existente entre os numerosos capítulos.

O pedido de publicação feito pela autora deve ser atendido, pois o livro situa-se no nível dos que podem valorizar as edições da Imprensa Oficial.

a) Odair de Oliveira membro da
Comissão de Seleção de Ouginais da Imprensa Oficial que outorgou a
Belo Horizonte, 28 de maio de 1970. giroflê, classificação entre os 10 melhores de 69.

**ANEXO M – TELEGRAMA RECEBIDO DO MURILO RUBIÃO INFORMANDO A
COSETTE SOBRE A CLASSIFICAÇÃO DO SEU LIVRO.**

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAMAS		TELEGRAMA	
NÚMERO DE EXPEDICÇÃO	Recebido: <i>[assinatura]</i> De: <i>[assinatura]</i> às: _____ horas por: _____	CARIMBO DA ESTACÇÃO	COSETTE DE ALENCAR
		INDICAÇÕES DE SERVIÇO TAXADAS E EMERGENS	MAL DEODORO 737JFORANG
PREÂMBULO		213 DE BHZORIZNTEMS =3636==19==11=19	
<p>O preâmbulo contém as seguintes indicações de serviço: espécie do telegrama, estação de origem, número do telegrama, número de palavras, data e hora da apresentação.</p>			
<p>HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER. COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.</p>			
SSINATURA	SEU LIVRO CLASIFICADO ENTRE OS DES MELHORES DA IMPRENSA OFICIAL		
	MURILO RUBIÃO		

Fonte: Documento datiloscrito fotografado do fundo da escritora que está sob a guarda do MAMM.

ANEXO N – AGRADECIMENTO DE ELYSIO CONDÉ, ENVIADO À COSETTE DE
ALENCAR.

JORNAL DE LETRAS
DIREÇÃO
ELYSIO CONDÉ

1968-1969

Agradeço os parabens pelo prêmio
Estácio de Sá e formulo sinceros votos de
felicidade para 1969.

Mais uma vez agradeço a cobertura
que V. vem dando ao JORNAL DE LETRAS e es-
pero que este ano possa continuar a mere-
cer toda a sua simpatia.

Elysi Condé

Fonte: Documento datiloscrito fotografado do fundo da escritora que está sob a guarda do
MAMM.

ANEXO O – FOTO DE LAÍS CORRÊA E AFFONSO ÁVILA NO LANÇAMENTO DE SEU LIVRO.



Affonso com Laís, no lançamento de O Lúdico, em Juiz de Fora, Museu Mariano Procópio, 1971.

Fonte: Foto retirada do livro FORTUNA crítica de Affonso Ávila. 2006, p. 267.